

Revista da Semana

Ano XLIV = N.º 50 = Cr\$ 1,50 em todo o Brasil = 11 de Dezembro de 1943



Um presente
de Papai Noel



Uma visita à *Casa Lú* facilitará a V. Exa. a escolha de um presente de Natal. A *Casa Lú* se esmerou em proporcionar a V. Exa. o conforto de um ambiente agradável e distinto, onde V. Exa. encontrará sempre bom gosto, qualidade e preço.

VESTIDOS — CHAPÉOS — COSTUMES — LINGERIE — "SPORT" E PRAIA — BOLSAS — LUVAS
MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú
Modas

ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS

PARATODOS



LINDA
e
SAUDAVEL!

porque ela não **ESCONDE** os defeitos da sua cutis, mas **CORRIGE-OS** com o
OLEO de VIOLETAS
de Mme. GRAÇA

que não é uma "máscara" para a mulher, mas um produto que tonifica e refresca a cutis, dando-lhe uma impressão LINDA E SAUDAVEL!

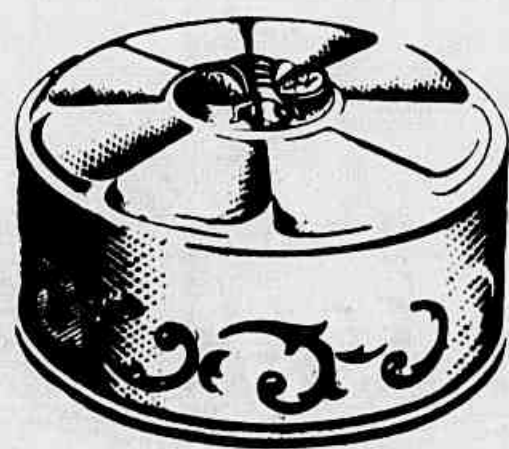
Experimente
também —

CREME ANTIRUGAS
contra a flacidez dos músculos
LOÇÃO ACNÉA, para
espinhas e cravos.
BALSAMO BRANCO
para clarear a pele.

CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO- RUA DA ALFÂNDEGA, 181- RIO
DISTRIBUIDORES: ESPANA PARAMÉS & IRMÃO.



Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Belezas Yardley e Talco Lavender. Assim, seja se obtem o seu quinhão.

88 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND



bido, irmanados no mesmo ímpeto, o vulto venerável de Barroso, com as suas barbas brancas, ao lado da figura radiosa de mocidade de Marcílio Dias; a fibra inquebrantável do velho Inhamatã junto da juventude de Mariz e Barros, seu filho martir; a imagem simbólica de Tamandaré perto da adolescência soberba de Greenhalg. Nivelavam-se as idades e as hierarquias, nessa tragédia em que, de par com os anciãos, dirigiam esquadras comandantes tão moços como os marechais de Napoleão.

Foi aí que surgiu para a História o marinheiro que já existia e que continuou a existir. O heroísmo objetivado foi o formador de uma série de exemplos que se concretizaram.

O marinheiro de hoje não poderá valer mais do que o de então; mas não vale menos. Palpita-lhe nas veias o mesmo sangue vivificador e quente; veste-lhe o ânimo o mesmo idealismo sagrado; dita-lhe as atitudes o mesmo estoicismo a abrolhar ao sabor das contingências; norteiam-lhe as resoluções a mesma consciência de que

não é dono da própria vida. Tanto lhe faz hoje o amplo tombadilho erigido de canhões dos modernos couraçados, como fazia à sua progênie a estreita coberta dos velhos patachos, que as abordagens transmudavam em pequeninos campos de batalha. As exterioridades podem diferir; mas a essência é uma só, imutável, inquebrantável, eterna, porque o marinheiro é o mesmo. A oportunidade terá de descobri-lo sempre, onde quer que esteja, porque ele existe, personalíssimo e inconfundível, à espera do instante da provação, para emergir da sombra modesta, impelido para a claridade deslumbradora.

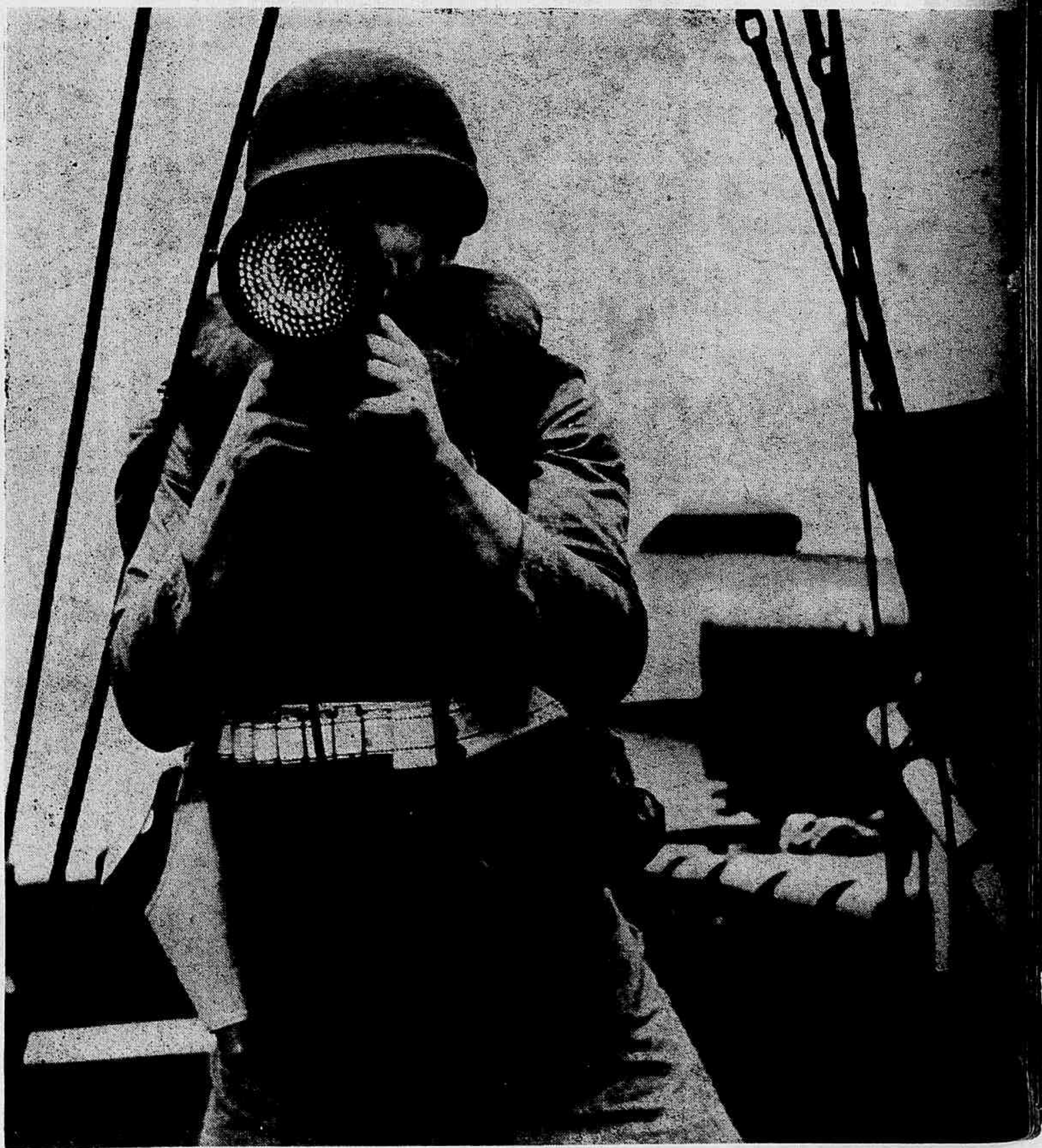
Neste momento, está ele sobre as ondas. Cruza as águas perigosas do Atlântico meridional, numa incessante caminhada. Patrulha. Vigia. E' o argonauta lendário; é o fenício ousado, ancestral do homem do mar. A Pátria pode confiar. Ele está desperto, pronto, decidido. E dará tudo à Pátria; e se não dá mais do que a vida é — como disse o poeta — “que mais não pode dar quem mais não tem”.

Na Semana do Marinheiro

Christiano

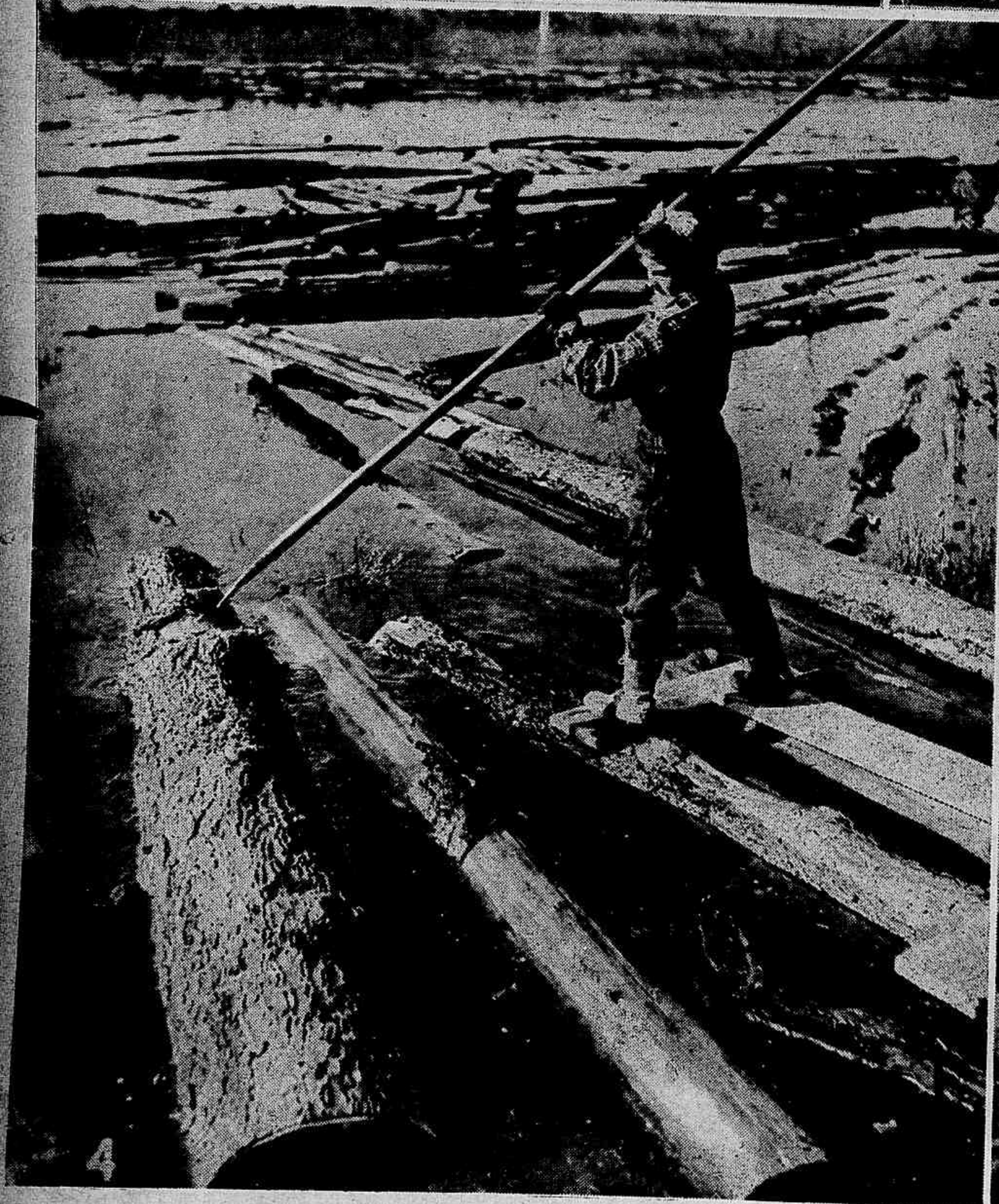
Marinheiro Brasileiro, que deve ter existido ignorado, anônimo, confundido com os reinóis da época colonial, no ciclo da dominação holandesa, apareceu definido e nacionalizado desde a peregrinação consolidadora da Independência, na frota de Cochrane e nas jornadas libertadoras de Itaparica, em que fulgiu a intrepidez de Oliveira Botas. Já então a experiência do lord, futuro marquês do Maranhão, pressentia no vulto de um menino a majestade de um herói, e vaticinava a glória de Tamandaré, afirmando ao Imperador que aquela creança de treze anos ainda seria o Nelson Brasileiro. O conde Dundonald, na síntese maravilhosa de uma antevisão profética, descortinava o imenso panorama de bravura e sacrifício que os marinheiros do Brasil bordariam através das páginas da nossa História.

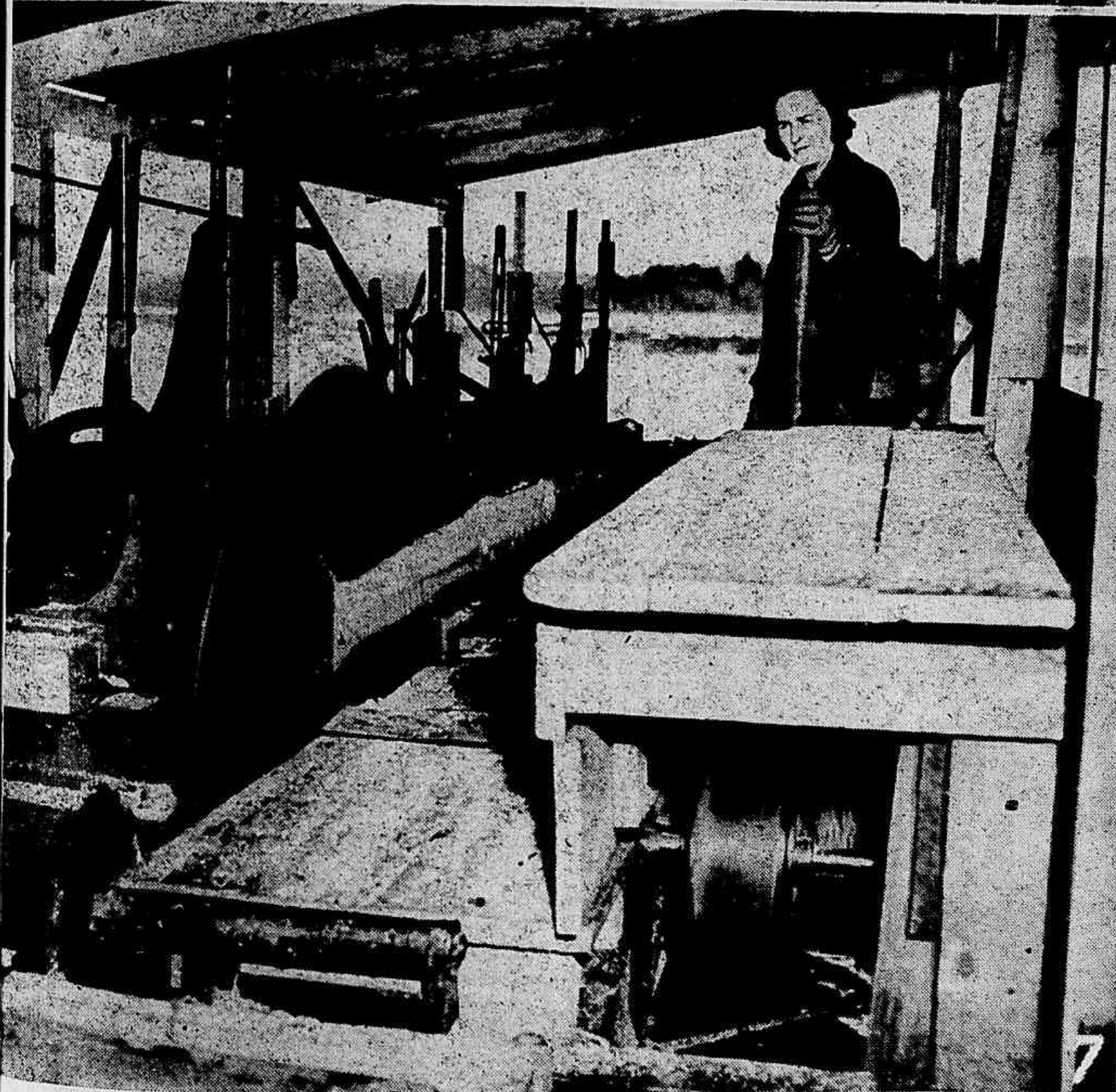
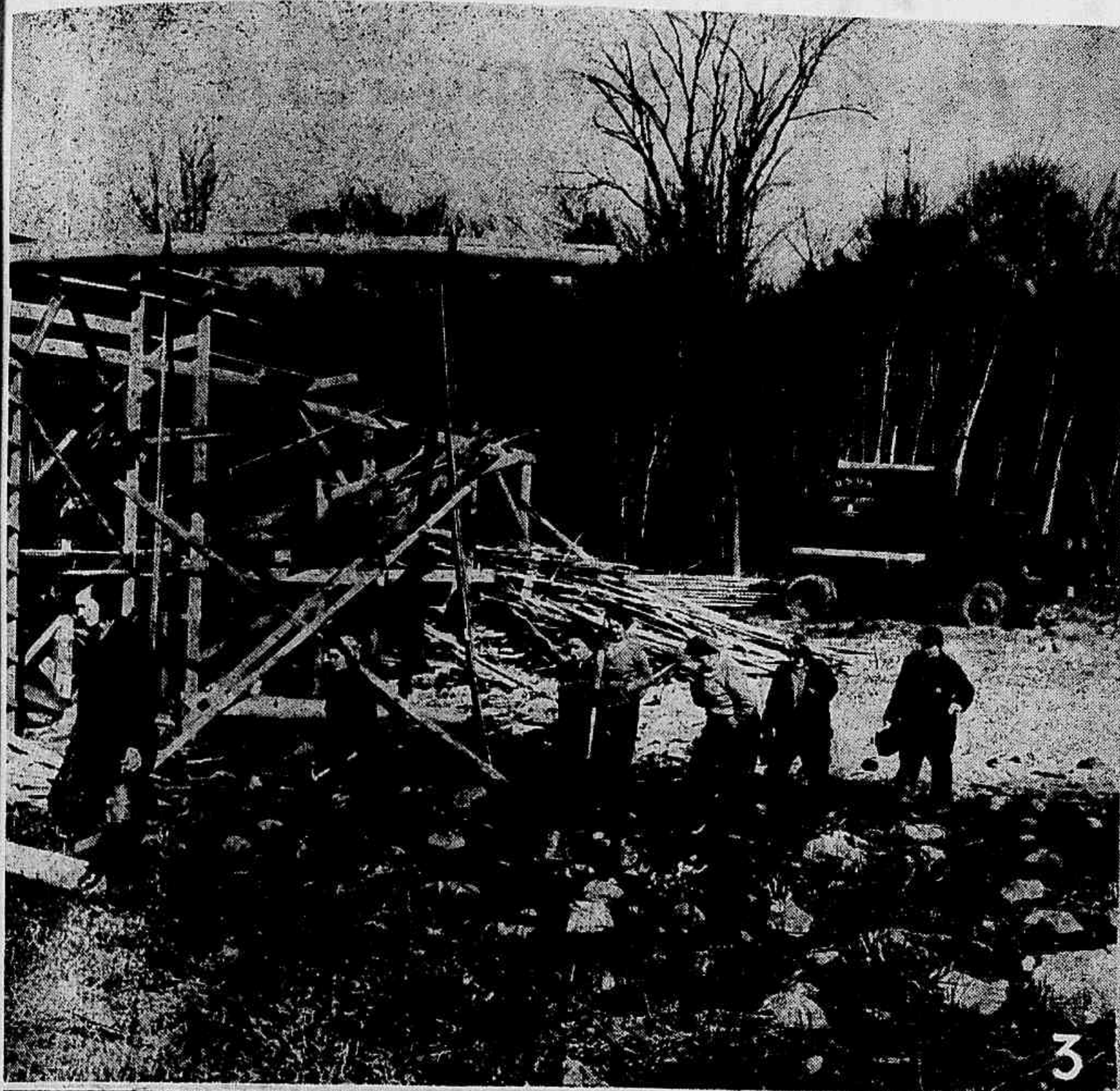
Parece que a previsão de lord Cochrane tinha o dom de devassar o futuro, e que ele imaginava o que haveria de ser o marinheiro prodigioso, ao lançar à posteridade o seu vaticínio feliz. Deve ter pressentido, com a justeza dos testemunhos oculares, as etapas nimbadas de arrojo e decisão, os embates formidáveis, os lances de epopéia, todo o desfilar de momentos que se eternizaram. Deve ter vislumbrado o cenário convulsionado do sul do país e perce-



"BABIES" NA FLORESTA

(Reportagem fotográfica e legendas de GEORGE WOODRY)





1 — Essas três jovens lenhadoras demonstram sua coragem e habilidade mudando uma vida tranqüila de divertimentos pelo difícil emprego que têm agora.

2 — "Pic-nic": Está na hora do almoço e as garotas podem comer descansadamente depois de uma faina estafante.

3 — Antes das oito elas vão para o trabalho vestidas tipicamente com suas botas de sola de pregos e a blusa de riscado.

4 — Aqui observamos a perícia com que Norma Webber ageita a madeira para seguir rio abaixo.

5 — Duas lenhadoras, Mildred Soboll a que maneja o martelo e Norma Webber a que coloca o cabo para unir as toras, demonstram como se trabalha com eficiência e elegância.

6 — Noutro setor, Bárbara Webber opera movimentando o cabo. Isto não é positivamente para garotas cinetamatográficas, pois não?

7 — Mrs. Laura Willey observa o corte dos troncos para seguir viagem. Atualmente expertam imensa quantidade de madeira para a construção de barragens para nossas tropas e lares para a defesa dos trabalhadores.

8 — Muito bem, Mildred, você pela atenção e perícia com que executa seu trabalho merece um prêmio, isto é a gratidão de seus compatriotas.

(Texto na pág. 7)

ESCRAGNOLLE DORIA

A ultima Camara do Imperio

TRABALHADO por divergências partidárias e rivalidades pessoais, em Maio de 1889 o partido conservador desceu do governo do país. Sem união, portanto sem força, os chefes conservadores não podiam enfrentar e resolver as questões politico-sociais então de tumulto na vida nacional.

Ao alvorecer Junho de 1889 deu-se o que entrava por olhos de cegos (a cegueira é mal partidário): ocorreu o advento ao poder dos liberais. Vinham mais uma vez à não do Estado da frase feita, posto ao leme um outrora ministro da marinha civil que, no momento da guerra do Paraguai, se revelára capaz, energico, experiente em verdes anos.

Tal ministro, em 1889, era o visconde de Ouro Preto, organisador e presidente de ministerio. A 11 de Junho de 89 apresentava-o ao Senado e à Camara dos Deputados. Esta, de imagem conservadora, se sabia de dias contados. Recebeu o gabinete a ponta de lança. Discursos violentos imprimiram à tarde legislativa de 11 de Junho uns tantos aspectos revolucionarios. Desde a Maioridade a Camara os desconhecia.

Ouro Preto afrontou as iras adversarias com a soberberia habitual. Com ela, o vira Machado de Assis encarar multidão amotinada em 1879, ao tempo do ministerio Sinimbu. Dez anos depois, seria Ouro Preto ainda o altivo ao contestar Deodoro na cena de 15 de Novembro no salão do Quartel General do Campo.

A 17 de Junho os vitalicios do Senado e os temporários da Camara ouviam ler decreto de dissolução da Camara, nova assembleia convocada extraordinariamente para 20 de Novembro.

A dissolução de Camara sempre anunciava partidas por mar e por terra. Cada dissolvido ia à sua provincia tratar de reeleição, vigiar urnas, contar votos, conter votantes menos leais. A lei eleitoral de 1881, permitindo derrotas de ministros, impunha cautelas, mormente a quem pela primeira vez se candidatava. Cumpria sobretudo evitar segundo escrutinio e não dar margem a contestações e anulações no reconhecimento de poderes de temido cutelo.

As eleições foram marcadas para 31 de Agosto de 1889, pouco antes o corpo eleitoral convocado a preenchimento de vagas senatoriais.

A noticia das votações do fim de 1889 veio chegando ao Rio de Janeiro em geral por via telegrafica. Conhecendo a imprensa carioca o interesse publico por tais novas, dava-se pressa em passar para papel de jornal o que recebia em papel de telegrama.

As votações dos tres distritos eleitorais do municipio da Corte estavam ao alcance de imediata satisfação de curiosidade. Os collegios de instrução têm pedra e giz ano inteiro. Para registrar o resultado das votações dos collegios eleitorais da Corte serviam-se de pedra e giz as redações dos jornais, em frente das mesmas estacionados curiosos ou interessados por conta propria ou alheia.

Desde os ultimos dias de Outubro de 1889, à vista dos resultados eleitorais, previa-se a composição da proxima Camara. Sua maioria apoiaria, sua opposição combateria situação portadora de idéas havia pouco discutidas em Congresso Liberal.

Em a nova Camara iam figurar dous ministros a principio extra-parlamentares, o barão de Ladario, e o visconde de Maracajú, detentores das pastas da Marinha e da Guerra, o primeiro eleito representante do Amazonas, o segundo de Sergipe.

Na Camara ia figurar tambem um jornalista de ferreo e respeitado pulso, Carlos de Laet, estreante politico eleito pela Paraíba e por Mato Grosso. Dar-lhe-ia companhia outro estreante politico, Fausto Barreto, colega de Laet no magisterio do Collegio de Pedro Segundo, na Camara desde muito outro professor do Collegio, o barão de Loreto, então ministro, Fausto Barreto acabára de exercer a presidencia do Rio Grande do Norte, eleito deputado pelo Ceará, provincia natal, com isto obtendo rapida segunda promoção politica.

Senado e Camara aguardavam a abertura solene da Assembleia Geral celebrando sessões preparatorias. A 2 de Novembro de 1889 a Camara recém-eleita realisava primeira sessão preparatoria. A escolha do dia de Finados para início de trabalhos legislativos a supersticiosos pareceu de

mão agouro. No momento, em ameaça às instituições ouviam-se rumores subterraneos, noticias desfavoraveis andavam no ar. O governo tinha ciencia de rumores e noticias, mas a epoca ainda era de confiar confiando.

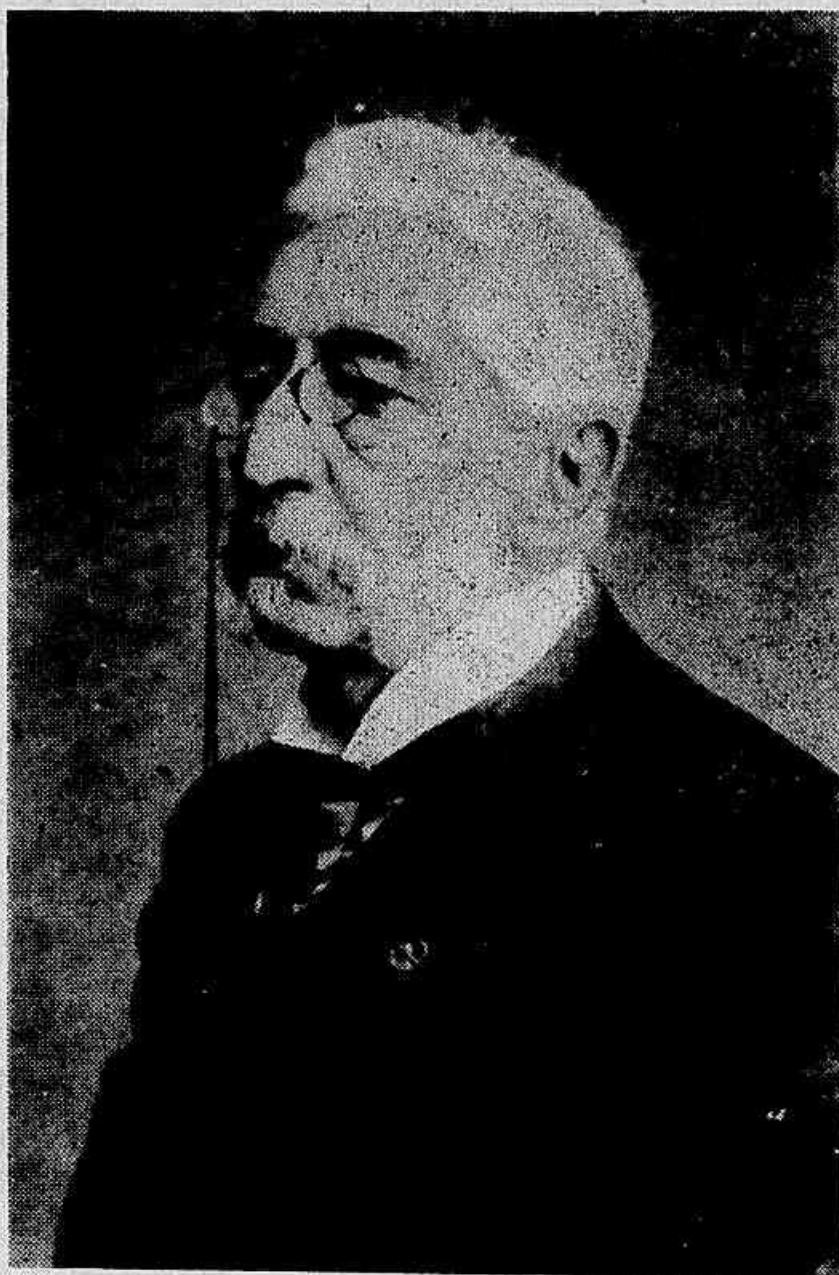
No sabado 2 de Novembro de 1889, a Camara, presidida pelo deputado bahiano Barbosa de Almeida, elegeu Mesa Provisoria da qual membros os deputados Carlos Affonso, Barbosa de Almeida, Aristides Spinola, Pedro Beltrão, barão de Paraná e Custodio Martins, respectivamente presidente, vice-presidente, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º secretarios.

Na mesma sessão a Camara sufragou comissão para exame de diplomas e ouviu discursos breves de Affonso Celso Junior e Matta Machado acerca da eleição do deputado Francisco Badaró pelo 19.º distrito eleitoral de Minas.

Quasi às duas horas da tarde a Camara levantava sessão, que nem sempre celebrava aos sábados. A circunstancia de reunir-se pela primeira vez a 2 de Novembro levaria a voz popular a chamar à incipiente assembleia a Camara de Finados. Por sucessos posteriores o nome ficou historico.

No domingo 3 de Novembro a Camara ocupou-se de diplomas, liquidos ou contestados, aqueles numerosos, estes alguns. Tres comissões de inquerito examinariam a massa dos diplomas.

Nas salas das comissões, tribunais de julgamento



O Visconde de Ouro Preto, chefe do ministerio que presidiu às ultimas eleições do Imperio.

com apelação para Camara plena, contestantes e contestados discutiriam eleições, em duvida algumas do Maranhão, da Bahia, do Espirito Santo, da Paraíba e de Minas. Enquanto isto a Mesa da Camara ia pondo tranquilamente na ordem do dia pareceres e pareceres aprovando eleições liquidas.

A Mesa Provisoria acabou substituida por outra definitiva, composta dos membros da anterior. De sessão em sessão preparatoria a Camara chegou a 14 de Novembro, cientificada então pela Mesa do Senado de ir esta officiar à Camara a fim de ser pedida ao imperador designação de dia e hora para a missa do Espirito Santo, rezada na Capela Imperial poucas horas antes da abertura da Assembleia Geral.

O anuncio do Senado à Camara significava haver na Corte numero legal de senadores e deputados necessarios ao funcionamento regular do corpo legislativo. E a 14 de Novembro, quando se dirigia à Camara, o Senado ouvia a leitura de cartas imperiais nomeando senadores pelo Ceará, Nogueira Acioly, pela Bahia, Carneiro da Rocha, pelo Rio de Janeiro, Andrade Pinto, por Minas, Carlos Peixoto.

Na propria manhã de 15 de Novembro reunio-se a Camara presidida por Barbosa de Almeida, com a presença de 23 deputados. Aprovou pareceres reconhecendo deputados pela Bahia e por S. Paulo os drs. Elpidio de Mesquita e Ulhôa Cintra.

Em 13.ª e ultima sessão preparatoria assim existio a ultima Camara dos Deputados do Imperio à espera de poucas horas para funcionamento ordinario.

Mal findava a sua derradeira sessão pelo edificio da Camara passavam forças vindas da proclamação da Republica. De janelas da Camara o deputado Zama lançava vibrante protesto contra a subversão de regimen nascido com a Independencia para independencia geral de nação e de seus componentes livres.

A Secretaria da Camara dos Deputados organisou relação dos deputados brasileiros de 1821 a 1889, pronto o trabalho a 11 de Novembro de 1889. A lista então completa ficou faltando ou-

tra suplementar, a dos muitos deputados que a 15 de Novembro iam compôr a ultima Camara do Imperio, declaradas liquidas as suas eleições, passando eles a juizes das eleições contestadas.

Ajuntando lista suplementar à da antiga Secretaria da Camara, aqui fica apresentada, e quem sabe se poderá prestar serviço ou satisfazer curiosidade de quantos queiram lançar vista de olhos sobre o passado nacional.

A 15 de Novembro de 1889 o Brasil eleitoral já deixara na Camara os seguintes deputados:

Amazonas — José Lustosa da Cunha Paranaguá e barão de Ladario.

Pará — Tito Franco de Almeida, Felipe José de Lima, barão de Guajará, Teotônio Raimundo de Brito, Geraldo de Souza Paes de Andrade.

Maranhão — José Rodrigues Fernandes, Antonio Joaquim de Sá Ribeiro, Manoel Bernardino da Costa Rodrigues, Custodio Alves dos Santos, Carlos Vianna Ribeiro.

Piauí — Joaquim Antonio da Cruz, Joaquim de Sampaio Castello Branco e barão de Loreto.

Ceará — Fausto Carlos Barreto, José Mendes Pereira, Antonio Joaquim Rodrigues Junior, Joaquim Felício de Almeida Castro, Manoel Coelho Bastos do Nascimento, Francisco Sá, Alvaro Caminha Tavares da Silva.

Rio Grande do Norte — Amaro Bezerra Cavalcante.

Paraíba — Irineu Ceciliano Joffily, Franklin Dantas de Góes, Graciliano Aristides Prado Pimentel.

Pernambuco — Joaquim Nabuco, Pedro Beltrão, José Maria de Albuquerque Mello, Aristarco Xavier Lopes, Lourenço de Sá e Albuquerque, João Augusto do Rego Barros, Praxedes de Souza Pitanga, Antonio de Siqueira Cavalcanti.

Alagoas — João Lins Cansação de Sinimbu Junior, Pedro Nolasco Buarque de Gusmão, Sancho de Barros Pimentel, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

Sergipe — Jovinião Ramos Roméro, visconde de Maracajú, João José do Monte.

Bahia — Antonio Barbosa de Almeida, Antonio Gonçalves de Almeida, Francisco Sodré Pereira, Antonio Carneiro da Rocha, João dos Reis de Souza Dantas, Jeronimo Sodré Pereira, Aristides Cezar Zama, Aristides de Souza Spinola, Juvencio Alves de Souza, José de Aquino Tanajura, Elpidio Pereira de Mesquita.

Espirito Santo — José de Carvalho Muniz Freire.

Município da Corte — Barão de Paraná, Henrique Alves de Carvalho, Adolfo Bezerra de Menezes.

Rio de Janeiro — Pedro Luís Soares de Sousa, Manoel Rodrigues Peixoto, Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, Manoel Pamplona de Menezes, barão de Sousa Lima, Pedro Gordilho Paes Leme.

S. Paulo — Augusto de Souza Queiroz, Antonio José Ferreira Braga, Arthur Candido Rodrigues, Joaquim Pinto da Silveira Cintra e conde do Pinhal.

Paraná — Generoso Marques dos Santos e Manoel Alves de Araujo.

Santa Catarina — João Silveira de Souza e Adolpho Olympio de Souza Pitanga.

Minas — Ovidio João Paulo de Andrade, Custodio José Ferreira Martins, Carlos Affonso de Assis Figueiredo, José Custodio de Souza Vianna, Henrique de Magalhães Salles, Francisco Xavier Rodrigues Campello, Silviano Brandão, Olympio Oscar Vilhena Valladão, José Joaquim de Oliveira Penna, Bernardo Pinto Monteiro, João da Matta Machado, José Ferreira Pires, Francisco de Paula Mayrink.

Goiás — Leopoldo Augusto de Bulhões e André Augusto de Padua Fleury.

Mato Grosso — Carlos Maximiano Pimenta de Laet.

Rio Grande do Sul — Antonio Eleuterio de Camargo, Joaquim Pedro Salgado, Joaquim Antonio Vasques, Francisco Antunes Maciel, José Francisco Diana.

Quem conhecer historia parlamentar nossa, na lista dos representantes da nação na ultima Camara dos Deputados do Imperio encontrará os nomes dos que fieis às suas crenças não reapareceram na cena politica e os nomes dos que nela continuaram, aderindo logo à nova ordem de cousas. Cada um scube de si, Deus de todos.

"BABIES" NA FLORESTA

(Continuação da pág. 5)

Antigamente os lenhadores que desbravavam as extensas regiões florestais dos Estados Unidos na lucrativa industria madeireira viam, com espanto sempre crescente, as mulheres invadirem os dominios da atividade masculina como fábricas, escritórios, aviação, etc. E diziam orgulhosamente: "ora eis aqui uma profissão que não agrada nunca às mulheres." E à maneira dos nossos mineiros de Morro Velho que têm como "tabú" a entrada da mulher nas galerias, os lenhadores e os guardas-florestais viviam perfeitamente tranquilos no seu retiro "só para homens". Mas um dia... isto é porque "a vida começa e acaba num segundo" muitos daqueles lenhadores foram convocados. A garra amarela estendia-se sobre as ilhas do Pacífico e dos mares orientais, ameaçando a soberania americana. Tio Sam nem precisou apelar para a boa vontade de seus homens e os contingentes militares seguiram para terras longínquas para vingar o massacre das Filipinas e a traição de Pearl Harbour. Foi então que os velhos lavradores viram chegar, para substituir os rapazes convocados, aquela turma enorme de mulheres. Num ultimo protesto — e protesto bilioso dos conservadores — clamaram: "Isto aqui não é serviço de manicure nem escola dramática: muito menos aplicamos testes cinematográficos. E, nas crônicas de trabalho dos bosques ou do transporte de tóros pelo rio, não consta eleição alguma para o título de "Miss guarda-florestal", "Miss Bosque de Pinheiro" ou qualquer coisa semelhante.

Elas porém nem responderam. Vestiram a rude indumentaria, calçaram as botas de pregos na sola, e começaram o trabalho. Afinal todos precisavam pagar o seu tributo no esforço bélico da super-produção. Tio Sam — possuíam toda certeza — ficaria satisfeito com elas. O trabalho era arduo. Perigoso. Quando o vento soprava forte um fosforo jogado por distração causava incendios terríveis. Não haveria tempo para festas e institutos de beleza. E até mesmo para romances, porque os guardas florestais, os mais jovens e mais belos estavam muito longe dali, possivelmente na Nova Guiné ou na Itália.

Na Inglaterra, as mulheres nos trabalhos fabris, no campo ou nos hospitais tinham sido o braço direito da *revanche* britânica. O rei e Mr. Churchill reconheceram o fato publicamente. O inimigo asiático da América não era melhor que o inimigo europeu. Torna-se preciso um esforço gigantesco para vencer a guerra nos dois setores. Quais as primeiras condições para isso? Saúde e boa vontade.

Se bem pensavam melhor agiram as garotas. E há pouco tempo quando um reporter entrevistou os conservadores biliosos, eles responderam num sorriso — um sorriso largo, sadio e satisfeito — : "Trabalhar? E só com essas garotas como auxiliares! Nunca pensei que as mulheres possuíssem tal fibra. Bendito seja Deus por nos ter dado companheiras esplêndidas como essas."

Muitas vezes essas garotas têm que carregar, durante grandes distancias, troncos pesados como este. Entretanto, as irmãs Webber, juntamente com Mildred Soboll, aprenderam a técnica e ao que parece estão bem satisfeitas.



Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estomago, a lingua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, palpitações, nervosismo, falta de ar, sufocação, opressão no peito ou no coração, certas doenças da pele, queda dos cabelos, mal estar depois de comer, dores no corpo ou nas articulações, preguiça e moleza geral, dores, colicas e outras perturbações do ventre, do figado e baço, muita sede e quentura na garganta, ancias e vontade de vomitar, prisão de ventre, mau halito, indigestão, arroto, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substancias infectadas e fermentações toxicas no estomago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata todos estes sofrimentos porque faz muito bem ao sangue, figado e baço, tonifica as camadas musculares do estomago e intestinos, e os limpa das substancias infectadas e fermentações toxicas, que tão grande mal causam aos nervos, ao cerebro, ao coração, rins e a todos os órgãos do corpo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe

& Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos

— Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Cons-

tituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 —

Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



Não ha moça que, até por força de sua condição humana, não alimente a mais bela e doce aspiração da vida: ter um lar feliz em todos os aspectos.

Por isso, neste apagar de luzes do

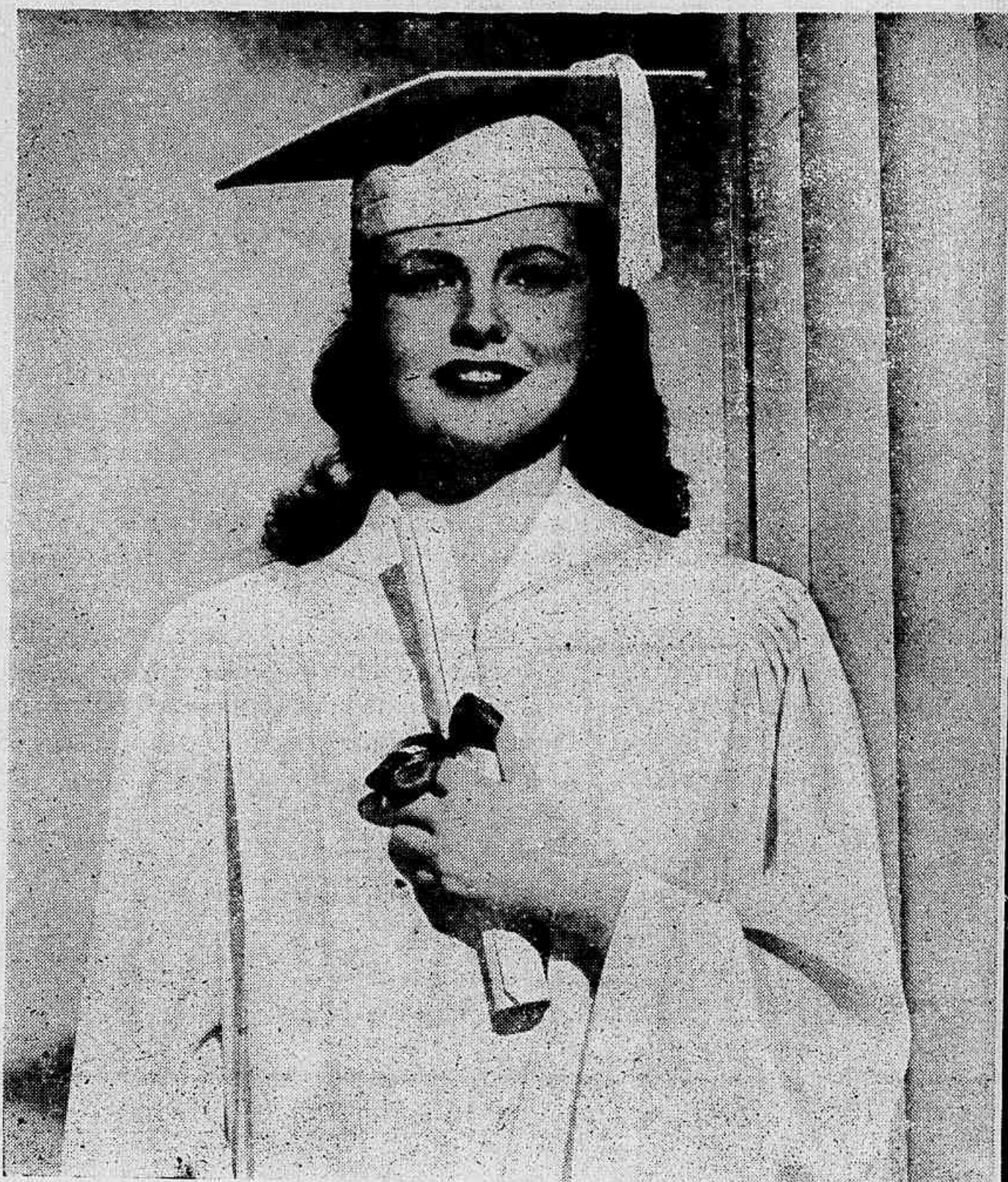
nosso atribulado 1943 — que poderia ter sido muito peor — oferecemos às nossas mui prezadas leitoras a composição que vai na capa.

Que Papai Noel traga às nossas queridas amiguinhas o presente ali simbolizado, o qual em nenhum sentido cabe no sapato mas no sentido especial que lhe atribuímos enche inteirinho o cotão.

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipotese.

O ENXOVAL DE JOAN LESLIE

INTERPRETAÇÃO
DE
SUSAN RHODE



Depois que recebi meu diploma,



muitas vezes acordava durante a noite,



sentava-me numa poltrona e pensava: que farei agora? lutarei pela minha carreira artística, serei uma grande estrela ou... ou me casarei logo? Afinal mamãe sempre afirmou que o casamento é a única e definitiva carreira para a mulher. E depois, quando a gente gosta... Sim, por certo, um marido carinhoso e educado, um lar confortável, e os babies... Então imaginava-me escolhendo o meu enxoval; por exemplo, para a viagem levaria:



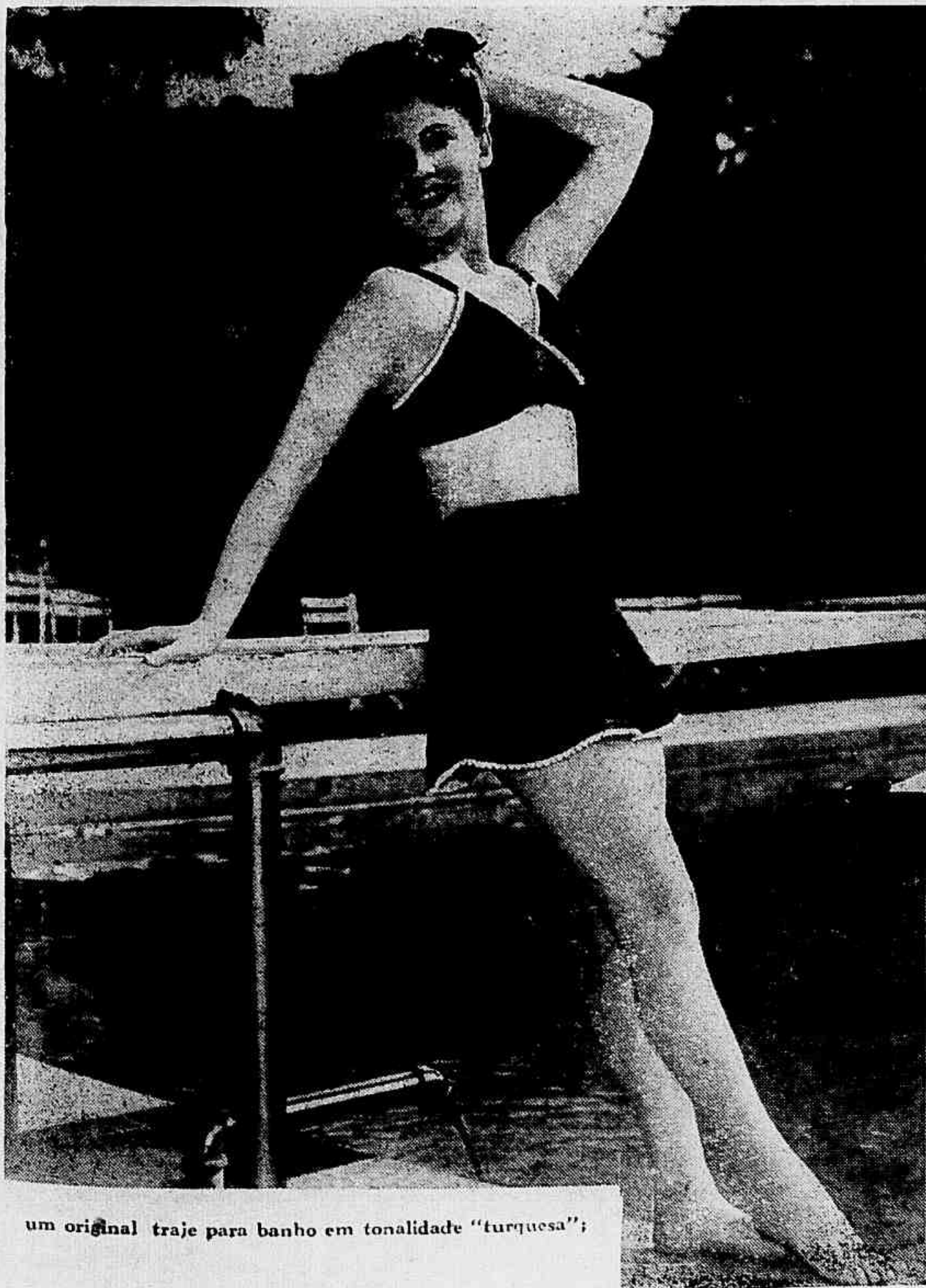
um costume de fino tropical azul com listras mais claras, que usaria com uma blusa branca e acompanhado por um lindo chapéu de palha com fitinhas azul marinho.



E para os deliciosos dias de lua de mel nas montanhas um vestido de "laise" branca com um grande chapéu do mesmo tecido;



um traje á camponesa de "faille", cereja ornado de rendas, e armonisando-se com a blusinha branca;



um original traje para banho em tonalidade "turquesa";



"slacks" verde esmeralda e blusa estampada de fundo "beige";



Quando voltasse ao nosso primeiro "cock-tail" num bar elegante iria com o conjunto "blanc et noir"; isto é com maravilhoso vestido em seda negra e bordado a branco e prata, completado pelo elegante chapéu em palha negra;



Ao primeiro jantar no Waldorf, apresentar-me-ia impecável em negro num originalíssimo modelo, tendo como ornamento apenas o cordão que "ele" me oferecera quando éramos noivos.



Para um baile, entretanto, iria com um vaporoso vestido de organza com o corpete bordado a lantejoulas e um laço de "tulle" ao pescoço como as românticas de outrora. Toda gente diria: "Como está bonita! Parece até uma noiva"...



Quando chegasse a esse ponto então, senhores, é que me revia como uma noiva. Uma noiva com rendas e pérolas, ou melhor com "tulle" e bordados. Mas ajudem-me, sim, ajudem-me por favor dizendo a verdade: "Como preferem: o véu armado assim, com botões de rosas?"

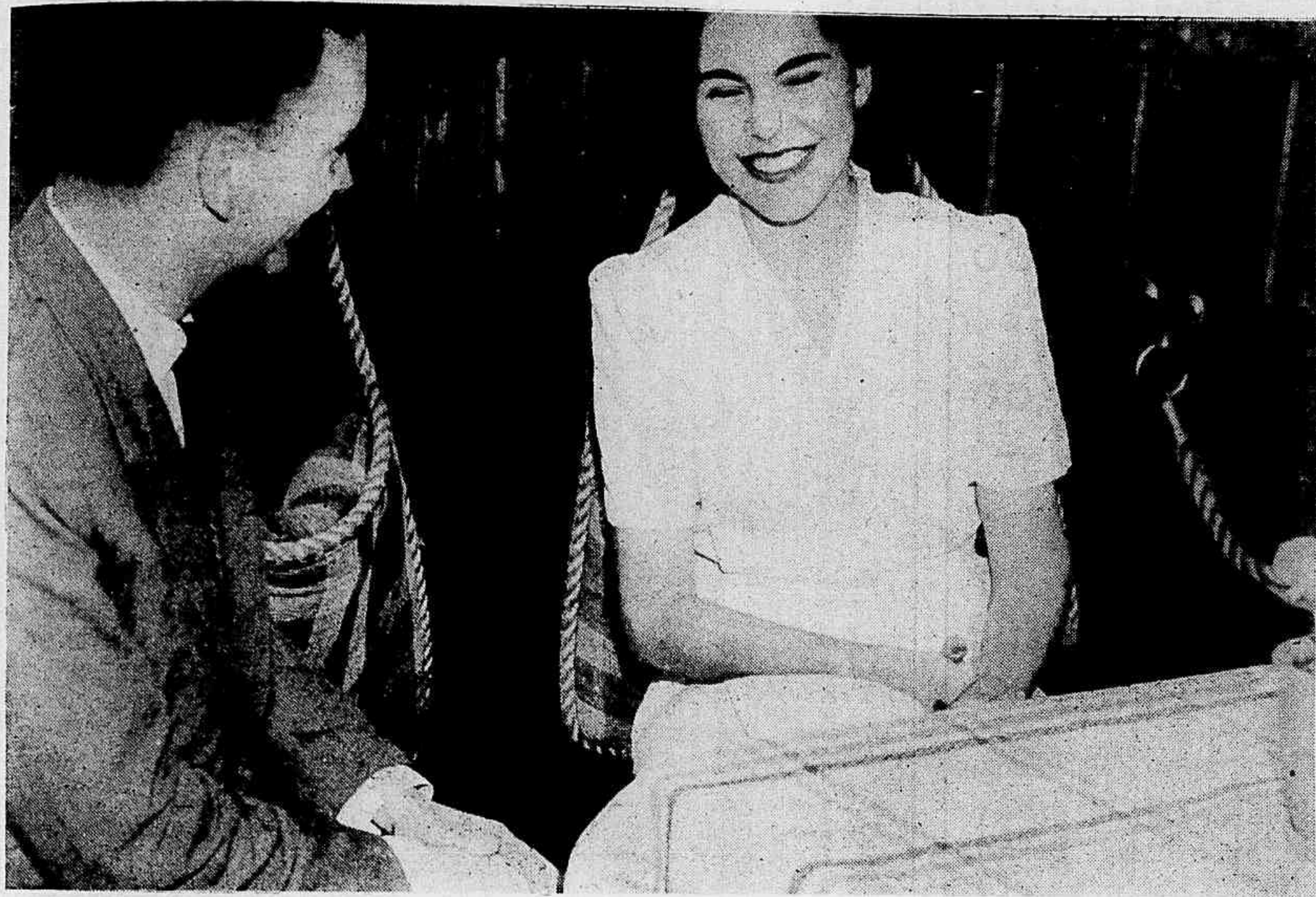


Ou assim, com raminhos de "muguets"?
Muito obrigada. Vocês têm toda a razão. Eu também prefiro este. Quando me casar, entretanto, mandarei convites. Podem esperar. E que minhas sugestões sejam bem aceitas.
(Fotos Warner).

ENCONTROS COM STELA LEONARDOS

Preferiria inspirar versos a escrevê-los. Se fosse rapaz seria boêmio.
Quando está na plateia sente-se capaz de desafiar o mundo.

Reportagem de MOACIR SIMARDI



Stela Leonardos da Silva Lima, quando era entrevistada pelo nosso companheiro, num recanto do "bar" na sua casa do posto 6.

curando entender as antologias. Aos sete recitava como um papagaio trechos imortais das *Páginas de Ouro da Literatura Brasileira*. Esse livro de Alberto de Oliveira, recebi-o com dedicatória do velho Mattos, da Livraria Quaresma.

Alberto de Oliveira frequentava a casa de Leonardos. E Stela lembra-se do tempo em que o poeta recitava as *Tres formiguinhas*.

— Eu escutava-o extasiada. E um dia ele me disse, rindo: "has de ser poetiza, menina". Ninguém contudo reteve a frase do nosso amigo. Nem mesmo quando fiz a primeira quadra de pé quebrado.

Mas o destino de Stela Leonardos era bem esse. Entregava-se com paixão às composições literárias, sem se preocupar com a matemática. Escreveu a primeira poesia aos 12 anos.

— Estava de castigo. Escrevi os versos, reguei-os de lágrimas e deixei-os ficar no travesseiro de mamãe. Claro que fui instantaneamente perdoada!

Aos quinze anos, era difícil ainda precisar a verdadeira vocação de Stela Leonardos. Prosa e verso andavam de mãos dadas.

— Minha bagagem literária abrangia cerca de umas duas duzias de historietas dentre as quais *Inspiração*, *Os candelabros*, *A caixinha de música* e *O ponto fraco*, já publicados em revistas. Foi Bastos Portela que poz o meu primeiro verso em letra de fôrma. Que emoção, meu Deus! Pouco a pouco *Vida Nova* e *Dom Casmurro* iam me abrindo as portas, por intermédio de Edgard Rezende e desse meu grande mestre Modesto de Abreu, cujo estímulo ainda hoje me impulsiona.

CONCLUE NA PAG. 14)

Foi no Teatro Municipal, quando se realizava o último ensaio de *Guizos e Clarins*, que tivemos a oportunidade de um primeiro encontro com a mais jovem poetiza do Brasil: Stela Leonardos. E é preciso dizer: ainda guardávamos o encantamento da sua presença e a maravilhosa música dos seus versos, quando cumprindo a promessa que nos fizera a poetiza de *Passos na Areia* nos recebeu no apartamento em que vive e ao qual mãos cuidosas e uma delicada sensibilidade imprimiram uma feição de retiro para o sonho. E' no último andar de um edifício do posto 6 que Stela Leonardos escreve seus versos. Bem longe do bulício das ruas e onde chegam apenas o ritmo do murmúrio das ondas e a carícia leve da brisa que vem do mar, suave e leve como uma sombra de começo de tarde.

— Sento-me todas as tardes naquelas escadas e sonho...

Estávamos no minúsculo gabinete, de trabalho da poetiza, e o repórter cedendo ao devaneio, já se preparava para a surpresa de ver surgir, desses misteriosos alçapões que encontramos nos empoeirados romances, um mundo inteiramente novo e onde houvesse também as escadas, quando Stela continua:

— Este quadro é de certa maneira a única evasão romântica que me permite.

Mas logo depois viria, como brando protesto, o ensejo de ficar conhecendo mais uma fuga para o romantismo:

— O tinhorão é a minha mascote. E, embora você não queira acreditar, se olharmos com bastante vontade de ver, na moldura verde da folha se desenhara a figura mais querida e por quem esperamos...

...Desistimos de averiguar até onde ia o sonho e começava a realidade. Tínhamos muito que perguntar a Stela Leonardos. Começamos pelo começo.

— Não me recordo com que idade comecei a escrever. Só sei que aos seis anos passava os dias lendo e pro-

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

EXTRACTO Nº 1113 B/Cx
EXTRACTO Nº 1114 C/Bx
EXTRACTO Nº 1115 C/Bx
LOCÃO Nº 1120
LOCÃO Nº 1121
LOCÃO Nº 1122
PO Nº 1150
BRILHANTINA Nº 1112
SABONETE Nº 1180
Nº 1100
Nº 1101
Nº 1100-F
Nº 1101-F
Nº 1102-F

A' VENDA EM TODO O BRASIL

Em todas as livrarias:

"MEMORIAS PARA SERVIR A' HISTORIA DO REINO DO BRASIL"

De Luiz Gonçalves dos Santos
(PADRE PERÉRECA)

Edição revista, prefaciada e anotada por NORONHA SANTOS

2 grossos volumes illustrados, preço. Cr\$ 100,00

Tiragem de 200 exemplares numerados, em papel especial inglez, em grande formato, preço. Cr\$ 500,00

PEDIDOS A'

Livraria - Editora Zelio Valverde

TRAVESSA DO OUVIDOR 27 — CAIXA POSTAL 2956 — RIO

Aos clientes do interior — Não encontrando no seu livreiro, peça pelo Serviço de Reembolso Postal.

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



TRANSPIROL

Livros

OS MELHORES CONTOS RUSTICOS DE PORTUGAL, selecção e prefacio de Jorge de Lima. — Rio de Janeiro, 1943.

A "Coleção Clássicos e Portugueses", que já, entre outros volumes superiormente organizados, nos dera os *Sonetos Completos e Poemas escolhidos*, de Antero de Quental; as *Prosas escolhidas*, do mesmo grande Antero; os *Gatos*, de Fialho de Almeida; as *Obras Completas*, de Gonçalves Crespo; *Os melhores contos históricos de Portugal*; as *Farpas*, de Ramalho Ortigão — agora nos oferece *Os melhores contos rústicos de Portugal*.

Serão, com efeito, os melhores? Poder-se-á extranhar que, entre estas obras, não figure alguma, por exemplo, de Julio Lourenço Pinto — que, tão poderosa e familiarmente ao mesmo tempo, retratou figuras, interpretou costumes, reproduziu paisagens do Douro, conquistando a admiração, nada facil como sabemos, de Camilo Castello

Branco — ou algum dos episódios montanhesez e pastoris de Monteiro Ramanho, que tiveram a honra de aparecer na *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz. . . A verdade porem, é que outros velhos leitores, em número incalculavel, poderiam indicar, no mesmo sentido, obras de sua predilecção ou de sua mais grata lembrança; e a edição que houvesse de as conter, a todas, não caberia num livro, encheria uma estante, uma prateleira pelo menos.

No presente volume, para o qual o sr. Jorge de Lima escreveu um prefacio animado de veemente, aguda nota pessoal, com efeito se encontram espécimes dos mais belos e sugestivos da literatura campestre de Portugal. Alguns são pouquissimo conhecidos no Brasil: assim *Na aldeia*, de Ramalho Ortigão; *O Barboza de Seins*, de Antero de Figueiredo; e a *Ana Fateixa*, de José Loureiro. Botas, nome este que a muitos leitores se ha de agora deparar pela primeira vez. A história dessa campônia, de extrema solicitude maternal, empenhada, acima de tudo, em casar os cito filhos, inclusivê a filha já de certo modo incompativel com tal ventura, simultaneamente diverte e comove. E

o final constitue um achado encantador. E' Maria Fateixa quem fala sobre aquela última vitória da sua diplomacia casamenteira:

— Agora qu'êla tá arrumada e que já p'sso falar, sempre les digo qu'havia dentro de mim uma coisa a dizer-me qu'êla havia de sei, dentro todas, a mais bem casada. E fui, por Deus!

De Raul Brandão — e precedidos dum elogio por Guerra Junqueiro — ha quatro contos, qual mais impressionante; de Trindade Coelho, tres das delicias narrativas d'*Os meus Amores* e ainda paginas excelentes de Pedro Ivo, Teixeira de Queiroz e D. João da Câmara.

UM PASSEIO PELA HISTORIA DO BRASIL, conferencias do professor Américo Jacobina Lacombe — Rio de Janeiro, 1943.

São quatro conferencias feitas perante a Sociedade Brasileira de Cultura Ingleza. O sr. Jacobina Lacombe dividiu o seu tema em quatro partes: A colonização, A era da Independencia, o Império Brasileiro, O Brasil Republicano. Dentro desses periodos, estudou os fatos e os personagens que mais significativos se tornaram ou maior influencia exerceram na vida e nos destinos do paiz. Teve, naturalmente, que ser breve, dando às suas exposições como aos seus comentários, um poder expressivo que os tornasse bastantes para a perfeita compreensão do auditorio — ou para a sua aprovação. E ainda lhe cumpria, pela criação adotada, aporhar e acentuar especialmente as circunstâncias em que a Inglaterra testemunhou ao Brasil, ainda colônia e depois de nação, o seu interesse amigo e a sua proveitosa dedicação.

O trabalho do sr. Jacobina Lacombe oferece a clareza e a segurança mais apreciaveis. Poderá alguém discordar — e que ponto consideravel da História não suscita opiniões divergentes e até os juizos mais antagonicos? — da sua maneira de interpretar quer a natureza de alguns sucessos quer a acção que neles tiveram os dirigentes ou responsaveis do momento. Não se pode, porém, duvidar nem da sinceridade do conferencista nem do engenho com que foram organizadas as quatro palestras, a última das quais assim termina:

"A ela (Inglaterra) devemos, julgamos ter provado nas palestras anteriores, alguns dos mais belos aspectos da nossa civilização cultural e política.

Foi sob a bandeira ingleza, disse eu na minha primeira palestra, que o Brasil viu chegar ao seu solo — num momento em que tudo prenunciava tão horribes convulsões — o simbolo de sua unidade e de seu progresso na pessoa de seu rei.

— foi sob o prestígio da mesma bandeira que conseguimos — disse-o na minha segunda palestra — entrar, pela mão de Canning, no concerto das nações.

— foi voltado para a Inglaterra que o Brasil — pelos seus maiores estadistas — conseguiu um ambiente de paz e de ordem que lhe assegurou um período unico de prosperidade e de dignidade.

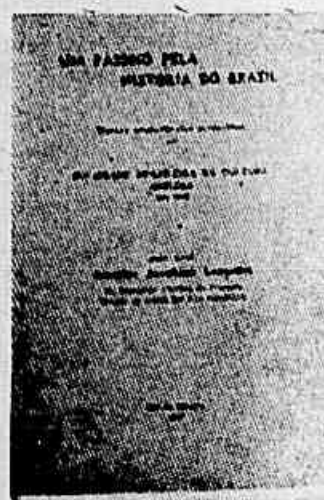
— que seja voltados para os ideais eternos dessa grande ração — mirando a mesma bandeira — que possamos vencer este novo temporal, tal qual o anunciou há quarenta e sete anos Rui Barbosa — fitando o ponto de onde há de alvorecer o dia futuro.

Assim Deus nos ajude."

OS NAZIS NA ILHA DO MISTÉRIO, O PALÁCIO SUBTERRANEO DAS ANTILHAS, histórias de Jerônimo Monteiro — São Paulo, 1943.

A Biblioteca Infantil Anchieta, que já publicara sete pequenos volumes de aventuras, obras originais ou traduzidas, e do próprio sr. Jerônimo Monteiro ofereceu ao seu público especial *O homem da perna só*, *O tesouro do Perneta* e a *Ilha do Mistério*, agora lhe traz duas histórias duma vez: *Os Nazis da Ilha do Mistério* e o *Palácio Subterraneo das Antilhas*.

O sr. Jerônimo Monteiro é um narrador bem no gênero que tais leitores reclamam. Dispõe de imaginação desenvolta, rápida. Os seus episódios se sucedem com a espécie de precipitação que o espírito das crianças deve acompanhar excitada, ansiosamente. Os heróis teem nomes simples, bem familiares, ou então apelidos oitocescos: Sr. Nascimento, D. Marocas, Zé Cabelo de Índio. . . A acção os conduz, não raro, por estradas singulares, a florestas tenebrosas, abismos terrificantes. Acontecem-lhes coisas surpreendentes, correm toda a sorte de perigos. Tudo, porém, está visto, acaba da melhor maneira. E, enquanto os entreteve com situações e lances sensacionais, não deixou o Sr. Monteiro de proporcionar aos seus "ouvintes" noções educativas e exemplos de belos sentimentos, entre estes o patriotismo.



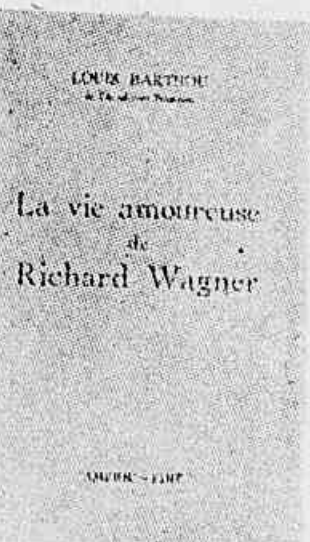
Novos

LA VIE AMOUREUSE DE RICHARD WAGNER, por Louis Barthou, da Academia Francesa — Rio de Janeiro, 1943.

O autor começa por declarar que não pretende, nas condições dum livro destinado a ser breve e simples, dar toda a história sentimental de Wagner, "adorador das mulheres" e cuja existência se formou "de paixões e de batalhas". Vai se restringir, portanto, aos casos mais significativos ou de mais alcance. Deixará de lado muita aventura e muita anedota; e assim as lacunas que depois se notarem não corresponderão a outros tantos esquecimentos e sim ao motivo único da condensação, do esboço. Estas páginas hão de resumir tanto quanto possível, cuidando sempre de lhes não prejudicar nem a realidade expressiva nem o formoso idealismo, as ansiedades e os transportes, os júbilos e os tormentos, as fazes de triunfo e as crises de desespero, por entre os quais esse homem continuamente se encaminhava para a glória.

E o que Louis Barthou consegue com destreza e brilho singulares é desenvolver paralelamente as duas biografias de Wagner, a cada momento fazendo corresponder aos heroísmos e às fraquezas do seu coração as criações sempre vitoriosas do seu gênio.

No correr dos seis capítulos da obra acompanhamos sucessivamente as três mulheres que dominaram aquela sensibilidade amorosa: Minna, a afeição ingênua da juventude e das primeiras lutas; Mathilde, a sedução inspiradora, a alma daquelas cartas quase tão grandiosas, tão reveladoras como certos trechos das óperas suas contemporâneas; Cosima, a companheira, a protectora, mais que esposa e quando necessário, toda maternal. Realmente não são necessárias outras para nos mostarem como aquele que tão extremadamente amou foi esplendidamente amado. O último capítulo, no lar a que a admirável Cosima se dá serenidade e harmonia, deixa a mais ditosa impressão. E afinal o livro não é tão limitado como da nota liminar se depreenderá, pois conta, em bom formato, cerca de duzentas páginas.



© 25.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA DA TCHECOSLOVÁQUIA, por Vladimir Nosek — Rio de Janeiro, 1943.

Este opúsculo condensa a história, bem delineada, bem definida do povo que hoje forma a Tchecoslováquia. Começa por nos falar da existência naquele território, no século VII, do primeiro Império Slavo. Diz-nos a seguir o que foi o Império da Grande Morávia — que compreendia, além da Morávia propriamente dita, uma parte da Áustria atual, a Boêmia e a Eslováquia — e como esse império se esfacelou em consequência do ataque dos Magiares. Vem vindo assim, quase poderíamos dizer de ano em ano, até 1848, em que começou a luta política dos tchecos pela reconquista da independência. E eis que, após a chamada, até há quatro anos, Grande Guerra, entre os países que se remodelaram ou ressuscitaram, surgiu a Tcheco-Slováquia. O segundo capítulo conta-nos os "Vinte anos da Tchecoslováquia livre" e o terceiro os "Cinco anos de calvário e de luta do povo tchecoslovaco pela sua libertação."

Todas estas páginas foram traçadas com segura noção dos fatos, clara inteligência, sentimento profundo. E a última, cheia de esperança, dalgum modo corresponde já ao triunfo, resgatador e compensador de amanhã.

"O povo tchecoslovaco sempre ficou e ainda fica fiel à herança de Masaryk. Os tchecoslovacos, lutando hoje contra o invasor bárbaro, conservam a fé inquebrantável na vitória dos ideais de Masaryk que estão sendo defendidos pelas Nações Unidas. A crescente supremacia das forças anglo-americanas, a heroica resistência dos russos e a firme resolução de todas as Nações Unidas de conquistar a vitória no mais breve tempo possível constituem um estímulo para o povo tchecoslovaco na sua resistência e na sua fé na vitória dos princípios da justiça e da liberdade. Eles sabem que a vitória desses princípios sobre as forças do mal é o imperativo do progresso da civilização humana e da Providência Divina. Pelas palavras de seu lema nacional, os tchecoslovacos sabem que a Verdade vencerá."

ESTUDO SOBRE ALCEU VAMOSI, por Antonio Carlos Machado. — Rio de Janeiro, 1943.

Alceu Vamosi tornou-se um dos poetas mais admirados e mais amados do moderno Rio Grande do Sul. Tudo nele concorrera para essa dupla consagração da individualidade. Os seus versos, com um revestimento infalível de beleza, transmitiam-nos a emoção mais veemente. Reflectiam, exalavam sinceridade. A fisionomia, ao mesmo tempo viril e um tanto melancólica, atraía, cativava. E a sua lealdade partidária na política como no campo de batalha; a história cândida dos seus amores; o desfecho da sua vida em combate e, como ele pedia ao Destino numa das suas poesias mais famosas, entre a mãe e a noiva — tudo isso lhe deu ao nome um prestígio excepcional, um esplendor quase lendário.

Muito se tem escrito, além de simples crônicas de jornal, sobre Alceu Vamosi. O sr. Mansueto Bernardi consagrou-lhe uma conferência notável. E agora aparece este estudo do sr. Antonio Carlos Machado, perfeitamente digno de atenção. Senhor de bela cultura e dum estilo opulento, que, ouvindo em conferência, fatigaria talvez, mas, na leitura, faz apreciar o vigor e as audácias, o sr. Carlos Machado apresenta-nos um Vamosi, não consideravelmente diverso da idéia que dele já fazíamos, mas realçado de certa maneira pessoal e, assim, com mais um título ao nosso respeito e à nossa afeição.

Incontestavelmente, o sr. Antonio Carlos Machado nos oferece um trabalho de valor. Quem, porém, lhe teria dito, para ele serenamente, de passagem, repetir numa destas páginas, que Antônio Nobre era dipsomaniaco?

J. L.

BRAZIL BUILDS

Recebemos do Representante Especial do Coordenador dos Negócios Inter-americanos no Brasil um exemplar do livro *Brazil Builds*, um belo livro editado nos Estados Unidos, da America do Norte a propósito da Arquitetura Antiga e Moderna no Brasil.

E' mais uma homenagem ao nosso país prestada pelos norte-americanos, através do Museu de Arte Moderna.

O trabalho oferece aspecto gráfico magnífico e contém fotos apanhadas em todas as regiões do território nacional, concernentes a todas as épocas de nossa evolução. Foi seu confeccionador o sr. Philip L. Doodwin com fotografias do sr. G. E. Kidder Smith.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Ê Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

Circulará em todo o país na segunda quinzena deste mês a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça-o ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO), S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



A pessoa enve-
lhecida e aba-
tida pela prisão
de ventre, reju-
venesce, toman-
do com regula-
ridade as

**PILULAS
DE
BRISTOL**

LSK

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Encontros com Stela Leonardos

(Continuação da pagina 11).

Aos 16 anos, quando Stela terminava o seu curso ginasial, a família resolve reunir alguns versos nascendo assim o seu primeiro livro *Passos na Areia*.

— E assim enveredei pela verdadeira trilha. Apaixonei-me pelo folclore! Pouco valiam para o leitor, segundo o meu conceito, os temas pessoais do poeta. Era preciso descobrir novas fontes de inspiração, criando algo de novo. Com dezessete anos vi no prelo *E assim se formou a nossa raça*. No ano seguinte publiquei *A grande visão*...

E muito calmamente, como se fosse coisa bastante natural, Stela Leonardos reata:

— E aos dezenove anos publiquei: *Marabá, Palmares, Ruja ao longe um*

tambor e *Flama sagrada*. Em agosto fiz vinte anos. Devia ter juízo mas... não consigo perder a mania de escrever sufregamente. Sinto-me assim muito feliz. E talvez por isso os meus versos falem apenas dos outros.

Dissemos a Stela que os seus versos poderiam cantar, então, essa esplendida felicidade. Mas a nossa entrevistada discorda:

— E' preciso sofrer um pouco, para ter-se o direito de falar de nós mesmos.

Perguntamos quais eram os nomes que distinguia no romance, na poesia e no teatro. E esclarecemos que a resposta devia referir-se às mulheres e aos tempos que correm.

— Que pergunta indiscreta! Aliás que resposta indiscreta seria a minha. Não acha que é aos homens que compete o julgamento...

Recordamos a apresentação de *Guizos e Clarins* e se, animada pelo sucesso deste espetáculo, pretendia incursionar na arte de declamar e representar.

— Abri uma exceção em *Guizos e Clarins* porque o fim a que se propunha era caridade. Havia um convite amavel. E porque não dizê-lo, logo de uma vez: o teatro me fascina. Mas aqui entre nós: nunca aprendi, nem sei declamar. Digo versos à minha moda e nunca recitei num salão. Este ano li três livros meus: um na Academia Brasileira de Letras, a convite do Pen Club, e dois na A. B. I., sob o patrocínio das Casas de Castro Alves e do Instituto Brasileiro de Cultura.

Voltamos ao teatro.

— Fui ousada, entretanto, ao aceitar um papel de tanta responsabilidade como o de *commère* em *Guizos e Clarins*. Tive de fazer todos os versos e *sketches*, de recitá-los, mudar uma infinidade de roupas e dansar ainda por cima!

E ajunta com um sorriso:

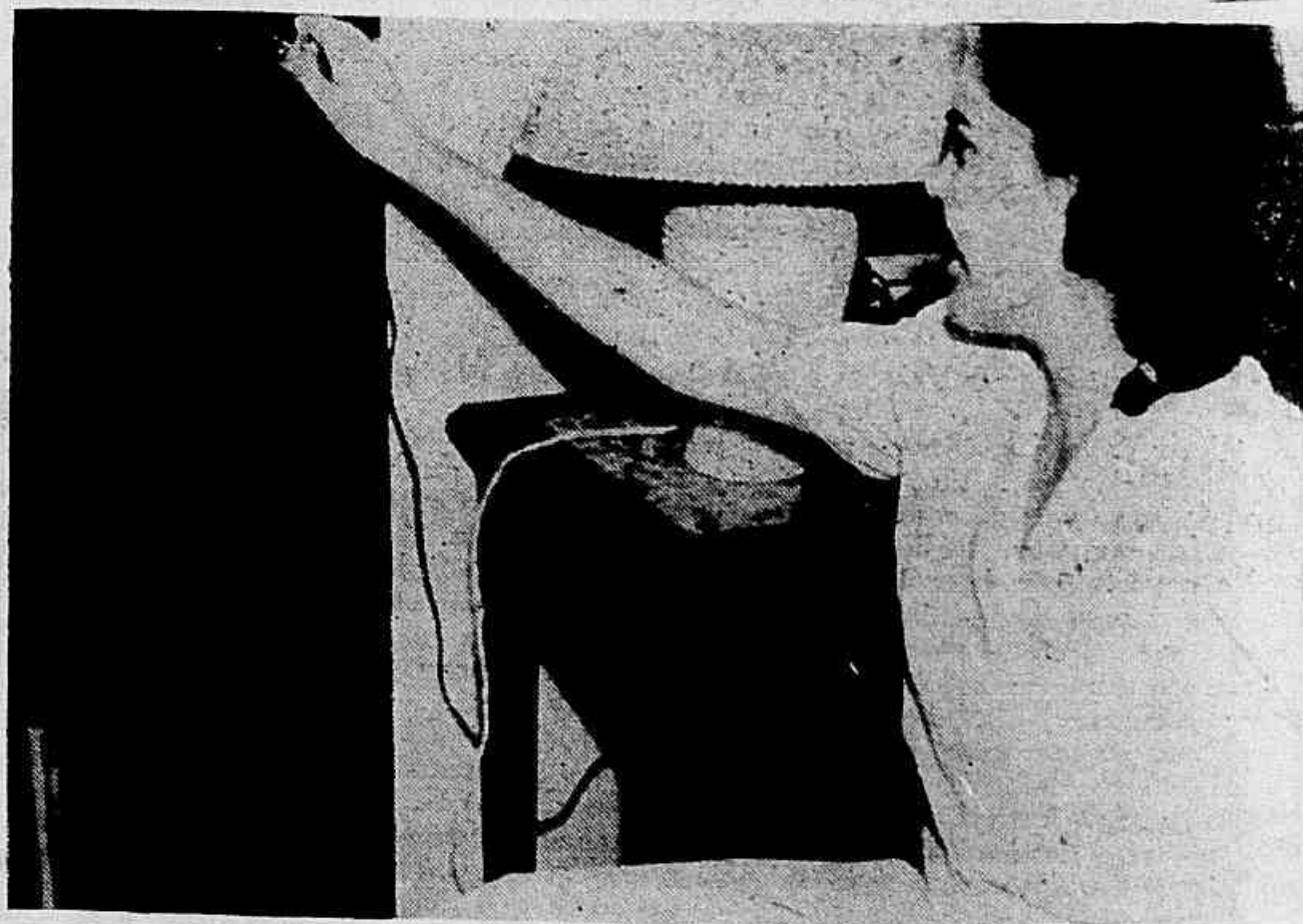
— Não é muito usual para uma respeitável *commère* a dança. Mas quando vi minhas irmãs e amigas, todas tão animadas ao som da musica, não resisti! E o publico parece que compreendeu.

Estávamos chegando ao fim da entrevista. Mas o reporter queria saber se havia na família mais alguém que cortejasse as musas. E Stela responde:

— A família inteira escreve. [Tenho entre os antepassados três poetas, um dos quais ficou conhecido também como historiador: Joaquim Norberto de Souza e Silva. A primeira história do Paraná por Vieira dos Santos. Vovô Henry



Stela não pensa concorrer em absoluto com Guiomar Novais, mas nem por isso deixa de fazer umas tentativas no piano. Ao lado, a senhora Silva Lima acompanha a filha...



Bem perto da sua maquina de escrever, Stela tem um radio. Quando escreve, a unica companhia que permite é a da musica.

Leonardos tem *Oração ao Sol*, em versos; *A ressurreição de Lazaro*, em prosa, e um grande numero de trabalhos inéditos. Minha mãe escreveu *Ouvindo Estrelas*, laureado pela Academia de Letras em 1929. Minha tia Leila Leonardos fez *O que a velha paineira contou* e *A lenda da Casa Branca*. Isto tudo sem contar trabalhos científicos, topografia, engenharia, radio, geologia e direito. Como vê escrever é um mal de família.

Já nos despedíamos de Stela Leonardos, quando fizemos a ultima pergunta:

— Acredita que no após guerra tomará novo impulso a emancipação da mulher ou, como resultado da necessidade de reconstrução de tantos e tantos lares, voltem as filhas de Eva a preocupar-se mais com a casa e... a cozinha?

— Não vejo necessidade das mulheres se emanciparem mais do que atualmente. Talvez porque me sinto feliz em depender das pessoas que amo. O lugar da mulher sempre foi e será não lá: o mais são complementos. Quanto a mim, sou caseira... e gosto imenso da cozinha.



Não ha tempo a perder nos momentos de inspiração. Nada de rabiscos e emendas. Os versos nascem, disciplinadamente alexandrinos, do teclado da maquina, que Stela maneja bem.

Um Coração e uma Seta

DALE COLLINS

(Novela traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Apesar de toda a fúria do Atlântico o comandante Warren estava se barbeando com o cuidado habitual. Quando a navalha retirava a espuma, revelando a linha morena do queixo, ele ficava considerando a imagem refletida, com um ar de aprovação perdoável. Um toque de prata nas têmporas, era verdade, porém ainda era o bonito Hugh Warren, encanto dos passageiros, um verdadeiro rapaz de cabeça branca para os companheiros, sob cujo comando o **Saronia** ficara conhecido como o afortunado navio, pelo qual os passageiros atrasavam ou adiavam a partida.

Vozes excitadas, barulho de pés correndo, arrancaram-no a embaladores pensamentos. Ninguém faria barulho do lado de fora de seus domínios, tão cedo, sem uma causa. Ainda enxugando o rosto, saiu do camarote. Mas já o quarto oficial investia, os olhos arregalados de excitação.

— Sir! Houve... houve um assassinato, sir!

Proferiu as palavras arquejando e parou sem fôlego.

O comandante Warren jogou fora a toalha.

— Quem? Como? — exclamou.

— O garçon, aqui, Samuels, sir...

Mostrou o homem corpulento que havia aparecido diante dele, a cara branca como a jaqueta de brim branco.

— Chame imediatamente Mr. Stafford e o médico, Mr.

As vagas côr de estanho ainda rolavam em tempestade, longos cachões de espuma rolando das cristas altas. Mas, mesmo nesse instante, com o conhecimento que tinha do tempo, o comandante percebeu que o furacão estava passando. O primeiro oficial e o cirurgião vieram, tangidos pelo vento. Destramente, para um homem do seu corpo, o comandante seguiu na frente, descendo a escada.

Agruparam-se na cabine, fechando a porta. Poucos passageiros estavam levantados, mas esses mesmos perceberam rapidamente que havia qualquer coisa de anormal.

Peter Vernon estava estirado no chão, teso, não mais aquele passageiro folgazão, metido no seu **dinner jacket**, mas um manequim de alcaiate, uma coisa sem alma, desarticulada, atirada atoa. A luz era escassa, pois verdes vagalhões varriam o tombadilho. Automaticamente o garçon ligou o **switch**. Por um momento, os quatro homens permaneceram rígidos, como se estivessem gelados, e de fato, apesar do ventilador estar aspirando ar quente para o interior, a despeito dos moveis de aspecto animado, a cabine parecia terrivelmente fria.

— Que diabo...? — o comandante Warren ajoelhou-se.

Cruzando o peito duro da camisa de Vernon, fôra desenhado um grande coração atravessado por uma seta, em traços escarlates. Dentro do coração havia as letras **N. G.**

Ficaram olhando interditos, ouvindo-se unicamente o marulho das máquinas e os lamentos da hélice do **Saronia**, abrindo caminho sobre as inquietas colinas do oceano ocidental.

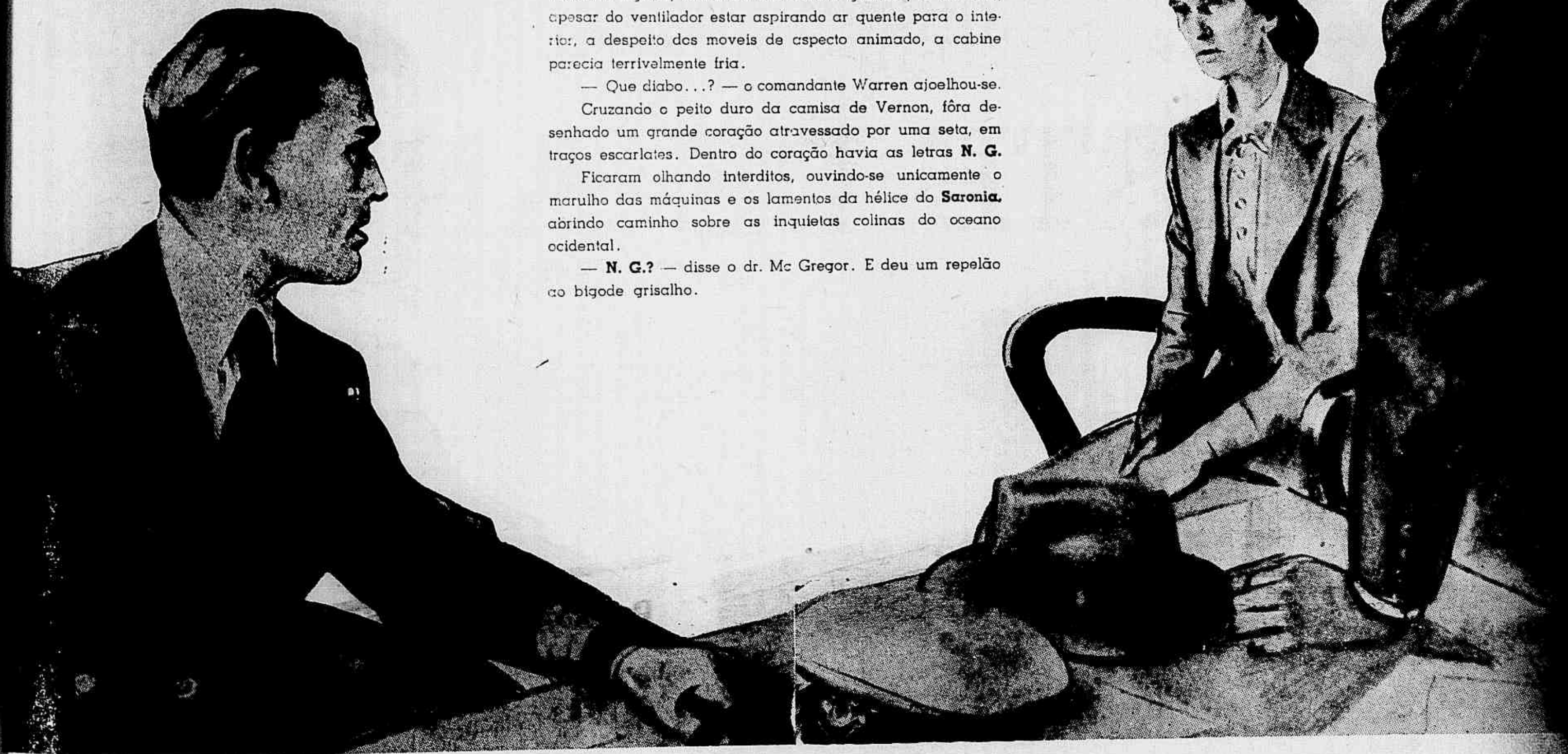
— **N. G.**? — disse o dr. Mc Gregor. E deu um repelão ao bigode grisalho.

— Não dum modo especial, sir — disse o primeiro oficial. — Ele me deu boa noite, ao descer para o camarote e estava duma frieza glacial. Do mesmo modo não podia ter nada desenhado no peito da camisa, eu seria capaz de jurar.

O comandante Warren resmungou.

— Vamos revistar o aposento. Talvez haja uma arma... alguma explicação.

Mas, não havia. Remexeram em vão toda a cabine. Tudo estava normal. O dinheiro e os valores do morto



Green. — O oficial largou-se a toda. — Bem, Samuels. Entre, homem. Não fique com esta cara. Que foi que aconteceu?

— Foi o número 117, sir. Mr. Vernon, sir.

— Mr. Vernon? — O comandante praguejou violentamente. — E então?

— Foi assim, sir. Quando eu fui levar-lhe o chá, como de costume, hoje de manhã, sir, em vez dele estar na cama, estava no chão, morto como um carneiro, com uma bala na cabeça.

O capitão esticou o busto, dentro do jaquetão de galões dourados.

— Não havia revolver?

— Que eu tivesse visto, não, sir! Nada! Só ele. Dei um olhar ligeiro, e vim diretamente contar, sir.

— Trancou a porta?

— Sim, senhor!

— Venha comigo. — O comandante Warren pôs o boné meio de banda — ele os encomendava especialmente para si, em Bond Street — e adquirindo a expressão oficial, saiu da cabine.

— Olá, que é isto, sir? — O garçon agachou-se e apanhou um objeto pequeno e brilhante. Percebendo o que era, adquiriu uma expressão consternada e procurou esconder o achado.

— Isto o que?

— Eh... nada, sir.

— Que é que você quer dizer... nada? Mostre-me. Relutando, o garçon abriu a mão.

— E' apenas o baton de miss Graystone, sir.

— Ah! — fez o dr. Mc Gregor — estou vendo bem o estojo com as iniciais dela **N. G.** a rodeá-lo.

O comandante lançou-lhe um olhar frio.

— Então este desenho não foi feito com sangue, mas com baton — acudiu o primeiro oficial.

A expressão do comandante Warren sombreou-se ainda mais. — Me dê isto! E se assim fosse? Os dois podem muito bem ter estado gracejando e feito este desenho por brincadeira, muito antes dele ser... muito tempo antes de acontecer isto. Ele meteu o baton no bolso, provavelmente, e esqueceu o assunto. Com certeza estava disposto a divertir-se na ocasião.

estavam na secretária, e não havia nenhuma carta nem arma alguma. Por fim, tiveram de admitir que o coração e a seta, as iniciais e o baton eram os únicos vestígios.

— E o baton não quer dizer nada, insistiu o comandante Warren. — Ela podia muito bem ter-lhe pedito que o guardasse, enquanto estavam dansando, ou fazer uma dúzia de coisas semelhantes. Eu vou simplesmente anunciar a morte dele e deixar que fiquem pensando que foi morte natural. Dentro de três dias estaremos em Plymouth. Os homens de Scotland Yard estarão à nossa espera. Até então, nem uma palavra de nossa parte, a quem quer que seja. Está entendido? Nem uma palavra?

— Muito bem, sir — disseram todos em côro submisso.

Mas o comandante Warren sabia que um segredo é talvez o único carregamento que um navio não pode transportar.

Teria sido melhor que ela houvesse chorado. Então ele poderia tê-la consolado, ser gentil e afetuoso. E no en-

(Continua na pág. 46)



A ARTE DE ANDAR

Por H. I. BROCK

Talvez pareça a muita gente tão inútil ensinar o homem a andar quanto seria, por exemplo, ensinar um peixe a nadar. A nossa posição de bipedes deveria isentar-nos dessa aprendizagem.

Eu não conheço os problemas do trânsito no fundo do mar. Acredito, entretanto, que serão bem menos complicados do que os nossos. Imaginem que coisa tremenda seria o choque entre duas baleias. Teria talvez as mesmas proporções do engavetamento de dois trens.

A distração de um peixe espadado que abalroasse um escamoso, com certeza, seria de consequências irreversíveis.

Voltemos entretanto à terra para mostrar a necessidade de ensinar aos homens a difícil arte de andar.

Querem ter a certeza dessa necessidade? Observem os transeuntes num dia de movimento numa rua qualquer. Mas cuidado! Não perturbem o trânsito enquanto observam.

Apesar de andarmos todos os dias na rua, ainda não descobrimos um jeito de evitar os trancos, os encontrões e suas consequências às vezes desastrosas.

O cavalheiro que anda de lado ou de costas para não perder os movimentos coleantes da morena que vai em direção oposta, é um dos maiores responsáveis pelos acidentes de trânsito. Para isto há duas soluções: ou o cavalheiro modera a sua paixão pelo belo ou será preciso promulgar um decreto proibindo a deusa de sair de casa.

Mas é o caso de perguntarmos: que culpa tem ela de ser bonita?

Outro tipo de abalroador é o distraído. Já repararam naquele cidadão que vai inteiramente alheio do trânsito travando um monólogo cheio de gestos? Se o assunto do monólogo é uma briga a ser travada ou de uma vingança a ser tomada, corremos o sério risco de levar a bordoada que se destinava ao invisível contendor.

E aquele outro que estaca de repente dando um grande tapa na testa e executando uma brusca meia volta?



Que amor de chapéuzinho!

Evidentemente esqueceu alguma coisa e volta para apanhá-la. Mas o encontro é certo.

O amoroso, que vai de olhos ternos fitos na bem amada, passeando na avenida como se estivesse no jardim da sua casa, é outro tipo de perturbador do trânsito.

É muito frequente vêr-se nas ruas a família que sai a compras, passear toda junta, de braços e mãos dadas, a mãe, a filha casada, as netas, as filhas menores formando uma compacta barreira que, para o caminhar apressado, deve parecer mais intransponível que a velha Muralha da China.

As senhoras que, diante das vitrinas, contemplam extasiadas o último modelo de "chapeuzinho", ornamentado com todos os legumes e flores, são o tormento do funcionário que está em cima da hora para assinar o ponto.

Os exemplos são intermináveis e seria preciso um grande tratado para esgotar o assunto.

A arte de andar acompanhado poderia constituir um capítulo à parte.



Muitos andam pela glória de andar.

Andar ao lado de um amigo não é tão fácil quanto parece.

É comum empurrarmos o amigo contra a parede, atravessar-lhe a frente na animação da palestra, meter a ponta do guarda-chuva na bainha da calça e outros acidentes do mesmo gênero.

Filósofos e cientistas tem-se preocupado seriamente com a arte de andar. Assim, os Peripatéticos davam suas aulas passeando.

Parece realmente que as ideias vêm mais facilmente quando movimentamos as pernas. Andando, desenferrujamos as juntas e a imaginação.

Os poetas sempre usaram andar para invocar as musas.

Einstein descobriu a relatividade fazendo longos passeios a pé em Princeton.

Em geral andamos por obrigação, mas há muita gente que anda por esporte, pelo simples prazer de andar, platonicamente.

Parece incrível que, tendo progredido tão rapidamente em outras atividades, tenhamos feito progressos tão limitados neste particular. Neste ponto temos muito que aprender com os ani-

mais. Que admirável exemplo de ordem são as intermináveis filas de formigas que assaltam o nosso açucareiro para buscar o precioso alimento!

Mesmo agora que a mecanização dos exercitos é um fato, as nações não descuram de preparar bons andarilhos.

Cada exercito tem o seu modo próprio de marchar.

E' assim que o passo de ganso torna-se um índice expressivo da estupidez germanica.

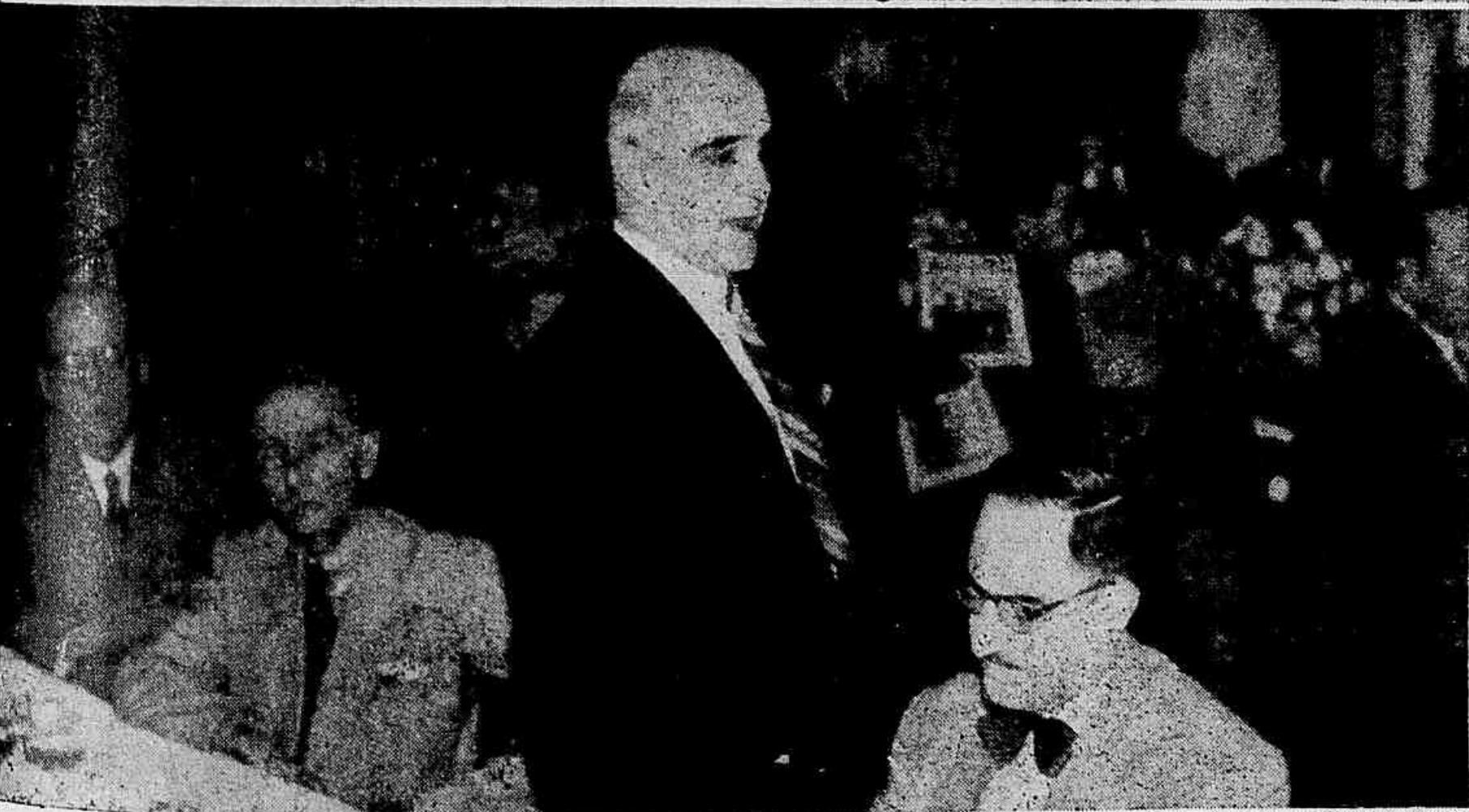
Mas agora leitor, sobreveio-me um grande susto.

E' que me lembrei de ter afirmado que as ideias se tornam mais claras e a inspiração mais facil enquanto estamos andando. Imagine se você tem a lembrança de perguntar porque não escrevemos este artigo andando.





HOMENAGEADOS O CLUBE MILITAR E O SEU PRESIDENTE



A cronica social da cidade registou, na ultima semana, um acontecimento de relevo, que ainda se prende à inauguração da nova séde do Clube Militar, a esplendida obra arquitetonica com que foi enriquecida a nossa principal arteria. De fato, a homenagem prestada pelos construtores do soberbo edificio, engenheiros Santiago & Kiritchenko, à ilustre entidade de classe e ao seu benemerito presidente, general José Meira de Vasconcelos, transcorreu brilhante, já pela posição e prestigio dos seus participantes, já pelos motivos que a determinavam, de justificação jubilo e congratamento pela terminação das obras. Ao almoço realizado no Salão Presidente Vargas, daquella séde, compareceram os generais Christovão Barcellos, Mauricio Cardoso, Alcio Souto, Pargas Rodrigues, Souza Doca, Xavier de Brito e Cesar Obino, o almirante Sampaio, além de numerosos oficiais superiores, senhoras, jornalistas e outros convidados, tendo se feito representar o ministro Eurico Gaspar Dutra. "Au dessert", falou oferecendo a manifestação o dr. Raymundo Bezerra Santiago. Fez o orador o elogio da atuação do general Meira Vasconcellos, a cuja fé e animo inquebrantaveis deve o Clube Militar a construção da nova séde, terminando por erguer a sua taça pela prosperidade do mesmo. O homenageado agradeceu, a seguir, salientando a maneira eficiente com que os srs. Santiago & Kiritchenko se desobrigaram da importante tarefa, deixando seu nome ligado indissolovelmente ao notavel empreendimento. Lembrou ainda s. s. o honroso apoio moral que à realização emprestaram o presidente Getulio Vargas e o ministro Gaspar Dutra. Encerrando o ágape, o coronel Carlos Autran Dourado levantou o brinde de honra ao sr. ministro da Guerra.

Na foto de cima, o dr. Raymundo Bezerra Santiago quando fazia o oferecimento; na de baixo, o cel. Carlos Autran Dourado levantando o brinde de honra ao ministro Gaspar Dutra. Ao lado, flagrante do discurso do general Meira Vasconcellos que está ladeado pelos engenheiros Raymundo Bezerra Santiago e André Kiritchenko.



Novo Tratamento Para Eczema

Si V. sentir que a sua pele está se tornando áspera, com tumescências esbranquiçadas, si sentir ardor constante, coceiras, dor de eczema, si V. não puder dormir bem e se sentir nervoso e irritado, V. deve procurar imediatamente um alívio seguro e eficaz: o novo e moderno tratamento científico com BELZEMA, uma nova forma de pomada, que penetra instantaneamente na pele para combater as erupções.

BELZEMA já tem aliviado alguns casos das mais obstinadas erupções de eczema em pouco tempo, mesmo quando o mal já era muito antigo. BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, ficando em poucos dias a pele outra vez nova e limpa.

BELZEMA não é visível quando aplicada, não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

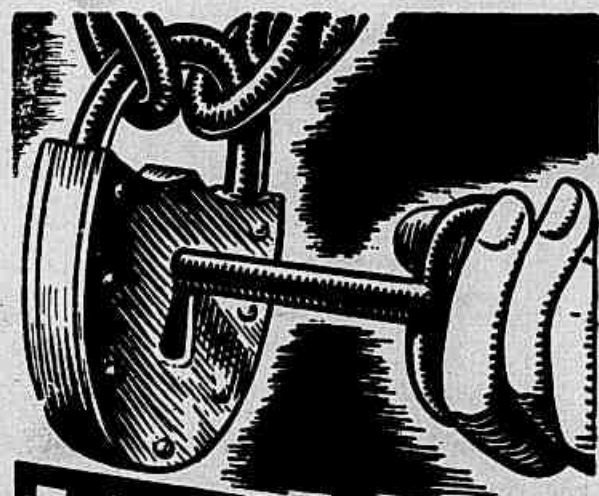
BELZEMA

APOLONIA PINTO

A 24 de Novembro do corrente ano transcorreu o 6.º aniversário do passamento da artista que tanto honrou a cena nacional, deixando nela lembranças de criações sempre recordadas.

No Maranhão, terra natal da artista, desde 1940, pelos esforços incansáveis de um conterrâneo, o jornalista Guimarães Martins, um Museu Apolonia Pinto assinala a memória da consagrada interprete de tantos papeis de relevo.

Coadjuvado pelo interventor federal no Maranhão, Dr. Paulo Ramos, Guimarães Martins não só inaugurou o citado Museu, no Teatro Artur Azevedo em S. Luís, como empreenderá, pelos préstos da Editora Panamericana, a publicação de uma coletânea reunindo as melhores paginas dedicadas a Apolonia Pinto, subscritas, entre outros, por Coelho Netto, Humberto de Campos, Catullo Cearense, conterrâneos de Apolonia Pinto. Assim viverá ela ainda mais no apreço dos que prezam a arte nacional.



LAXOLAGAR

GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



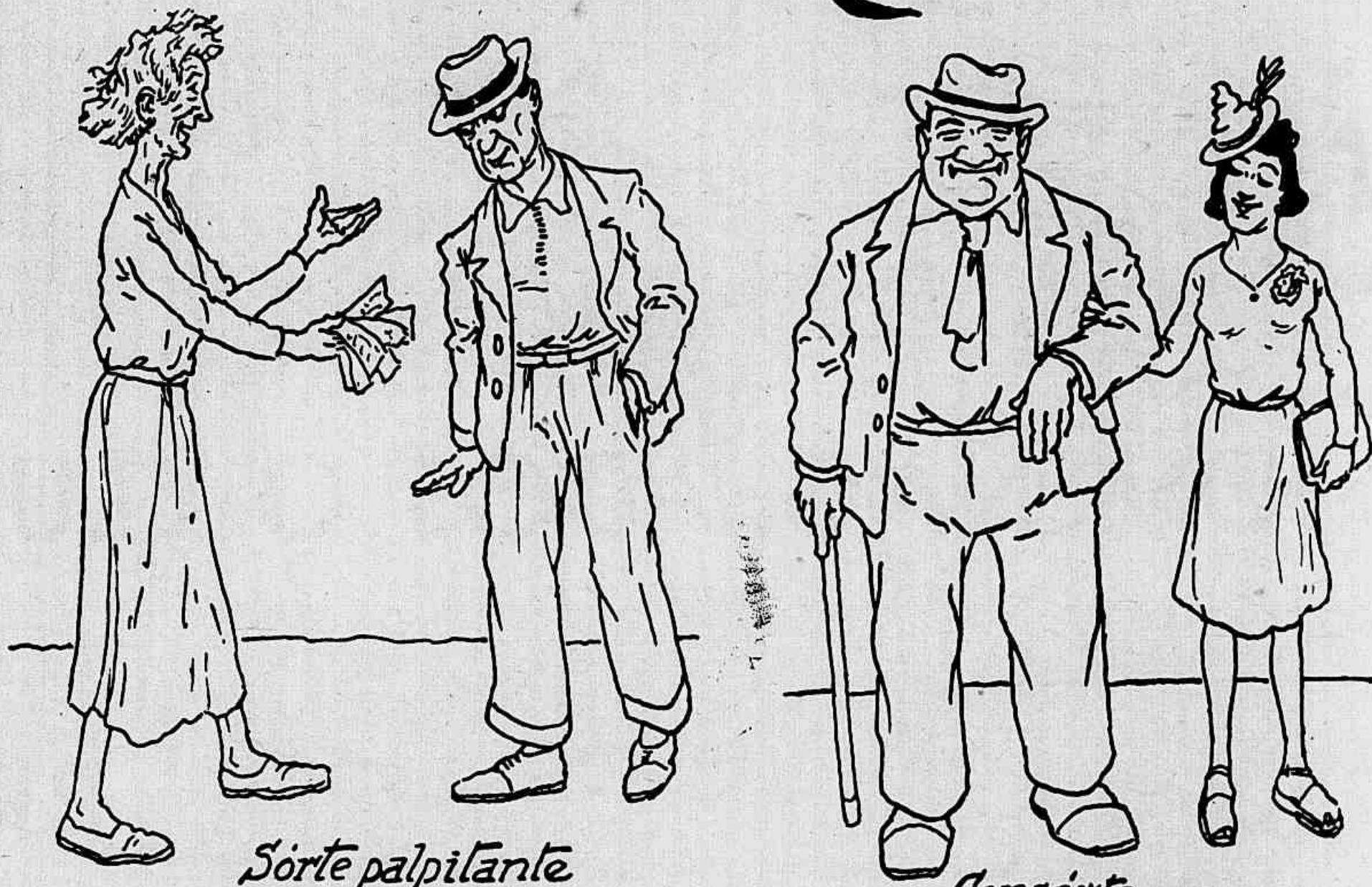
T. T. ARQUINO

PRISÃO de VENTRE?



REGULARIZAM OS INTEN-
NOS SEM VENTURA-LOS.

A SORTE



Sorte palpitante

Consorte



Sorte empenca

Sorte futurista



Sorteada

Sort...ilégio

Sorte negra.

Ultimo lance

Conto de
Aluisio Azevedo

Ilustração de RIBEIRO

Dez luises!...
Era tudo que lhe restava!... Eram as últimas moedas da larga e velha herança que até a ele chegara, escorrendo sonoramente, de degrau em degrau, por uma nobre escadaria de avós. Dez luises!...

E D. Felipe, depois de agitar na mão fidalga, as derradeiras moedas de ouro, encaminhou-se lentamente para o lugar que meia hora antes havia abandonado à banca da roleta.

De pé, apoiado ao espaldar da sua cadeira ainda vazia, deixou cair sobre o tabuleiro verde o seu frio olhar indiferente e altivo. Os números desapareciam afogados no ouro e na prata dos outros jogadores.

Permaneceu imóvel por longo tempo, sem ver o que olhava. Seus sentidos estavam de todo ocupados pelo pensamento que lhe trabalhava aflito dentro do cérebro: — Era preciso refazer a fortuna esbanjada, ou parte dela. Mas com cem mil francos, apenas cem mil! Poderia salvar-se, sem cair no ridículo aos olhos do meio em que se arruinara... Com cem mil francos correria, sem perda de tempo, a Paris, solveria as dívidas que ali deixara garantidas sob palavra, e logo em seguida, a pretexto de qualquer exigência da saúde simularia uma viagem à Suíça e partiria para a América, com o que lhe restasse em dinheiro. Na América engendrariam-se raras riquezas; descobriam-se dotes fabulosos! Se fosse preciso trabalhar — trabalharia!

Não sabia em que, e como, iria trabalhar, mas a miragem do novo mundo surgia-lhe à imaginação num sonho de ouro; numa apoteose de milagres de reabilitação, em que a sua incompetência para qualquer trabalho produtivo encontraria lugar entre os vencedores. Nenhum programa, nenhuma idéia acompanhava aquela esperança; confiava na América como confiara nas cartas e na roleta. Era ainda uma esperança de jogador. Era a cega confiança no acaso!

Não seria a América também um tabuleiro verde, banhado pelo ouro da Califórnia?... Ele era a moeda jogada num último lance pelo desespero!

Iria!

E, depois?... Como seria belo volver à Europa, muitas vezes milionário, com um resto de mocidade para continuar a gozar os vícios interrompidos?...

E, enquanto castelavam seus doidos pensamentos, sucediam-se os golpes da roleta, e o ouro e a prata dos jogadores perpassavam em rio por defronte dos seus olhos distraídos.

— Mas, e se eu perder?... interrogou ele à própria consciência.

E o fidalgo não teve ânimo de entestar com a solução que esta pergunta exigia, como se temesse abrir de pronto, ali mesmo, um duro e violento compromisso com a sua honra.

Todavia, se perdesse aquele miserável punhado de moedas, que lhe restava além do... suicídio?... Que lhe restava no mundo, que não fosse ridículo e humilhante?...

E viu-se sem vintém, esgueirando-se como uma sombra pelas ruas escuras, com as mãos escondidas nas algibeiras do sobretudo, fugindo de todos, descorfiado de que a sua irremediável miséria fosse de longe pressentida como uma moléstia infecta. Teve um calefrio de terror.

As falazes hipóteses de salvação, que covardemente se lhe apresentavam ao espírito, lembrando amigos ricos e recursos inconfessáveis, eram amargamente repelidas pelo seu orgulho, ainda não vencido.

— *Faites vos jeux, messieurs* exclamou o banqueiro.

E D. Felipe sorriu resignado e triste, como respondendo afirmativamente para dentro de si mesmo à voz que apelava para seus brios, e, depois de sacudir ainda uma vez as dez moedas, espalmou a sua linda mão inútil e, com um ar mais do que nunca indiferente e sobranceiro, despejou-as na secção do Vermelho que à mesa lhe ficava em frente.

— *Rien ne va plus!*

Uma vertigem toldou-lhe a fingida calma.

A pequena esfera de marfim girava já no quadrante da roleta. Fez-se em toda a sala um silêncio que doía de frio.

Se naquele golpe, em vez de um número vermelho, viesse um número preto, pensou o desgraçado, qualquer mendigo das ruas seria mais rico do que ele!...

E a bola girava já com menos força, prestes a tombar no número vencedor.

O fidalgo deixou-se cair assentado na cadeira, fincando os cotovelos na mesa e escondendo o rosto nas suas duas mãos abertas.

A bola tombou no número. Vermelho!

Os dez luises de D. Felipe transformaram-se em vinte. E o fidalgo não teve um



gesto; esperou novo golpe, aparentemente imperturbável.

O tabuleiro esvaziou-se e de novo se encheu de reluzentes paradas. O banqueiro fechou o jogo; a bola girou, caiu.

Veiu outra vez vermelho.

D. Felipe continuou imóvel, sem tirar as mãos do rosto. Sobre os seus vinte luises derramaram-se outros vinte.

E o jogo continuou, silenciosamente.

E, no meio do surdo ansiar dos que jogavam, um terceiro número vermelho dobrou a parada de D. Felipe que conservava a sua imobilidade de pedra.

Tão forte, porém, era o arfar do seu peito, que todo o corpo lhe acompanhava as pulsações do coração.

Vermelho!

E oitenta luises despejaram-se sobre os oitenta luises do jogador imóvel.

(CONTINUA NA PAGINA 42)

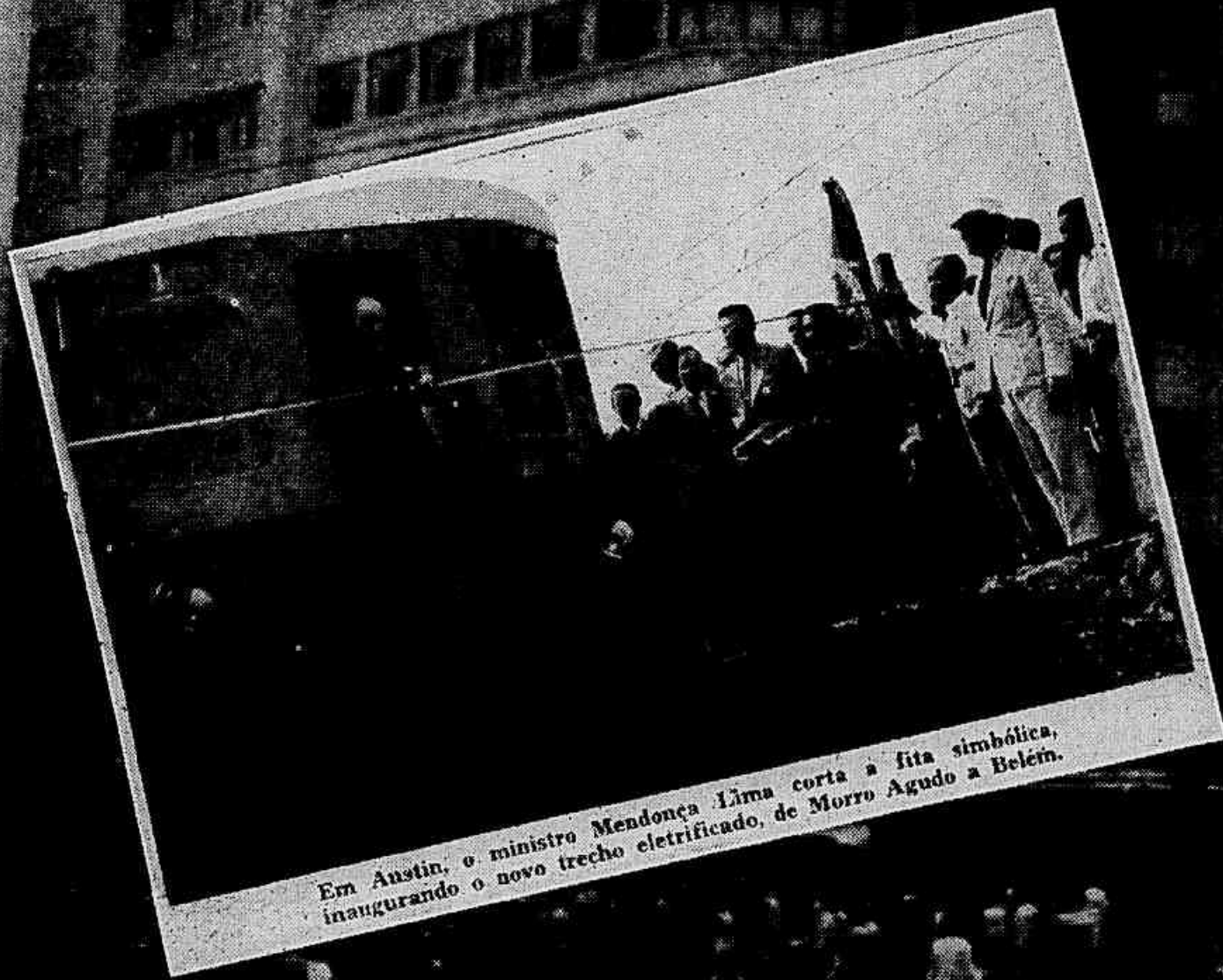
10 DE

NOVEMBRO NA

Reportagem de Adalberto Mendes

O dia 10 de Novembro último assinalou mais uma vitoriosa etapa no ressurgimento da Central do Brasil. A participação da nossa principal ferrovia nas comemorações festivas daquela data tiveram um cunho altamente expressivo, destacando-se a inauguração de mais um grande trecho de linha eletrificada. Foi um dia de regozijo para a família ferroviária central-brasileira, congregada inteira em torno dos seus chefes, numa robusta demonstração de unidade para o desempenho da tarefa comum, e que teve seu ponto culminante no almoço de confraternização do Campo de Santana, onde o sentido de camaradagem e boa compreensão, entre dirigentes e dirigidos, representa mais uma garantia para a continuidade da obra em andamento do que mesmo uma alegre e cordial reunião. Poder-se-ia constatar nas manifestações que se sucediam aqui e ali, no novo percurso inaugurado, e na disposição da massa que se congregava no Campo de Santana e que, em seguida, comparecia à Esplanada do Castelo para saudar o Chefe do Governo, a firmeza de ânimo para a peleja em que abnegadamente se empenha a serviço da Pátria, no esforço de guerra que assinala a hora presente, como para os dias bonancosos de paz que hão de vir. A contribuição da Central do Brasil às comemorações do aniversário do novo regime foi, por assim dizer, um depoimento de trabalho e de fé, de sinceridade e de união, geratrizes da força que erigiu o monumento da praça Cristiano Ottoni, marco esplendente de uma era de renovação. O simbolismo destas páginas, associando a majestade do edifício da Estação D. Pedro II e o trecho de via férrea ornamentado pelos fios de cobre, por onde circula, na potencialidade da energia elétrica, o espírito dinâmico da nossa época, aos acontecimentos marcantes de 10 de Novembro na Central do Brasil, ultrapassa as esperanças de um futuro promissor, porque impõe a realidade de um presente vitorioso. A Central do Brasil, inaugurando novos trechos eletrificados, variantes e retificações de suas linhas, casas para os seus operários, concluindo os primeiros 65 quilômetros de ligação Norte-Sul de Montes Claros a Burarama, e reunindo numa concentração, que ficará memorável, a sua enorme família ferroviária, contribuiu para aquelas comemorações com uma parcela que cabe numa só legenda — Ordem e Progresso.

ESFORÇO DE

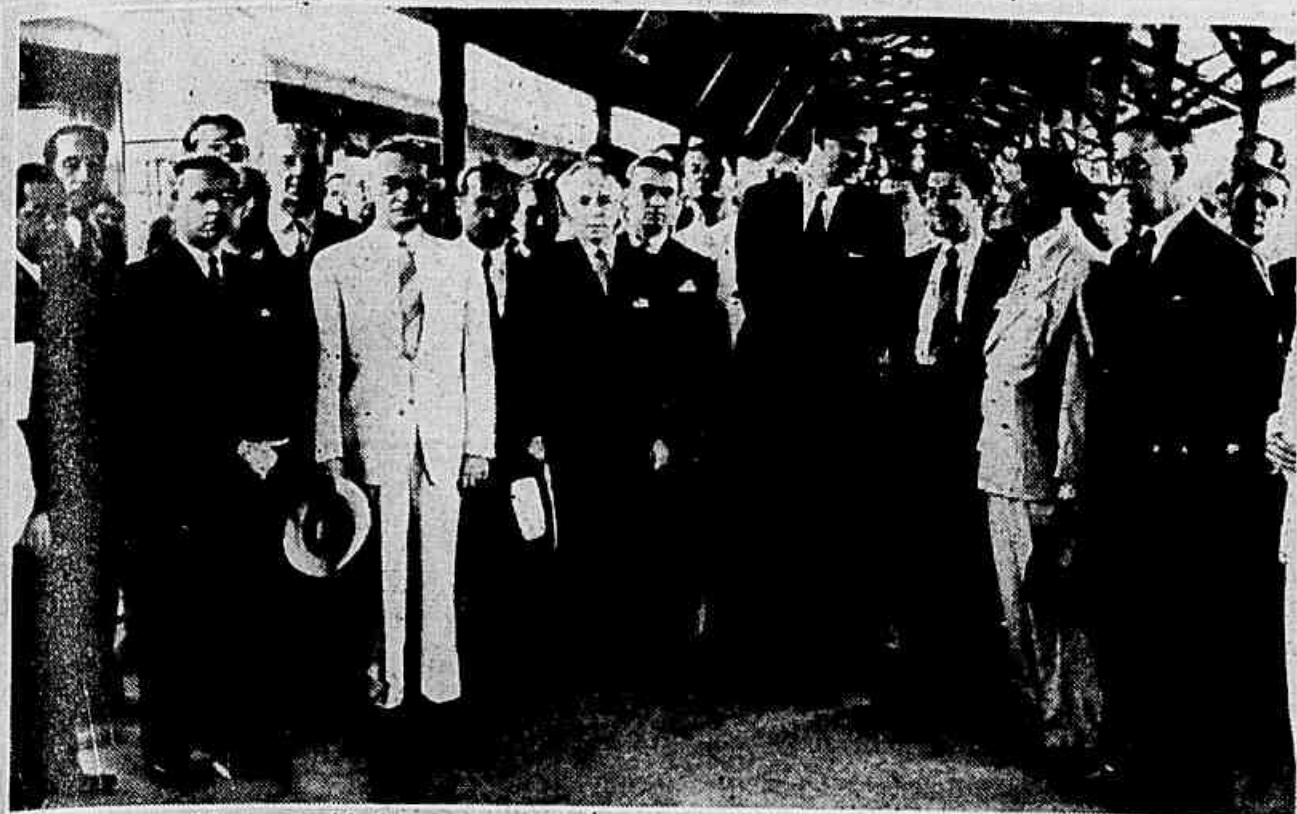


Em Austin, o ministro Mendonça Lima corta a fita simbólica, inaugurando o novo trecho eletrificado, de Morro Agudo a Belém.



Belém festejou, com justo entusiasmo, a chegada ali do primeiro trem elétrico. A fotografia é um flagrante do importante acontecimento.

CENTRAL DO BRASIL



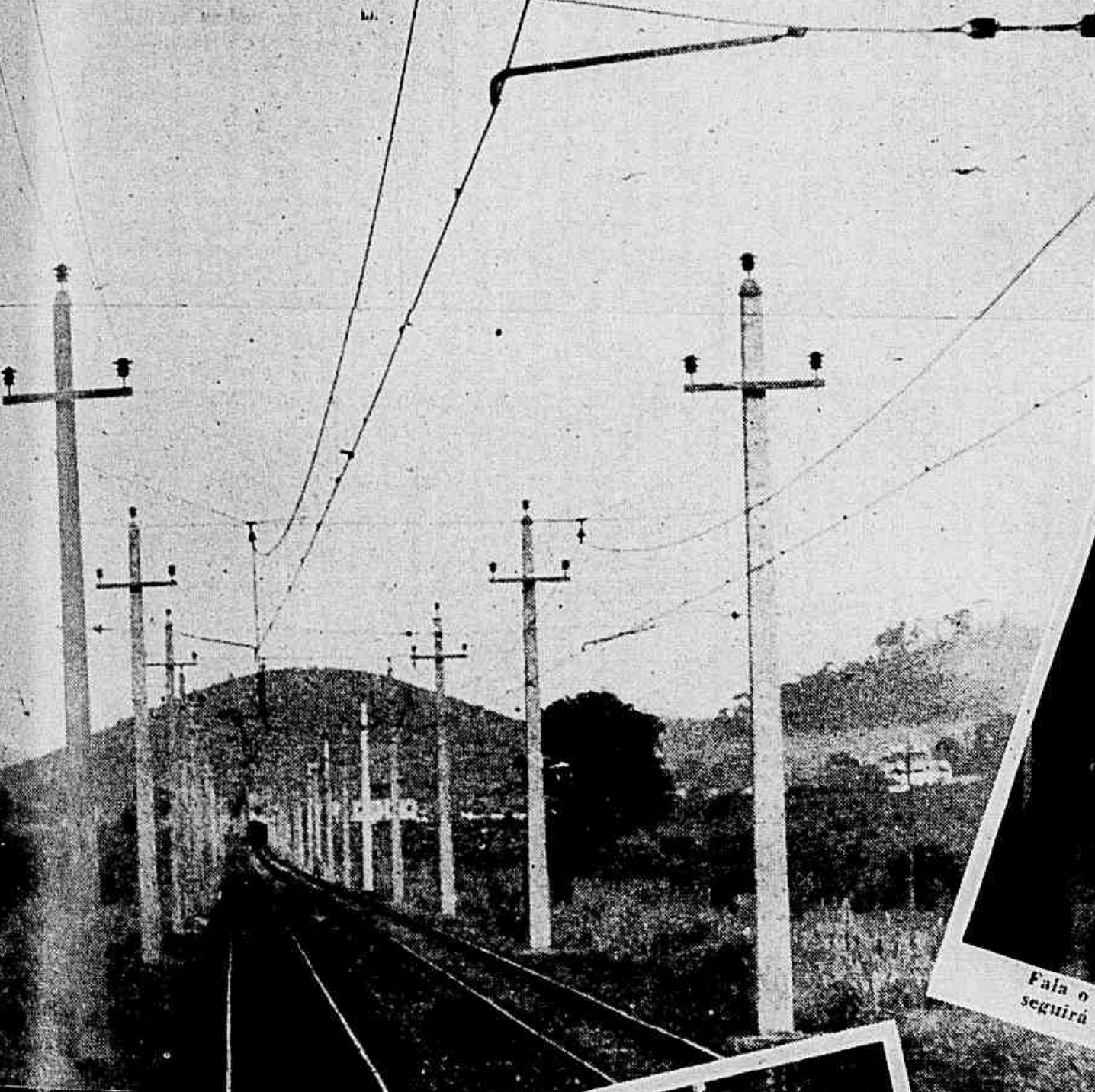
Altas autoridades que participaram, a 10 de Novembro, da excursão a Belém, a fim de assistirem à inauguração do novo trecho eletrificado.



O ministro Mendonça Lima e o major Alencastro Guimarães se congratulam pelo ressurgimento da Central do Brasil.



Lançamento da pedra fundamental da nova estação de Caramujos, vendo-se o major Alencastro Guimarães cimentando a urna.



Fala o ministro Mendonça Lima em Belém, acentuando que o Governo prosseguirá na eletrificação, visando sempre o progresso da Central do Brasil.

GUERRA E DE PAZ



Em Queimados a população local recebe os excursionistas, manifestando seu entusiasmo e gratidão pelo grande melhoramento.



Em Belém, o dr. Djalma Maia, chefe da Eletrificação, saúda o ministro da Viação e o diretor da Central, em nome do funcionalismo da Estrada.



O CONVENTO FRANCISCANO DE SANTA MARIA DOS ANJOS, EM PENEDO, EM FRENTE DO QUAL SE VÊ O SEU VELHO CRUZEIRO DE PEDRA MACIÇA, JA' HOJE DEMOLIDO.



VELHA SERTANEJA, NO SEU TRABALHO DIÁRIO DE FAZER RENDA-DE-ALMOFADA.

UMA terrivelmente traiçoeira e destruidora, a fama sinistra do submarino corre mundo. Até nas águas do acidentado leito do Baixo São Francisco se temem incursões desse perigoso inimigo. Foi o caso que, recentemente, o pacato e inofensivo vaporzinho que faz a carreira regular entre as cidades de Penêdo e Piranhas, ao aproximar-se, já ao escurecer, da Gararú, porto sergipano onde perneta, tocou num banco de areia, o que é muito comum nas épocas de vazante, produzindo-se forte abalo geral. Estabeleceu-se subito pânico entre tripulantes e passageiros, correndo celere a notícia apavorante de que fora um torpêdo desfechado por um submarino do "Eixo" operando ali no fundo do nosso pacífico rio. Excessos da imaginação, sob a forte pressão ambiente do pavor cósmico!

A viagem no vapor fluvial de Penêdo a Piranhas é das mais interessantes que se possam imaginar. Surpreende, sucessivamente, o excursionista com imensa variedade de paisagens iréditas e de encantadoras perspectivas regionais, tudo muito agradável à vista e ao espírito. O vapor faz todo o percurso em contínuos zigue-zagues, ora parando num porto de Alagôas, à esquerda, ora num porto de Sergipe, à direita. Agora, porém, rotamos que, como sempre, as paradas nos portos deste último Estado, eram precedidas do clássico e convencional apito, enquanto que nos portos alagoares se processavam na mais absoluta mudez.

Bom nome! E a singular denominação pegou, mas por esta última forma. Si não é verdade...

Nas localidades que viemos de percorrer, no sul de Alagôas e no norte de Sergipe, notamos estar grassando uma febre intensa de urbanismo reformador, com transe agudos de delírio para demolir a torto e a direito. A palavra de ordem é destruir tudo quanto seja considerado obsoleto, fora da moda, até mesmo o que esteja atestando os valores históricos e culturais do passado, e principalmente arquitetônicos, substituídos pelas mais incríveis heresias urbanísticas. Penêdo, nas Alagôas, por exemplo, é uma das mais antigas cidades do Brasil, onde se travaram lutas renhidas e gloriozas com os holandeses que chegaram a ocupa-la por muitos anos, com numerosas tropas, construindo baluartes, muralhas e subterrâneos, para o seu abrigo e defesa, sob a chefia de famosos cabos-de-guerra, inclusive o próprio Mauricio de Nassau, em pessoa. Pois bem, ali já se destruiu sistematicamente, tudo quanto poderia estar hoje dando testemunho de tais tradições, sendo que a fúria arrasadora ainda não arrefeceu de todo, mesmo em nossos dias, quando há um departamento oficial, encarregado de preservar do vandalismo indígena o vasto e esparso patrimônio histórico nacional. Ora, ultimamente, às caladas da noite, por mero capricho de uma autoridade local, ali deitaram abaixo histórico cruzeiro, de mais de duzentos anos, todo feito de pedra maciça, ereto em frente ao tradicional convento franciscano de Santa Maria dos Anjos, também quase tricentenário. E querem saber

NOSSA TERRA De Antonio Osmar Gomes - Viagem no Baixo São Francisco

Para a REVISTA DA SEMANA

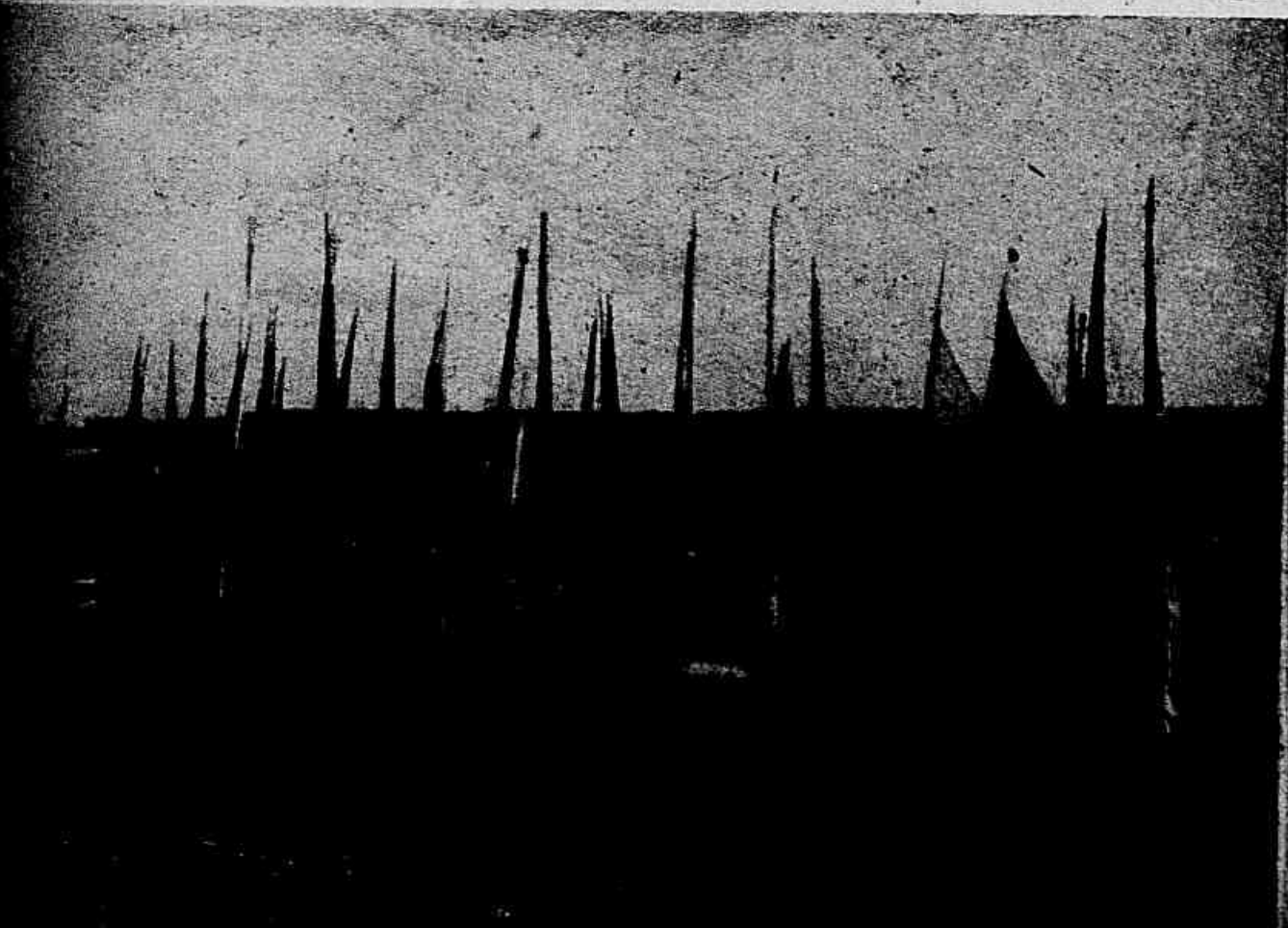
A indústria das rêdes-de-dormir, na zona das Cachoeiras de Paulo Afonso, é exercida em casas particulares, como a sirgela indústria das celebres rendas-de-almofada e tantas outras ainda não atingidas pelo fisco. Ocupam-se dela famílias inteiras, patriarcalmente, fiando o algodão e tecendo o pano, como nos bons tempos bíblicos, com paciência e habilidade admiráveis. Tingem o fio de várias cores, utilizando-se tão somente de tintas vegetais extraídas de diversas plantas da caatinga e ali mesmo preparadas, por meio de processos curtos e infalíveis da velha e improvisada química matuta. Assim é que conseguem linda e fixa tinta amarela da entrecasca de certa árvore silvestre, a que chamam *Bom-nome*. Essa denominação, aliás, se acha registrada nos comperdidos respectivos; entretanto um matuto nos contou a lenda seguinte como razão certa de sua origem: Quando Dom Pedro 2.º e a sua imperial família, numa viagem de bondade, visitaram aquelas regiões, a imperatriz, muito dada ao estudo das plantas, ia indagando o nome de cada uma delas, como eram conhecidas e chamadas, vulgarmente. A certa altura, o imperador, já aborrecido com tantas perguntas, ao ser interrogado sobre a árvore em apreço, respondeu com uma palavra nada aseada; mas entretanto a imperatriz, estrangeira, não lhe compreendeu a significação, achou até bonita, bem sonante e, por isso mesmo, retrucou, aprovativamente, candidamente, exclamando:

para que? Para se fazer uma praça que é a mais autêntica monstruosidade em matéria de mau gosto urbanístico. Povoada de pretensas estatuas de barro, modeladas sacrilegamente por um anônimo, figuras pagãs, estopiadas, tal a de um atleta aleijado, apertando a garganta de um pobre diabo, cujo corpo ninguém pôde descobrir onde foi parar. Deram a essa praça incrível o nome de Ruy Barbosa, também ninguém sabe porque. E, ainda mais para cúmulo do absurdo, todo esse conjunto aberrante de alijões pululamente expostos, se acha emoldurado por edifícios coloniais, autênticos, de linhas austeras, respeitáveis, sobressaindo, dentre todos, aquele já referido convento dos franciscanos. Não há dúvida, trata-se de uma febre de muito mau caráter.

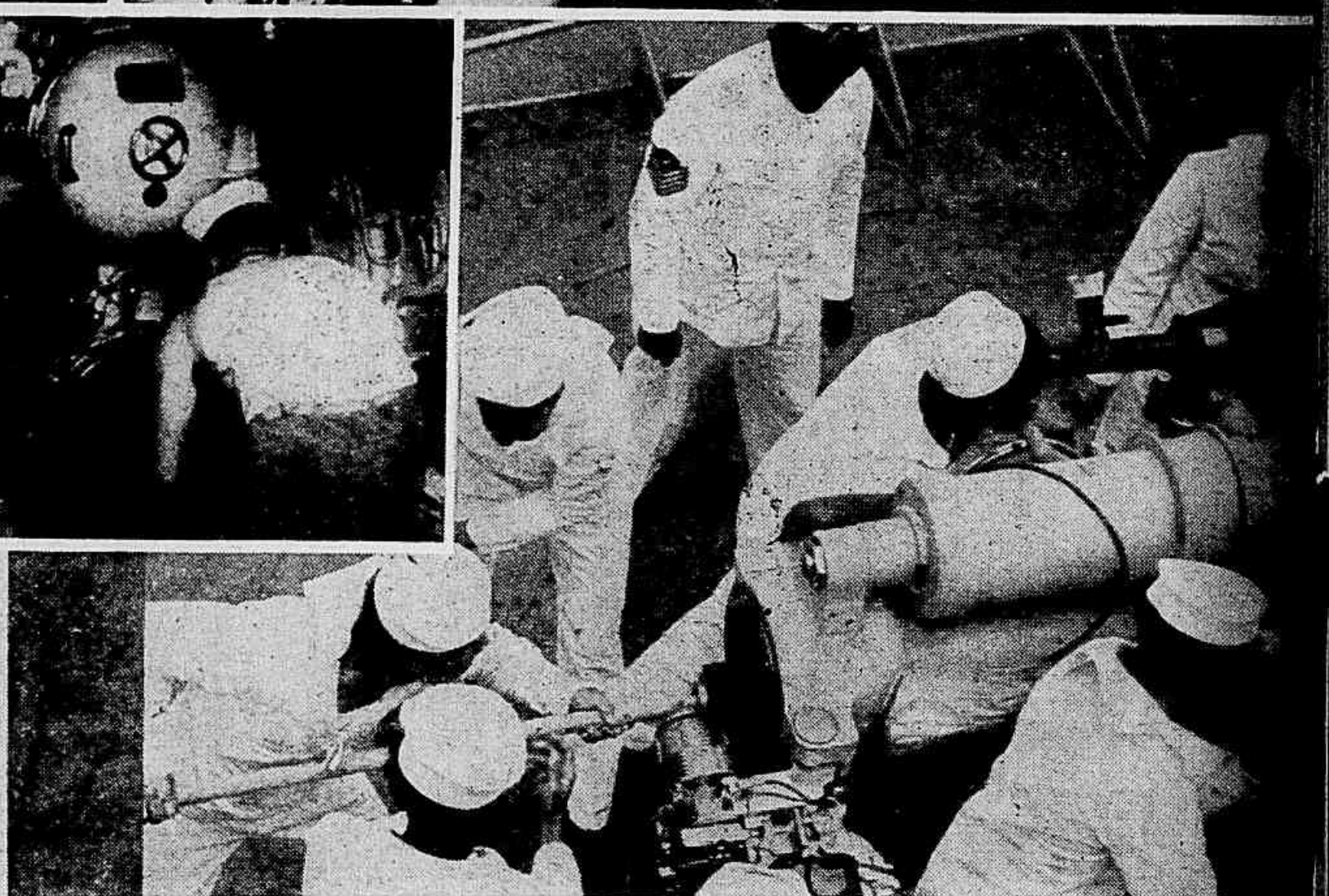
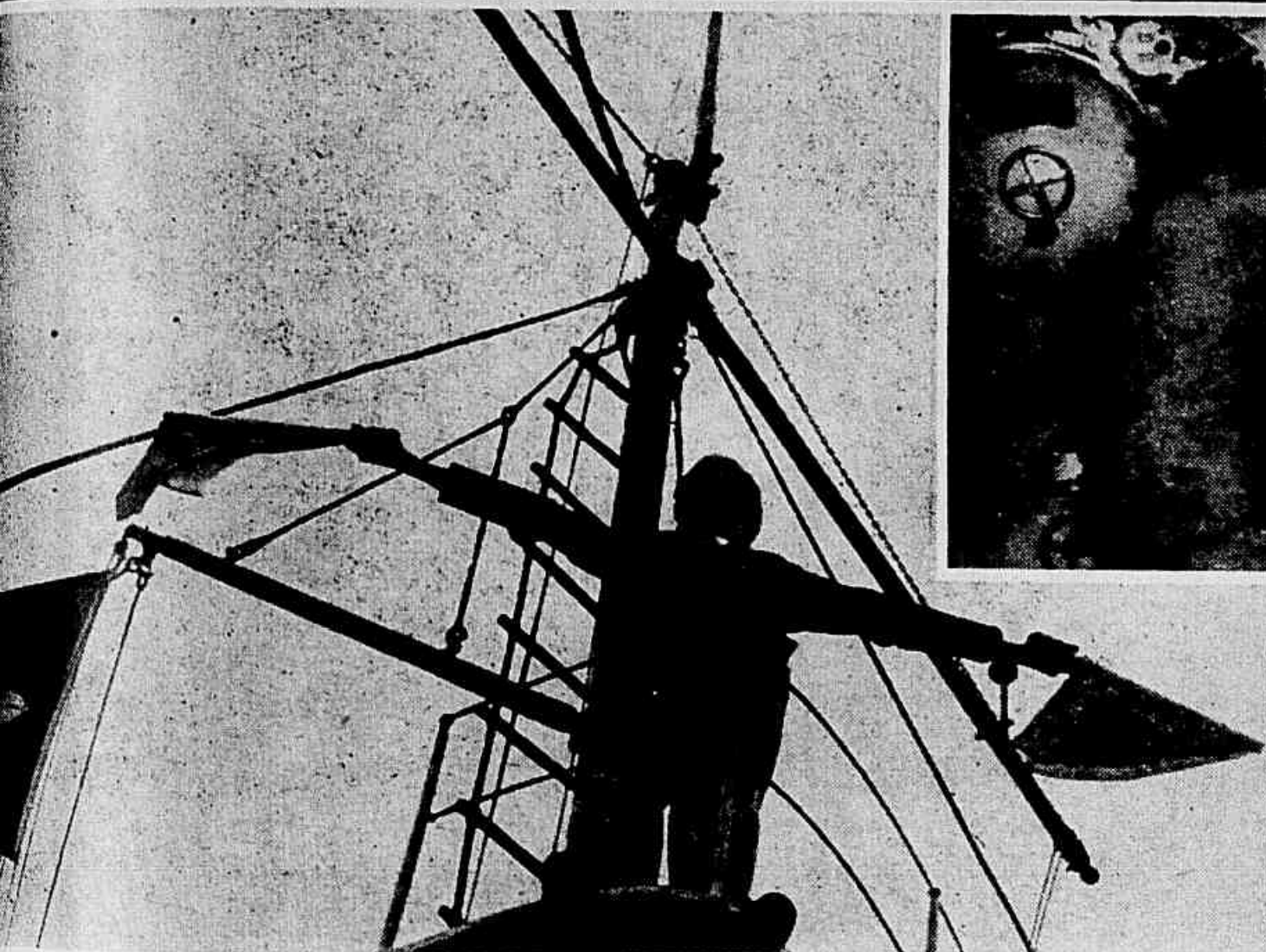
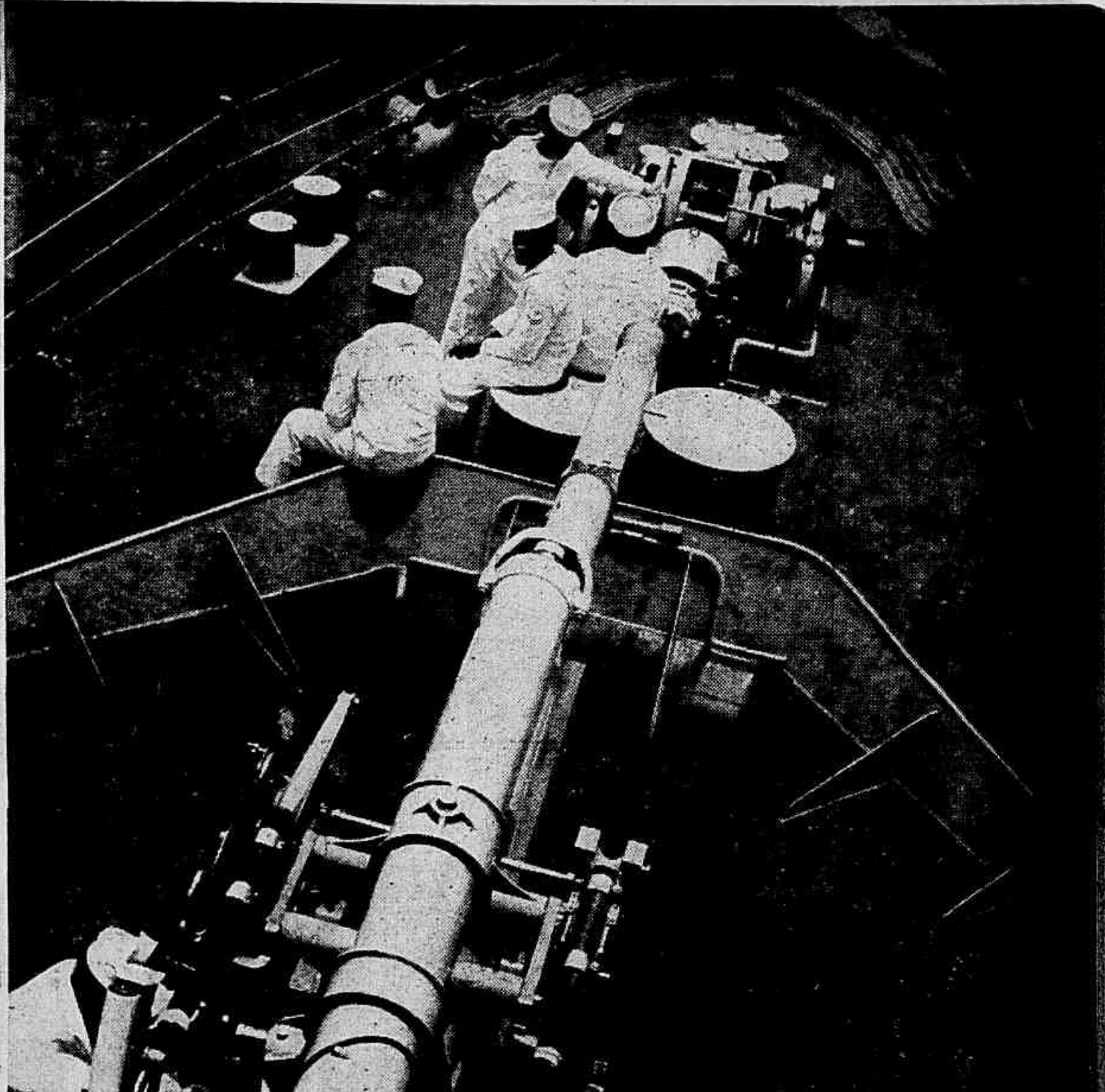
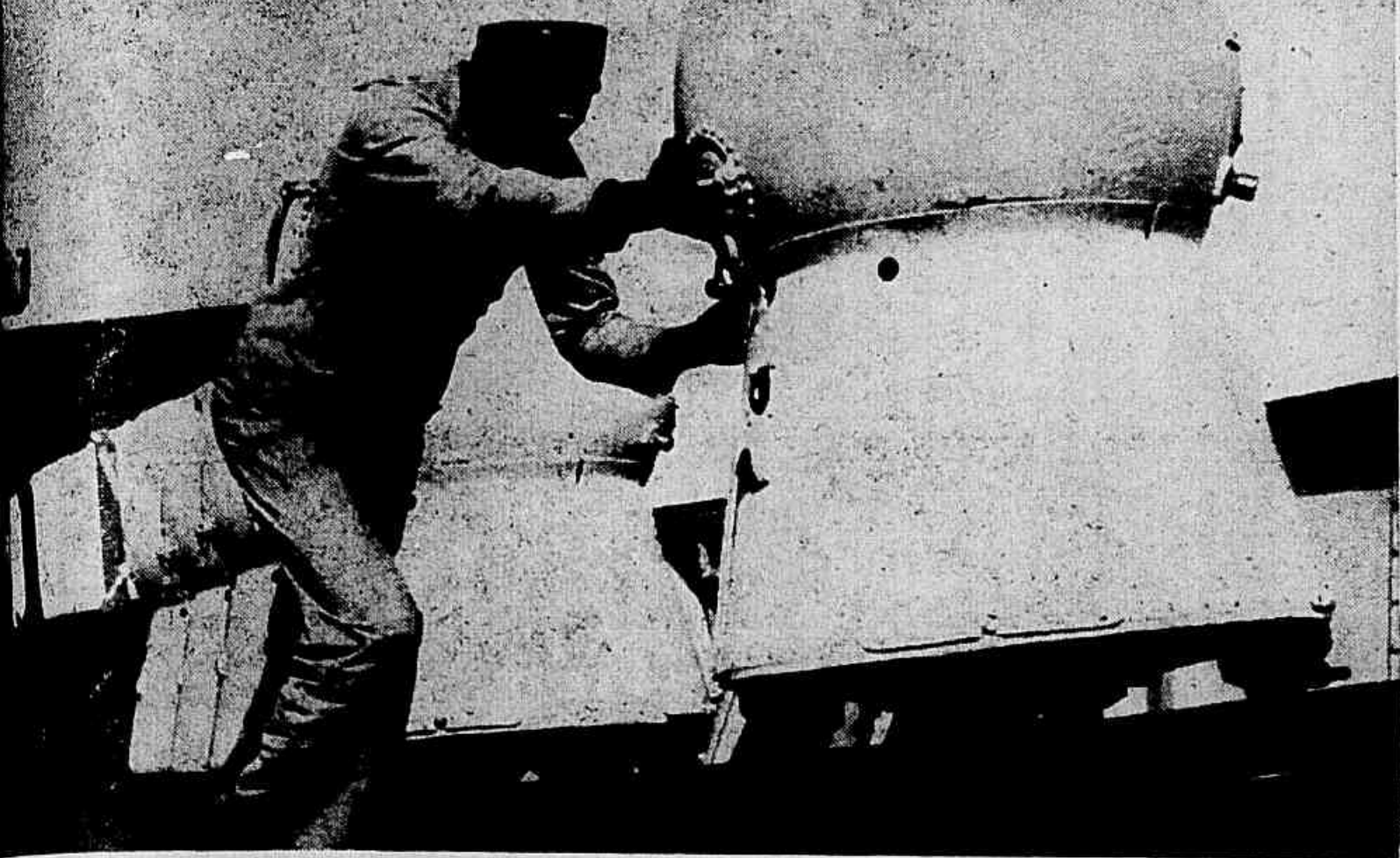
Em Sergipe mudaram o nome da velha cidade de Vilanova para o muito erudito de *Neópolis* que, de certo modo, cheira a defunto, lembrando *necropole*. A doença contagiou a vizinha Alagôas, onde se cogita mudar o da vila de Pedra, para *Delmirolândia* ou *Delmiropolis*, pernostica homenagem a Delmiro Gouveia que, si vivo fôsse, com o seu reconhecido bom-senso, a recusaria. E até já se chegou a falar em mudar o brasileiro nome da vetusta cidade de Piassabussú, para o estrambótico *Rizopolis*, significando "terra do arrôz". Com efeito, é mesmo hilariante!

UM TRECHO DO PORTO DE PENEDO, ANCORADOURO DE CENTENAS DE CANOAS, VENDO-SE AO FUNDO O VAPORZINHO QUE FAZ AS VIAGENS SEMANAIS DAÍ A PIRANHAS.

ASPECTO PITORESCO DA VELHA CIDADE ALAGOANA "PORTO REAL DO COLEGIO". A' MARGEM ESQUERDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO.



EXERCÍCIOS DIÁRIOS



Nesta hora em que a dignidade do Brasil criou para suas forças de terra, mar e ar responsabilidades extraordinárias, força é reconhecer que sobre a sua Marinha de Guerra recaíram onus especiais, de vê-se que nossa costa é enorme e, dada a grande deficiência de meios de comunicação interna, é pelo mar que se faz quase todo o intercâmbio entre as diversas regiões do país. E a necessidade imperiosa de assegurar o contacto com o Exterior redobra as responsabilidades dos nossos homens do mar.

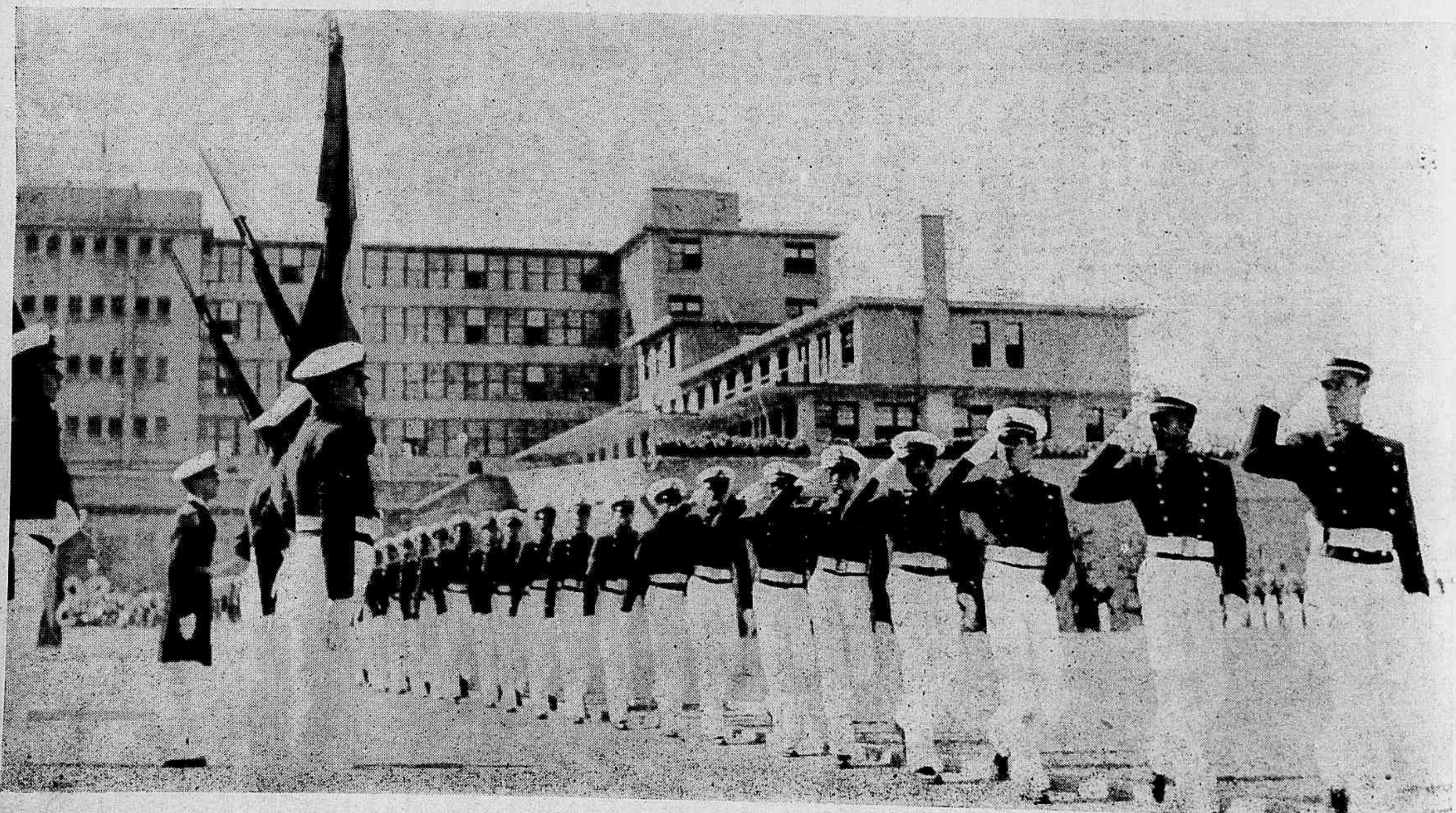
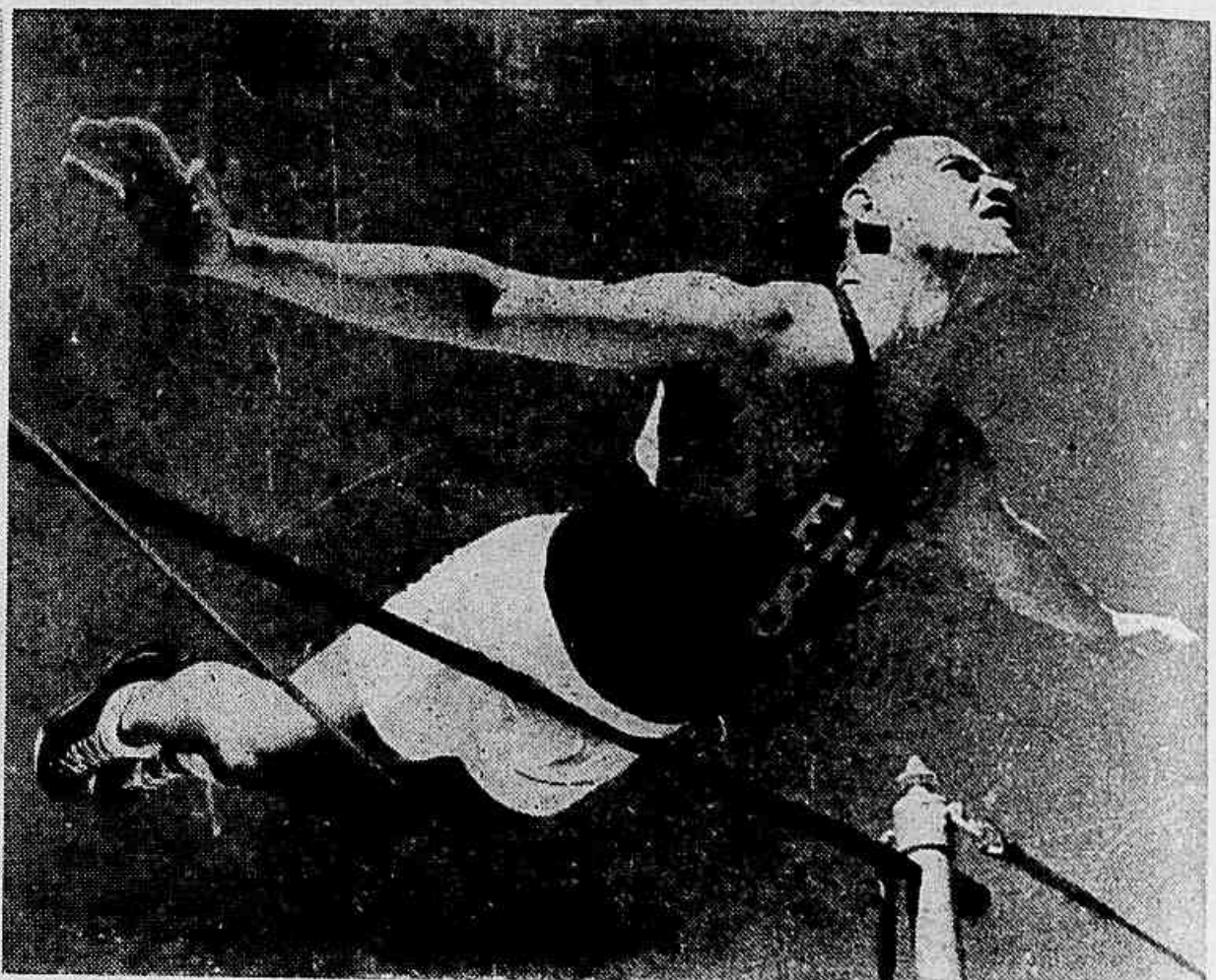
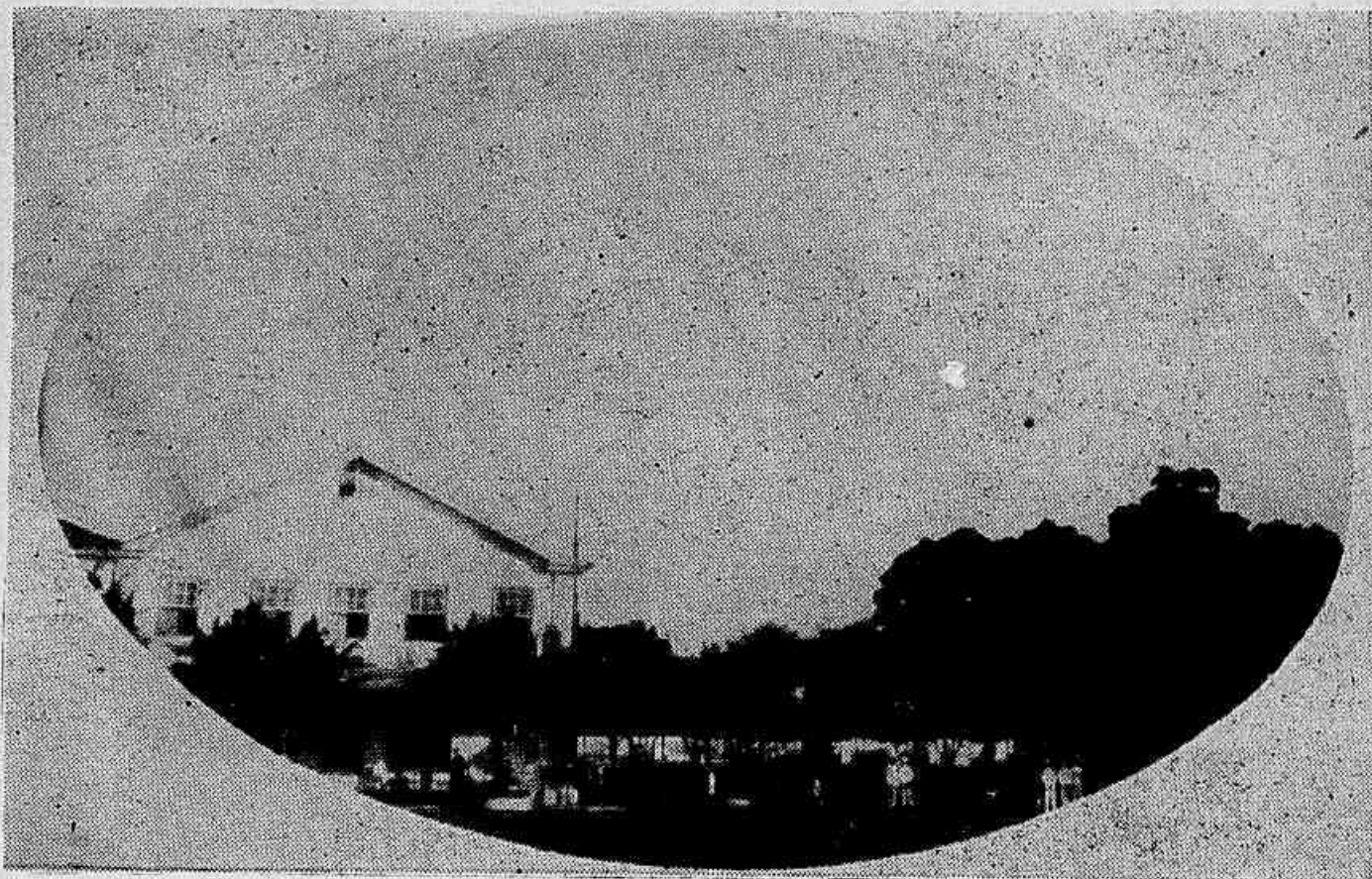
Assim, para o desempenho de tão árdua missão — dia e noite, quer faça bom ou mau tempo — o preparo da marinha tem que ser rigoroso.

Ao alto, da esquerda para a direita: um exercício de lançamento de minas; marinheiros no convés do *Cananéia* durante uma pausa nos trabalhos. No centro: um flagrante

dos exercícios diários de sinalização; na câmara de torpedos dois tripulantes dum submarino entregues às delicadas operações de preparo da câmara; exercício de artilharia a bordo de um dos nossos contra-torpedeiros, vendo-se marinheiros em torno de poderoso canhão de cento e um milímetros. Em baixo, à esquerda: o ato de lançamento de uma carga de profundidade feito assim que surgem indícios de presença do inimigo próximo. E, por último, dois flagrantes curiosos, embora comuns, da vida de bordo: nas horas de folga os marinheiros vão à barbearia improvisada no convés; e o cozinheiro preparando a alimentação do pessoal — "boia" simples porém sadia e substanciosa, que satisfaz o apetite dos homens do mar cujo labor diuturno dá saúde ao corpo e faz bem à alma.

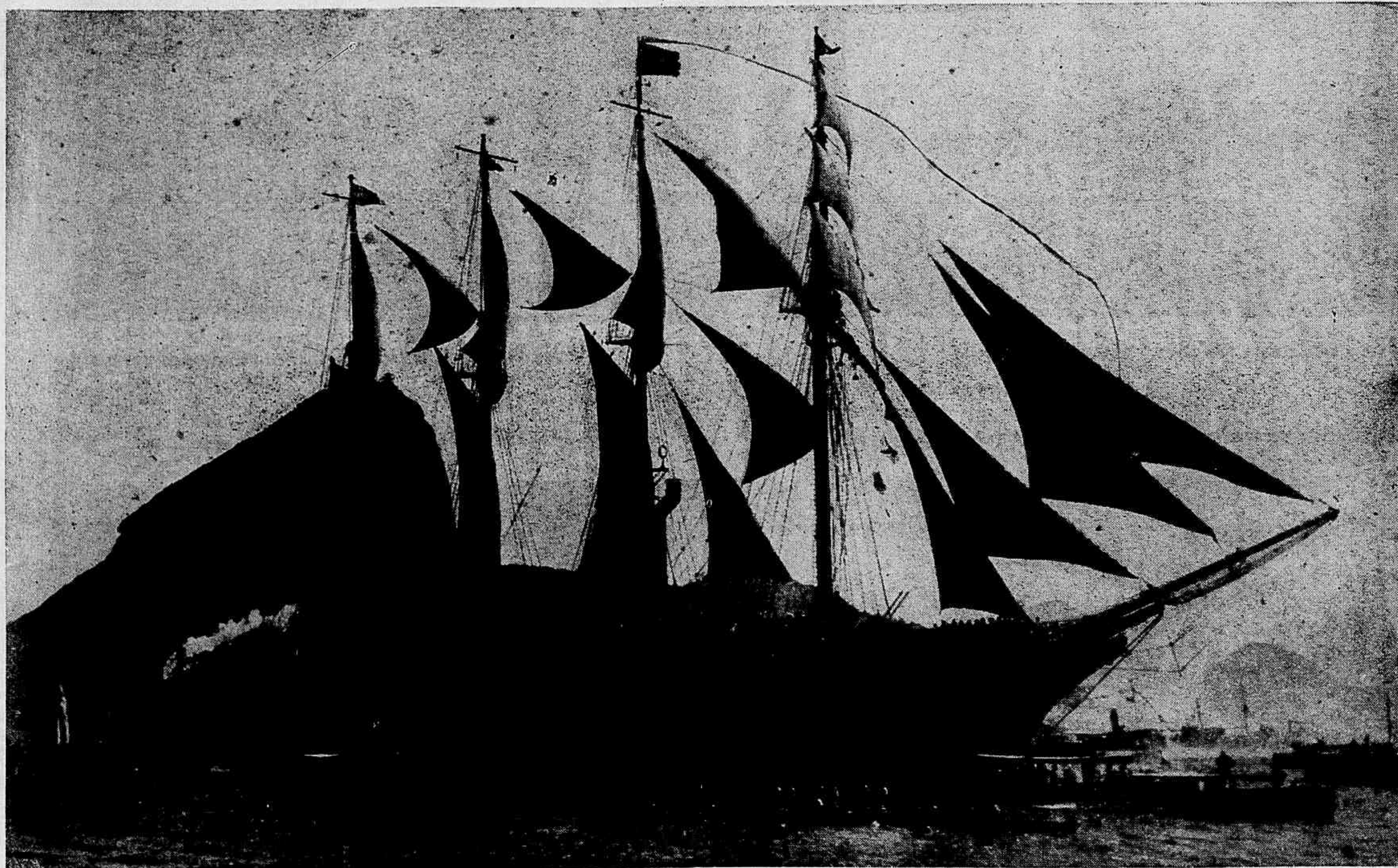
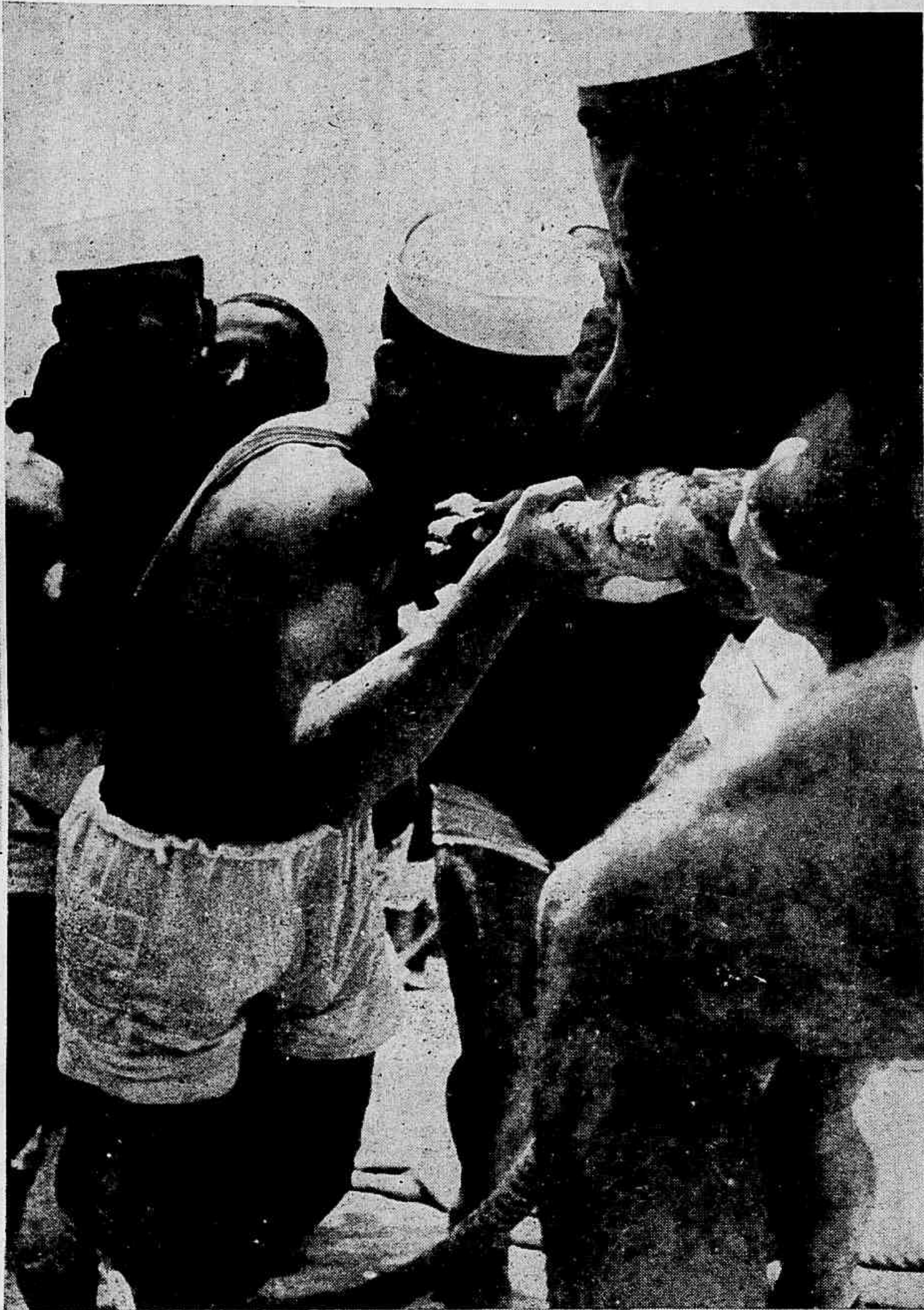


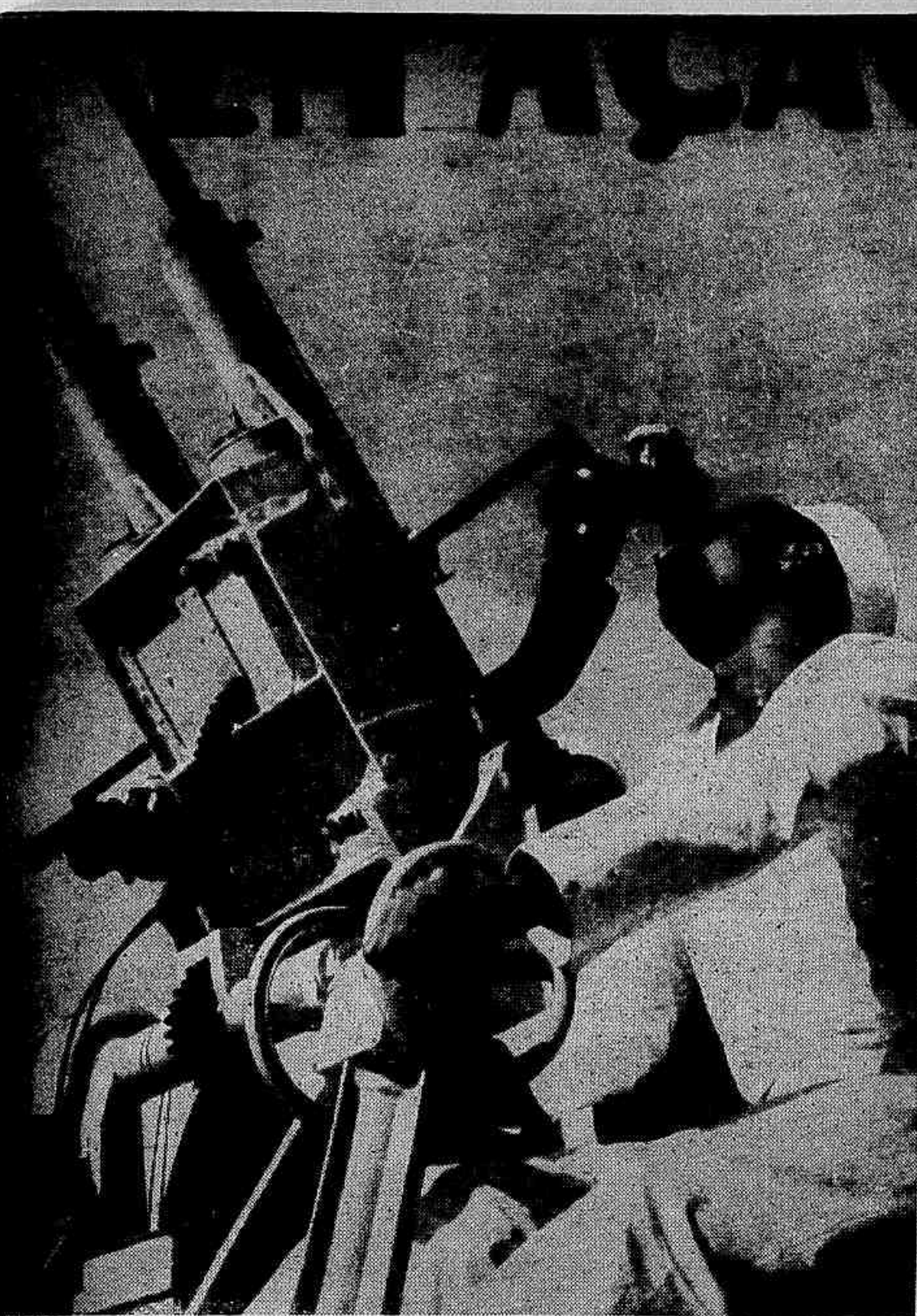
Onde se preparam os Oficiais de Marinha



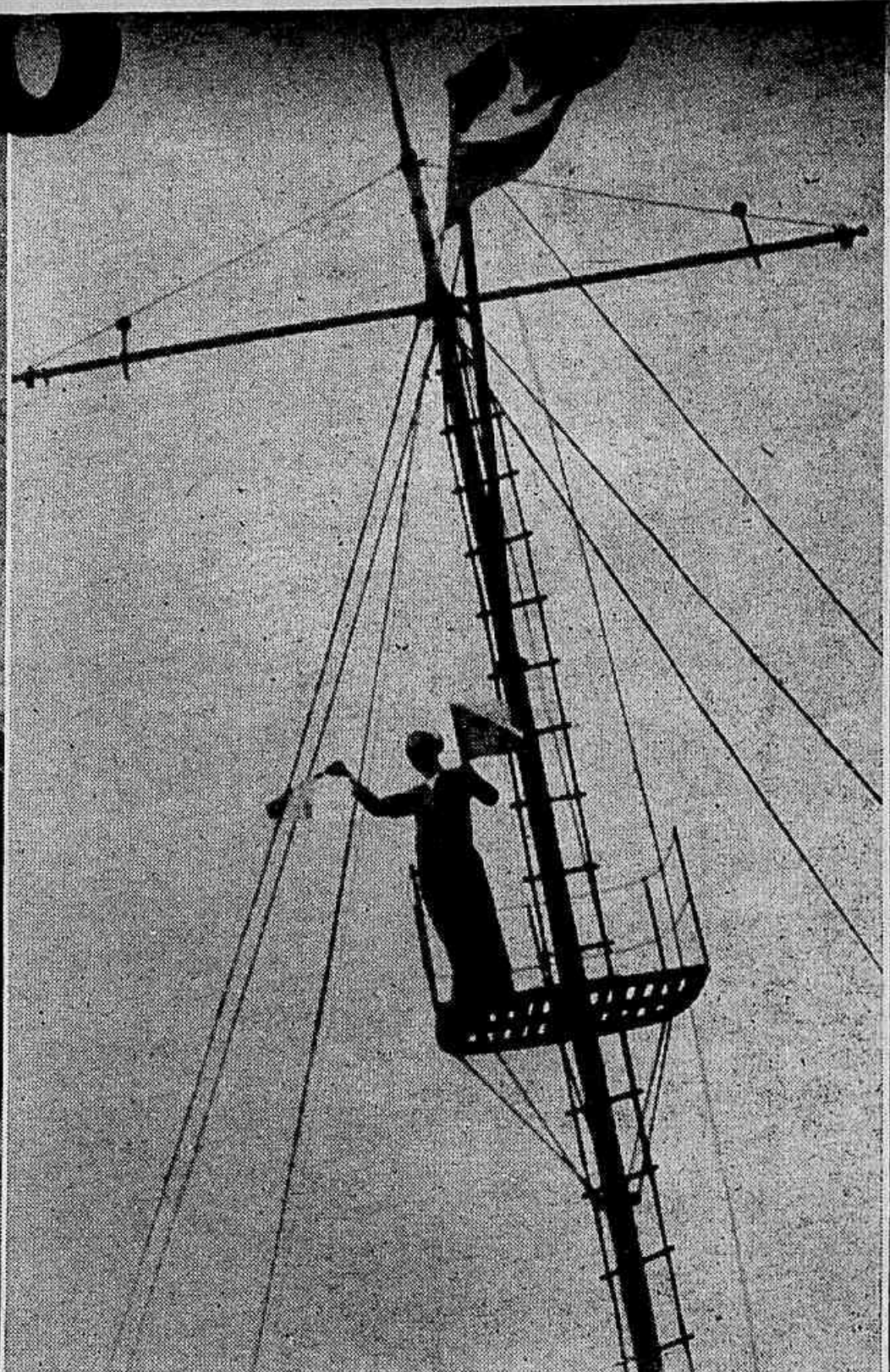


Fxamos nestas páginas — além de um aspecto da velha Escola Naval, na Ilha das Enxadas, cuja tradição vive no respeito e na homenagem dos brasileiros, e de onde saíram tantas figuras dignas da patria — flagrantes apanhados na nova Escola onde, presentemente, se formam as novas gerações de oficiais aos quais a Nação confere o dever de comandar. Ali apuram eles os conhecimentos gerais, cultivam o espirito, aprimoram o sentimento de amor á terra que lhes deu o berço e ao mar que a emoldura. Se, porém, cuidam primorosamente do preparo intelectual, nem por isso desprezam a cultura física cu: lhes permite a b6i forma com que enfrentam os rigores da vida pratica. Sim, porque, na paz ou na guerra, c bem ao oficial tarefas arduas. A' esquerda, ao alto, um grupo de calouros entrando para a Escola; em baixo: um aspirante conduzindo a bandeira e um belo flagrante de um desfile em continencia ao auri-verde penção no pateo da Escola, um ótimo salto durante exercicios físicos. Nesta pagina: um aspecto tomado em parada, outro flagrante de exercicios físicos e por fim o "Saldanha da Gama", o belíssimo veleiro que é, por assim dizer, a escola flutuante onde os aspirantes, findo o curso, fazem, em longo cruzeiro por mares estranhos, um treino rigoroso, complemento indispensavel à formação do oficial.





AS METRALHADORAS ANTI-AEREAS ESTÃO PRONTAS PARA ENTRAR EM AÇÃO A QUALQUER MOMENTO.



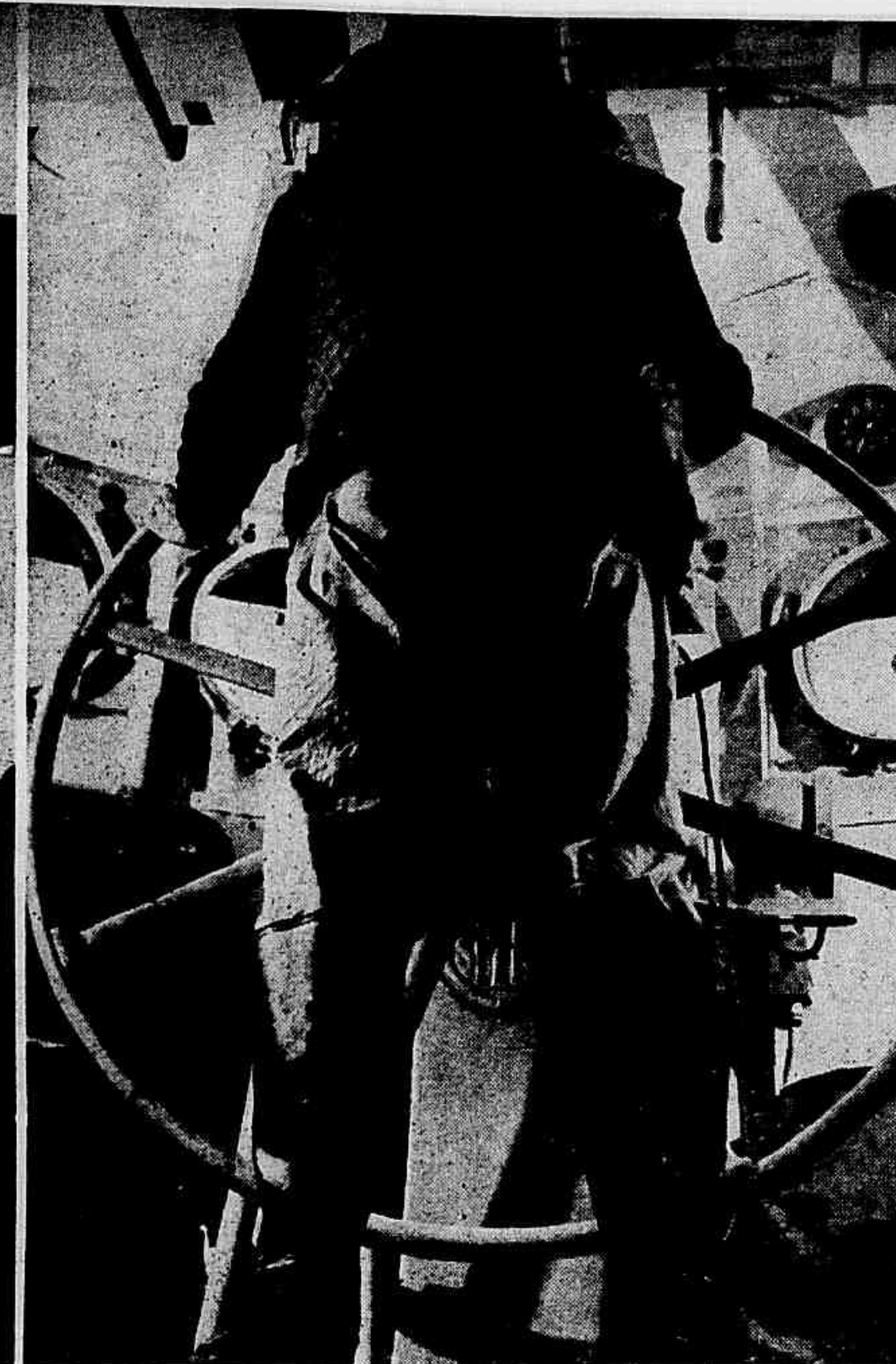
DURANTE O DIA, UM MARINHEIRO TRANSMITE SINAIS PARA OUTRA UNIDADE.



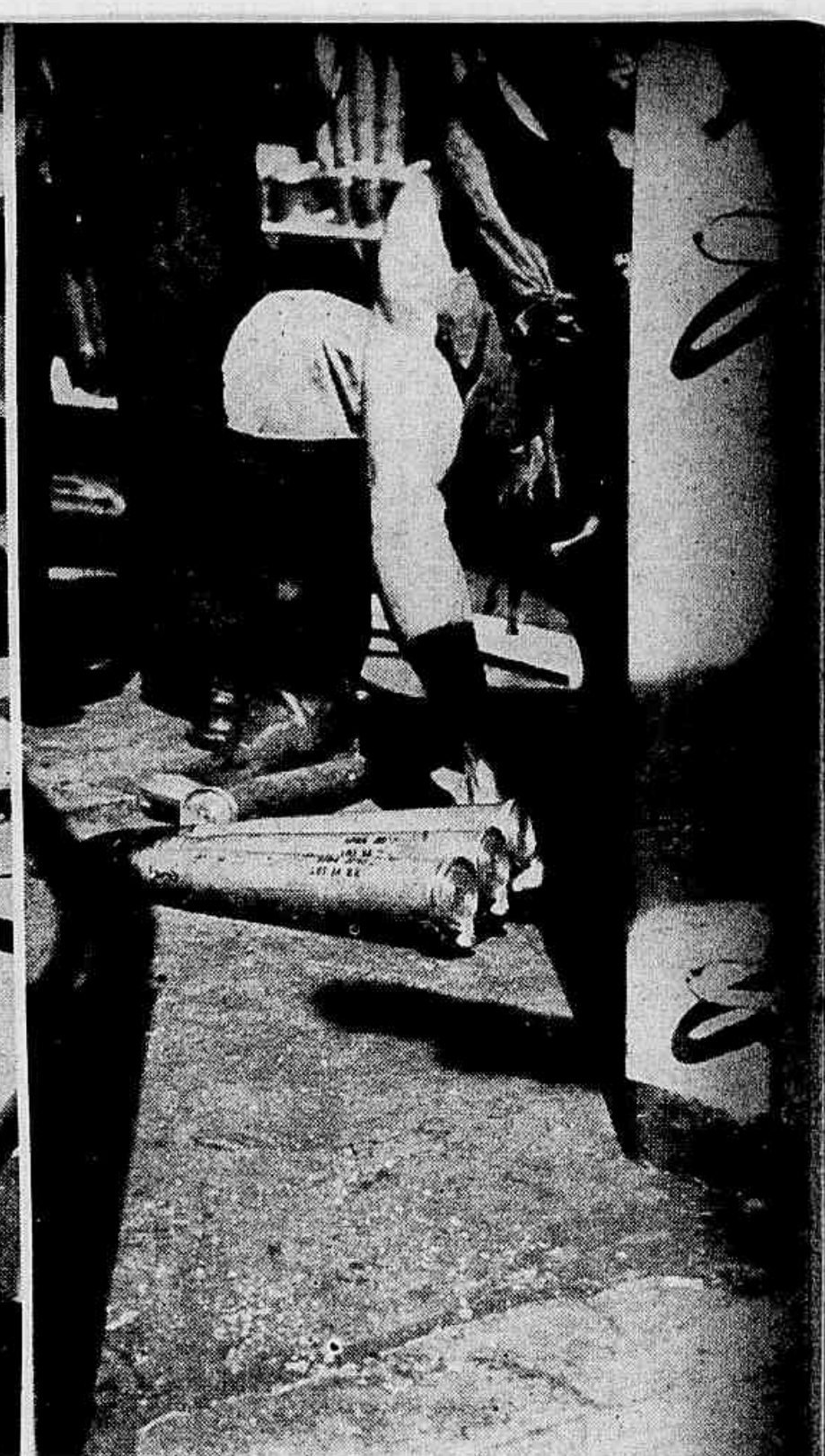
MANEJANDO A RODA DO LEME, FIRME E ATENTO.



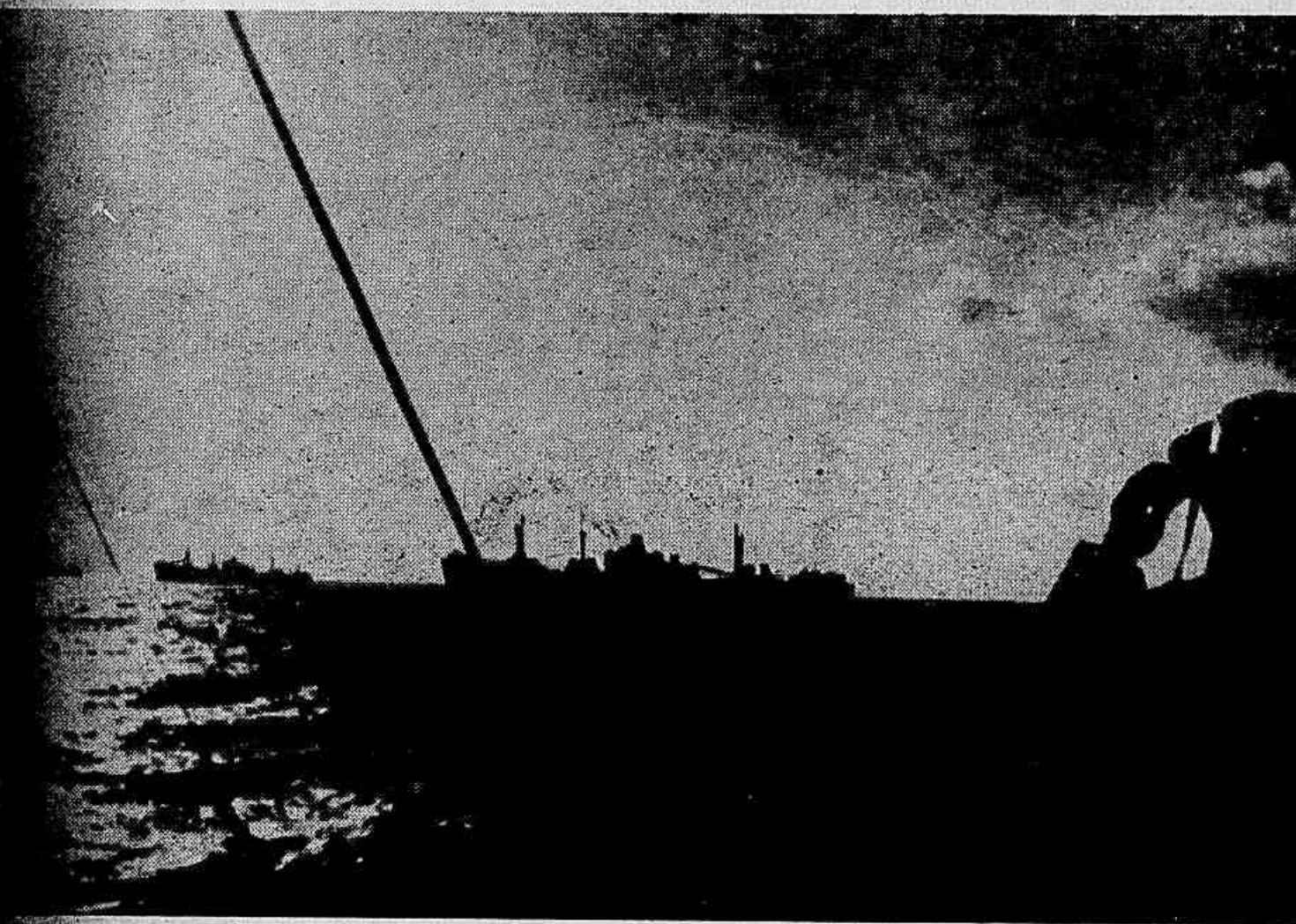
MESMO AS PEQUENAS EMBARCAÇÕES SEGUEM O COMBOIO. NO FLAGRANTE UM OFICIAL DA MARINHA, ENFRENTANDO UM SERVIÇO PESADO.



O HOMEM DO LEME, DE CAPACETE DE AÇO E SALVA-VIDAS PARA A EVENTUALIDADE DE UM TORPEDEAMENTO.



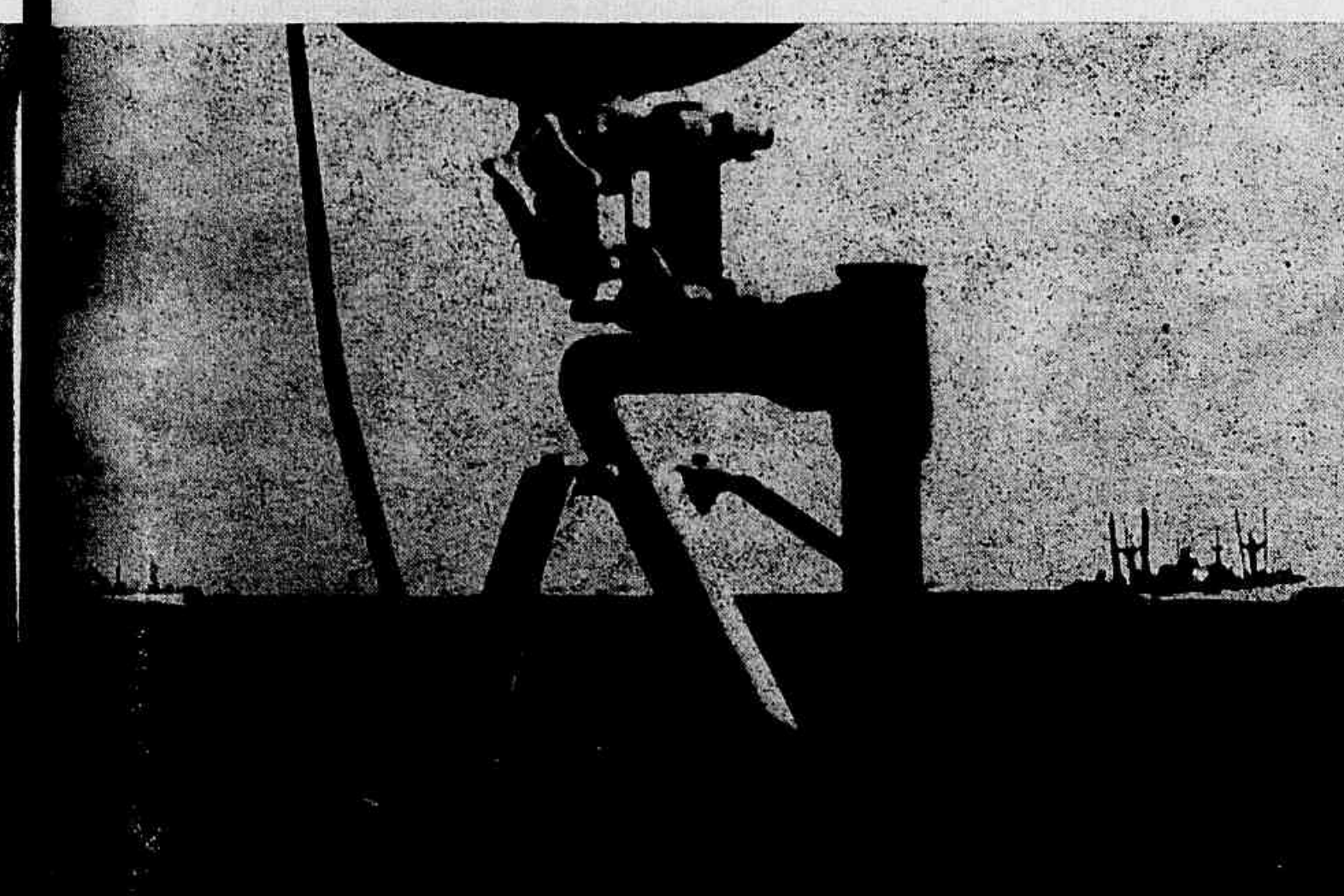
PREPARANDO AS MUNIÇÕES PARA O SEU PRÓPRIO DESTINO.



SOB A VIGILANCIA DO CAÇA-SUBMARINOS, O COMBOIO TOMA O SEU DESTINO.



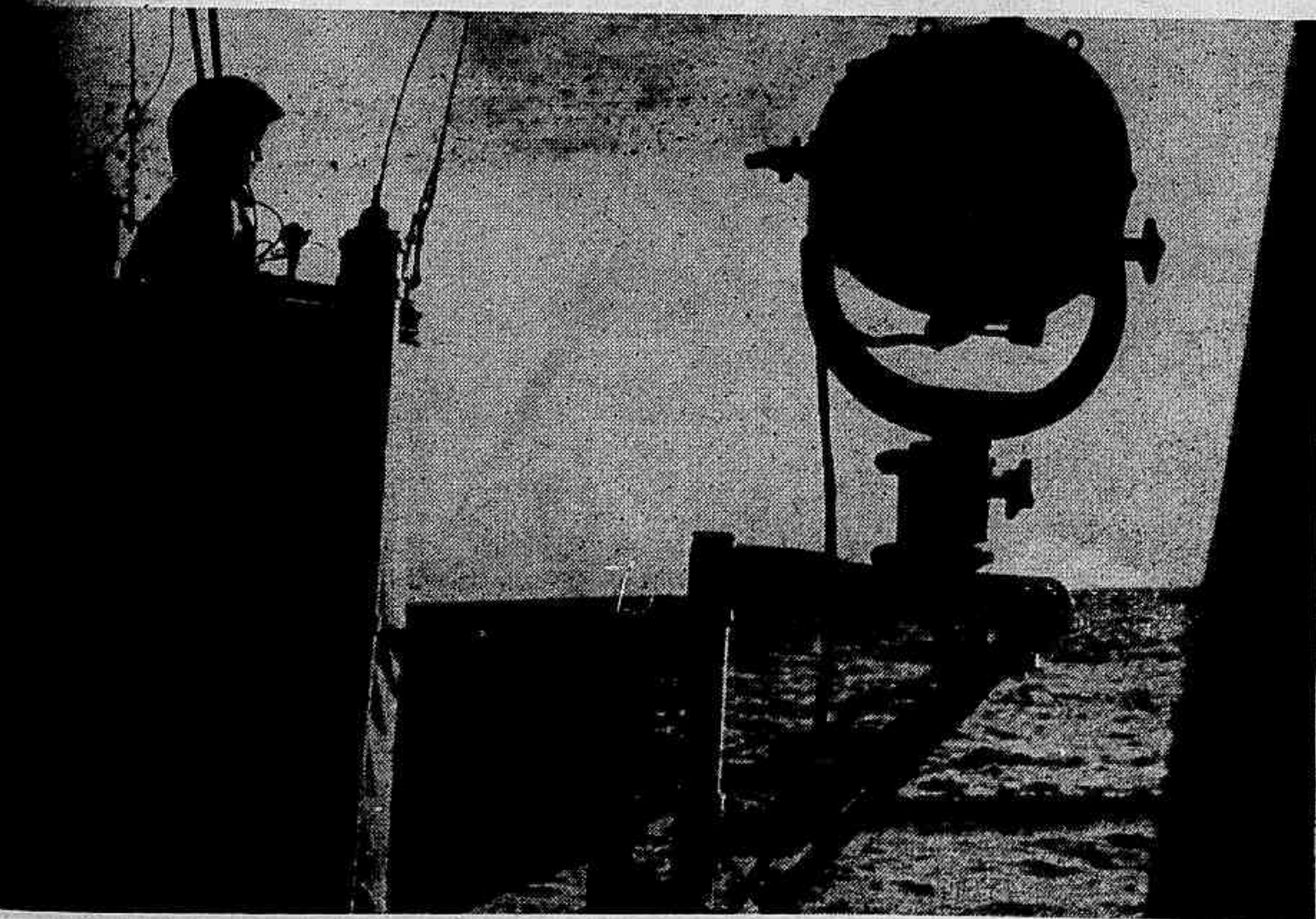
O MARINHEIRO PROCURA NAS AGUAS O PERISCOPIO DO SUBMARINO INIMIGO.



FLAGRANTE TOMADO DE BORDO DE UM CAÇA DA ESCOLTA, VENDO-SE A DISTANCIA CARGUEIROS PROTEGIDOS.



DE BORDO DO CAÇA, OBSERVANDO A FORMAÇÃO DO COMBOIO.



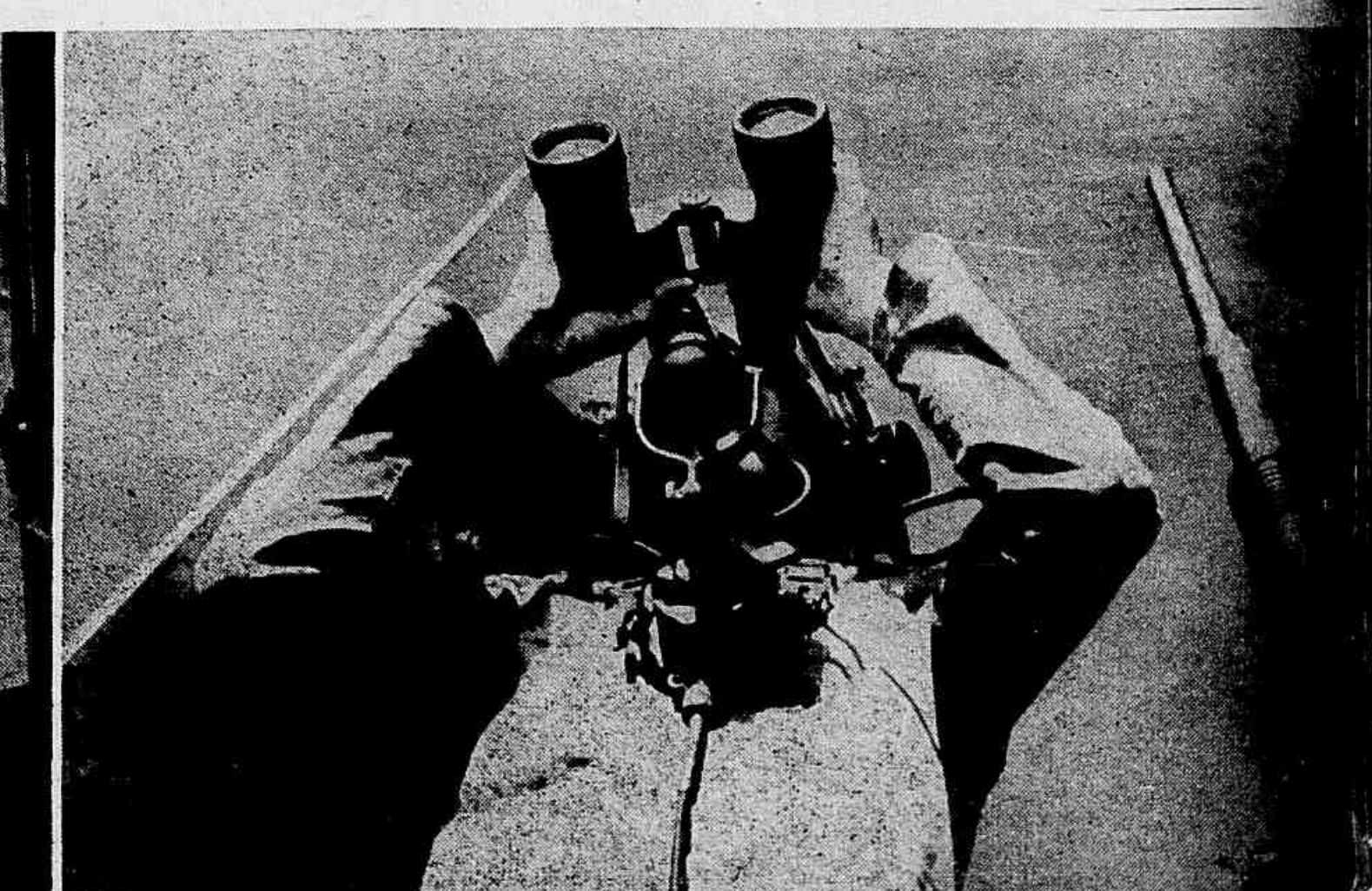
AO LADO DE UM POSSANTE REFLETOR O MARUJO GUARDA A ROTA DA SUA EMBARCAÇÃO.



UM OFICIAL DE NAVEGAÇÃO CALCULA A POSIÇÃO DE SEU NAVIO.

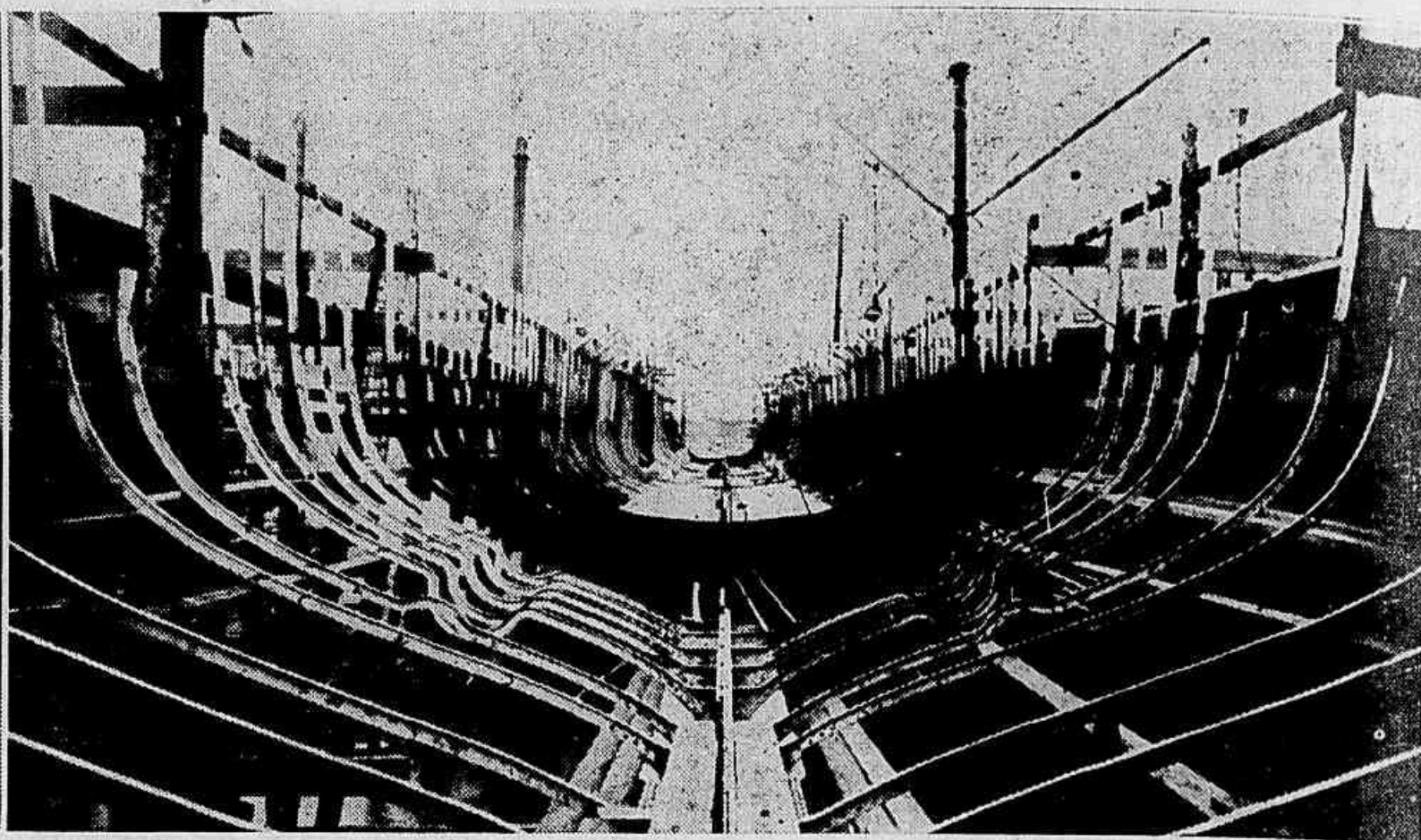
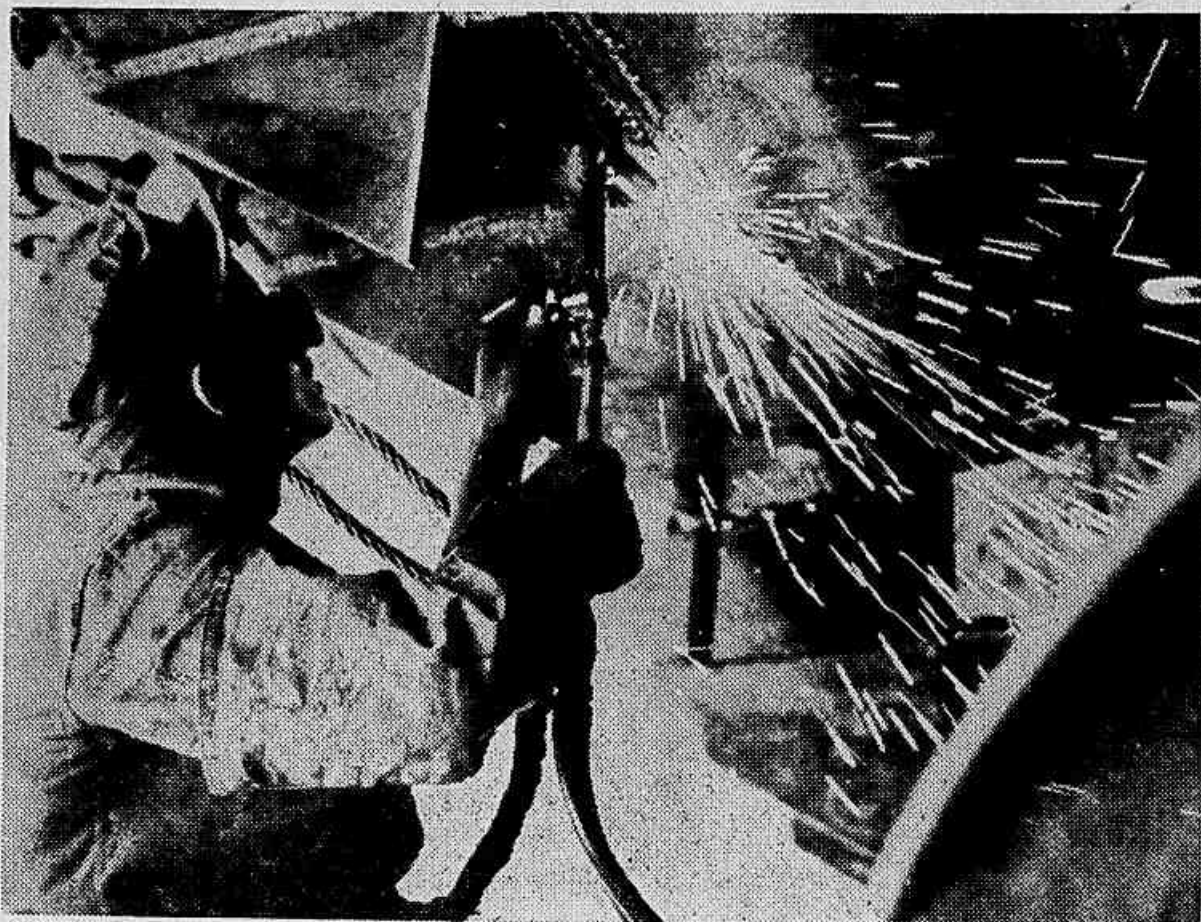


FLAGRANTE DE UM OFICIAL DE NAVEGAÇÃO NO SEU POSTO.



PROCURANDO AZAS INIMIGAS, E AO LADO A METRALHADORA ANTI-AEREA.

A RENOVAÇÃO DA ARMADA



Vem obedecendo a um ritmo certo e sempre crescente o programa de renovação e aumento do número dos navios da nossa esquadra, dentro do critério que se enquadra na orientação tradicionalmente defensiva e nunca ofensiva do Brasil. Sômente a extensão da nossa costa, acrescida de rios que são verdadeiros mares, justificaria a orientação que exige o aumento em número e aperfeiçoamento das nossas unidades navaes.

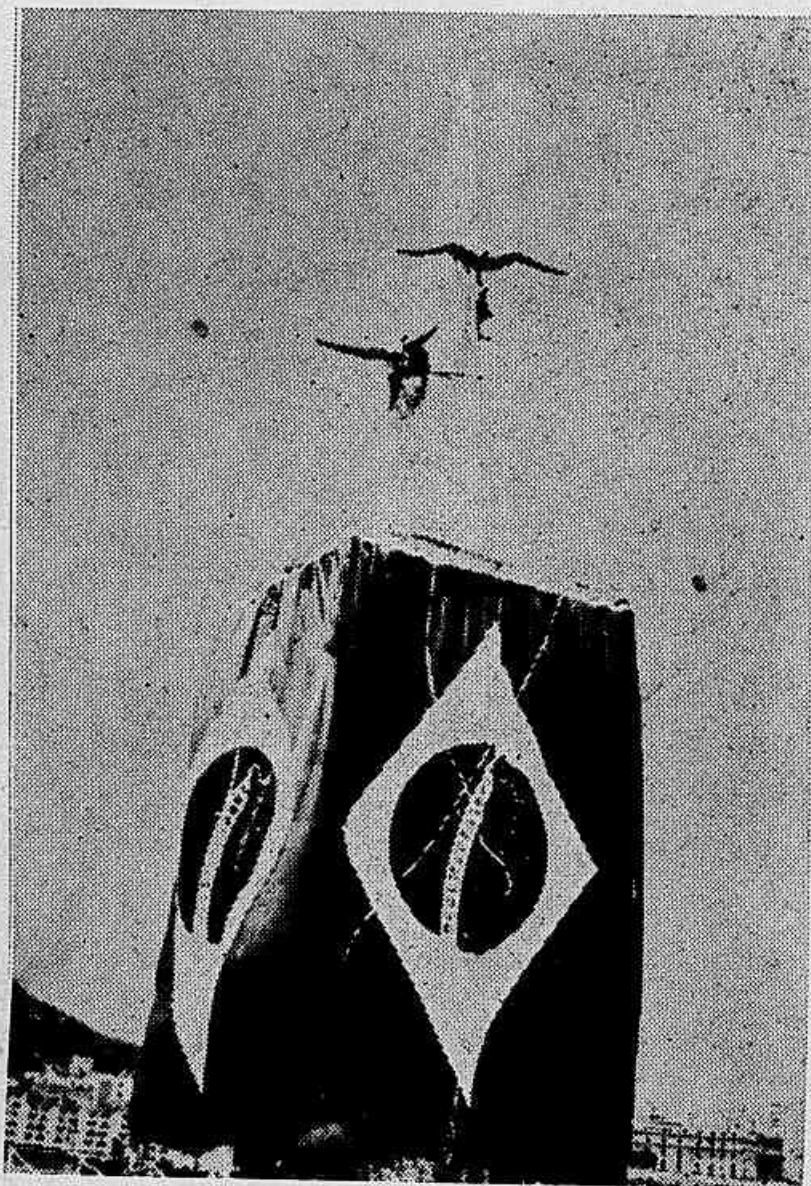
E o programa a que nos referimos, ultimamente mais intensificado, oferece ainda um aspecto de alta significação: o resurgimento da construção naval que, entre nós, em épocas longínquas tomara desenvolvimento notável para cair depois em relativo cola-

pso, se faz com material, tanto quanto possível, brasileiro, e, praticamente, com o emprego exclusivo de técnicos e operários nacionais. E', assim com o esforço da nossa gente que corre um sopro de vida nos nossos arsenais, outro atestado eloquente da capacidade dos nossos patrióticos para os misteres mais diversos.

A não ser a série de barcos que os Estados Unidos nos tem cedido ultimamente por força dos trabalhos da guerra em que somos aliados, podemos dizer que os brasileiros constroem seus próprios navios com cem por cento de êxito, além das vantagens econômicas.

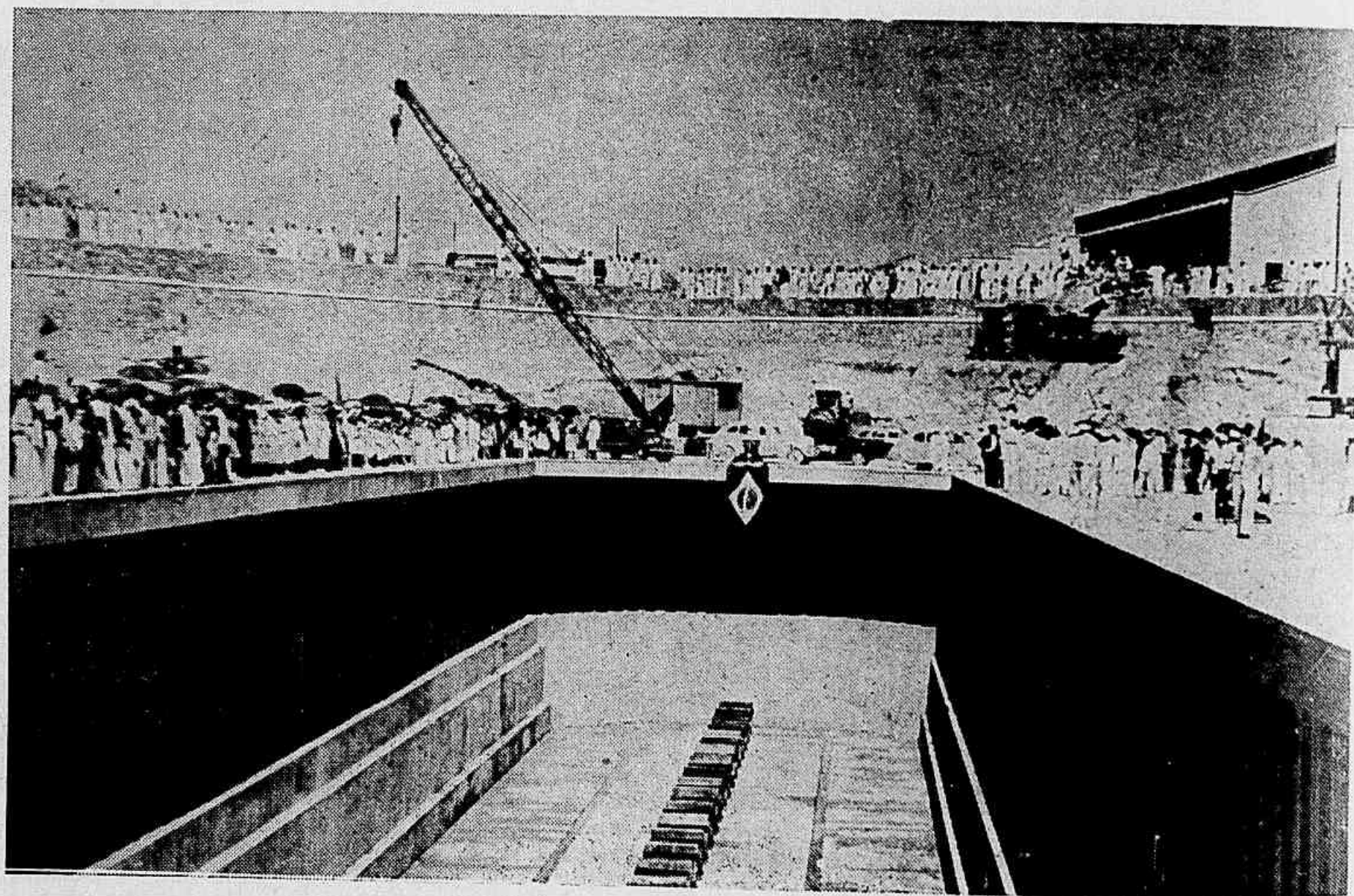
É inaugurado, em 29 de Novembro ultimo, na Ilha das Cotras, monumento o comemorativo do reinício da construção naval no Brasil.

Dique seco recentemente construído no Arsenal de Marinha, em Ladário, no Estado de Mato Grosso.



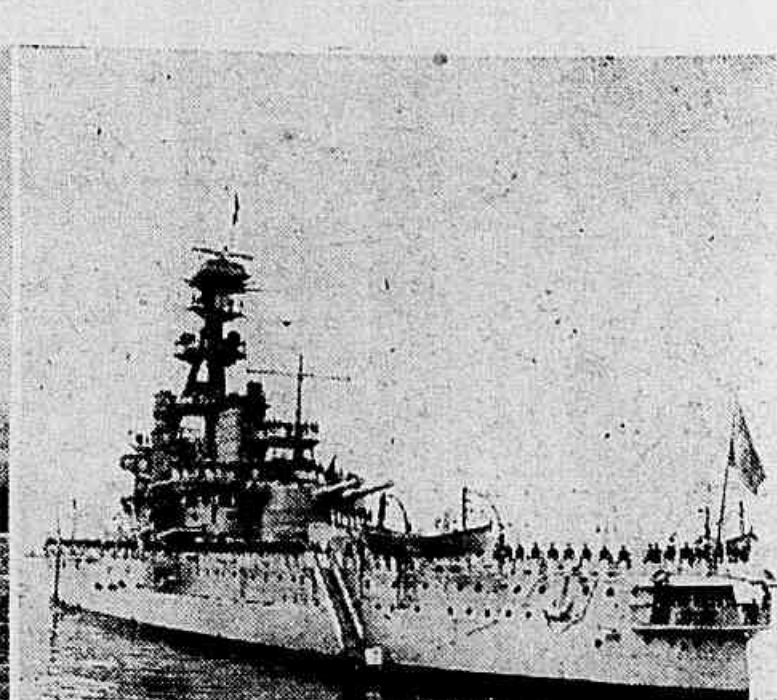
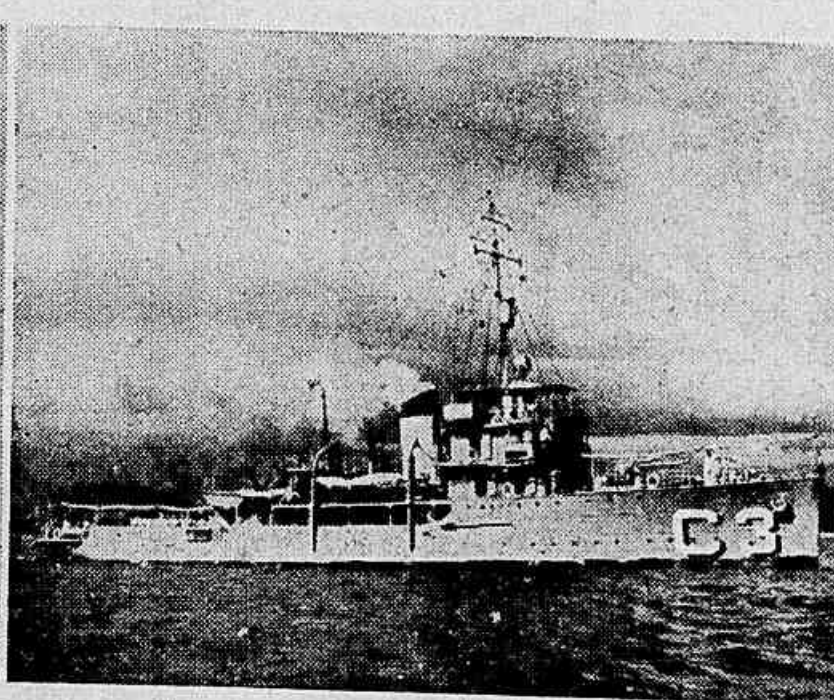
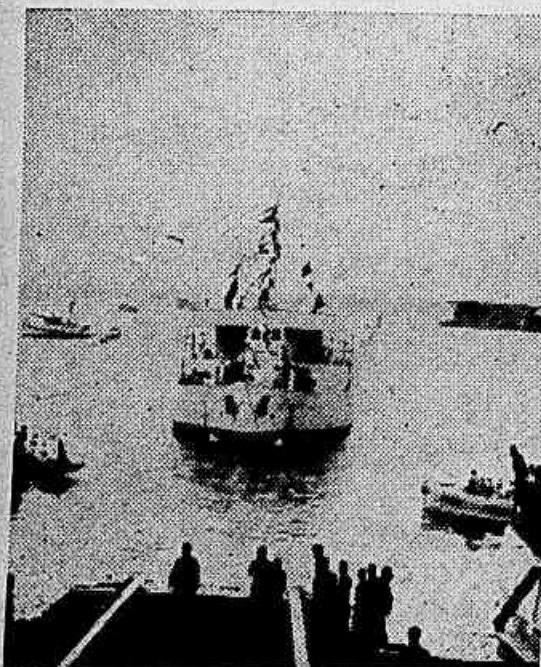
Flagrante de um dos lançamentos que se repetem ultimamente. Este é o do monitor "Paraguassú".

A senhora Mendonça Lima quebrando num contra-torpedeiro a garrafa de champagne; ao lado S. Excia. o Almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha nas solenidades do dia 29.



O mineiro "Camocim", transformado em caça e que foi um dos construídos no Arsenal do Rio.

O "Minas Gerais" recebeu grandes reformas que aumentaram a sua eficiência em todos os sentidos.





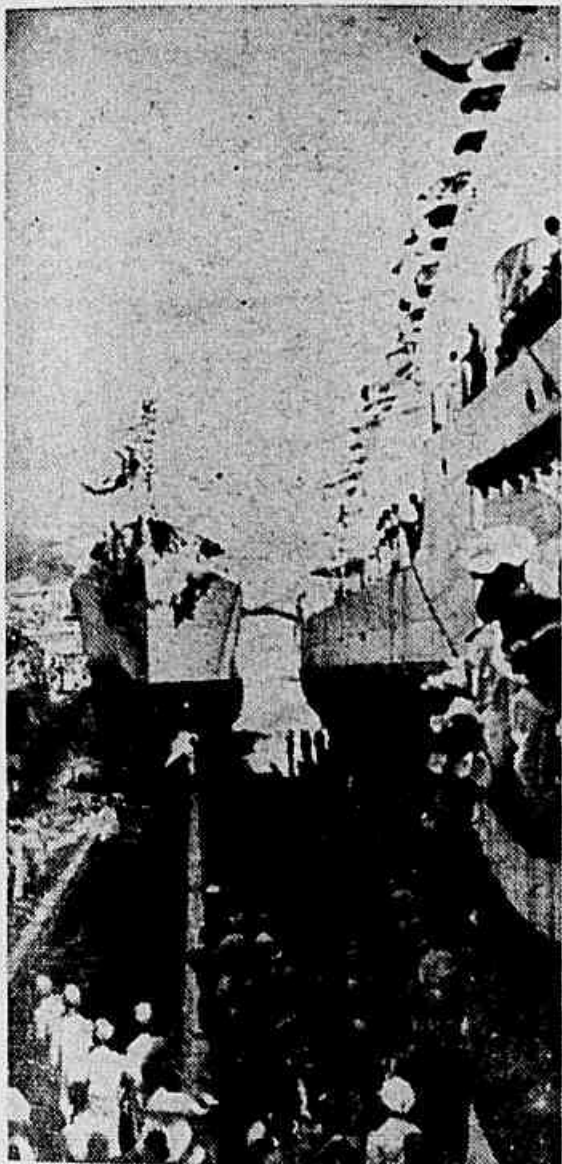
O contra-torpedeiro "Mariz e Barros" deslizando na carreira, quando era lançado ao mar.



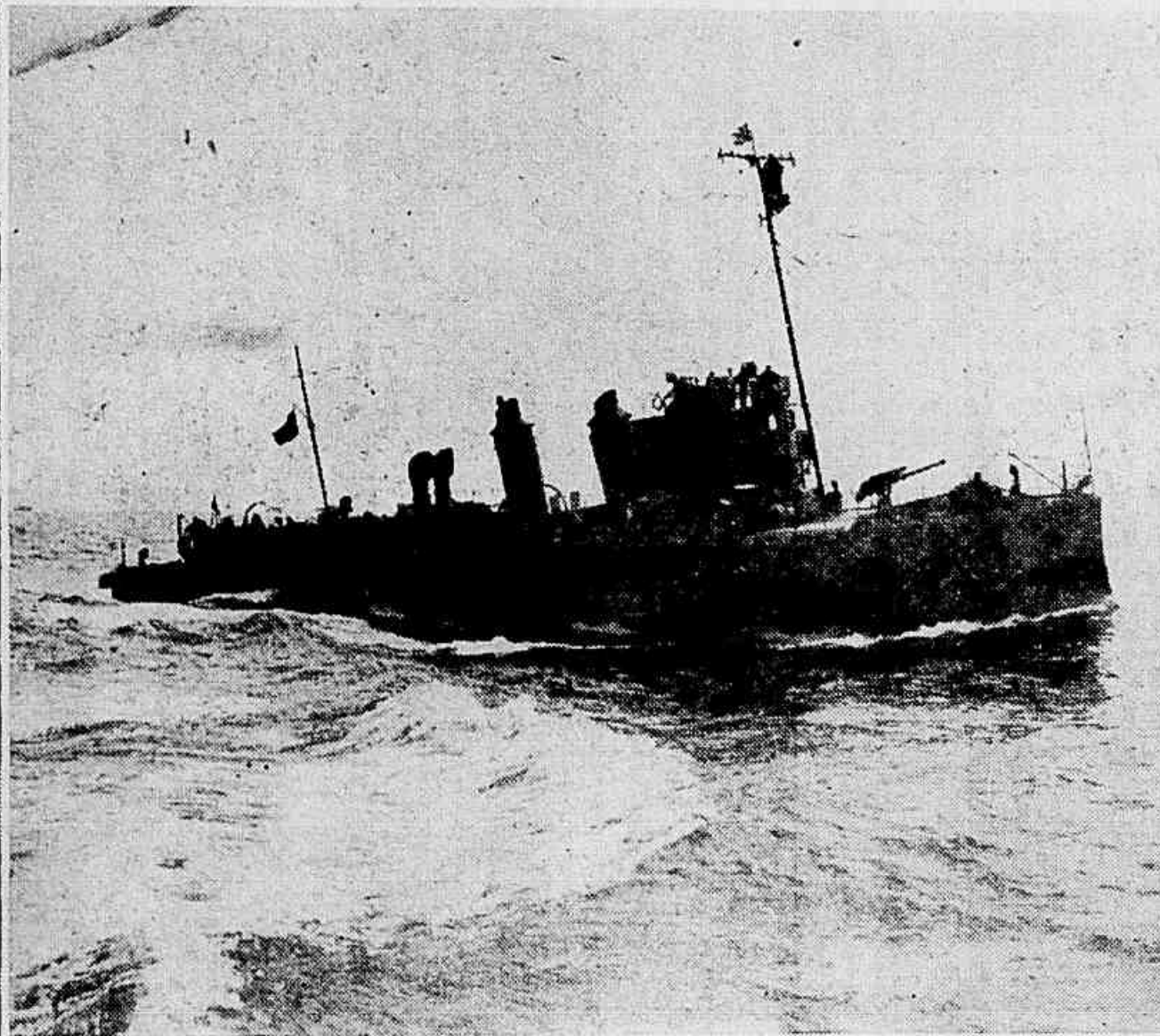
Na foto vemos S. Excia. o Presidente Getúlio Vargas no dia 29 ultimo, cercado pelos netos do Alm. Regis Bitencourt, diretor do arsenal da Ilha das Cobras.



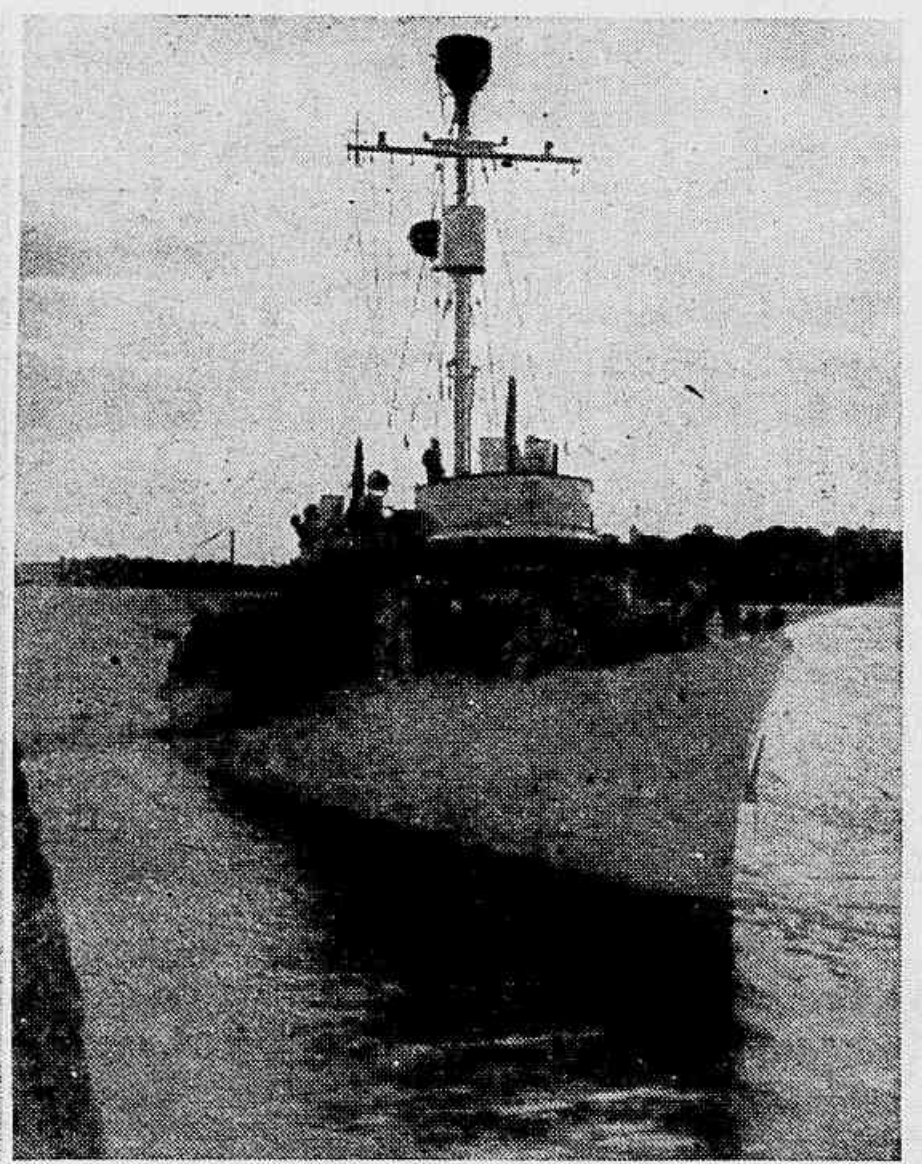
O cruzador "Rio Grande do Sul" em serviço de guerra ao largo de nossas costas.



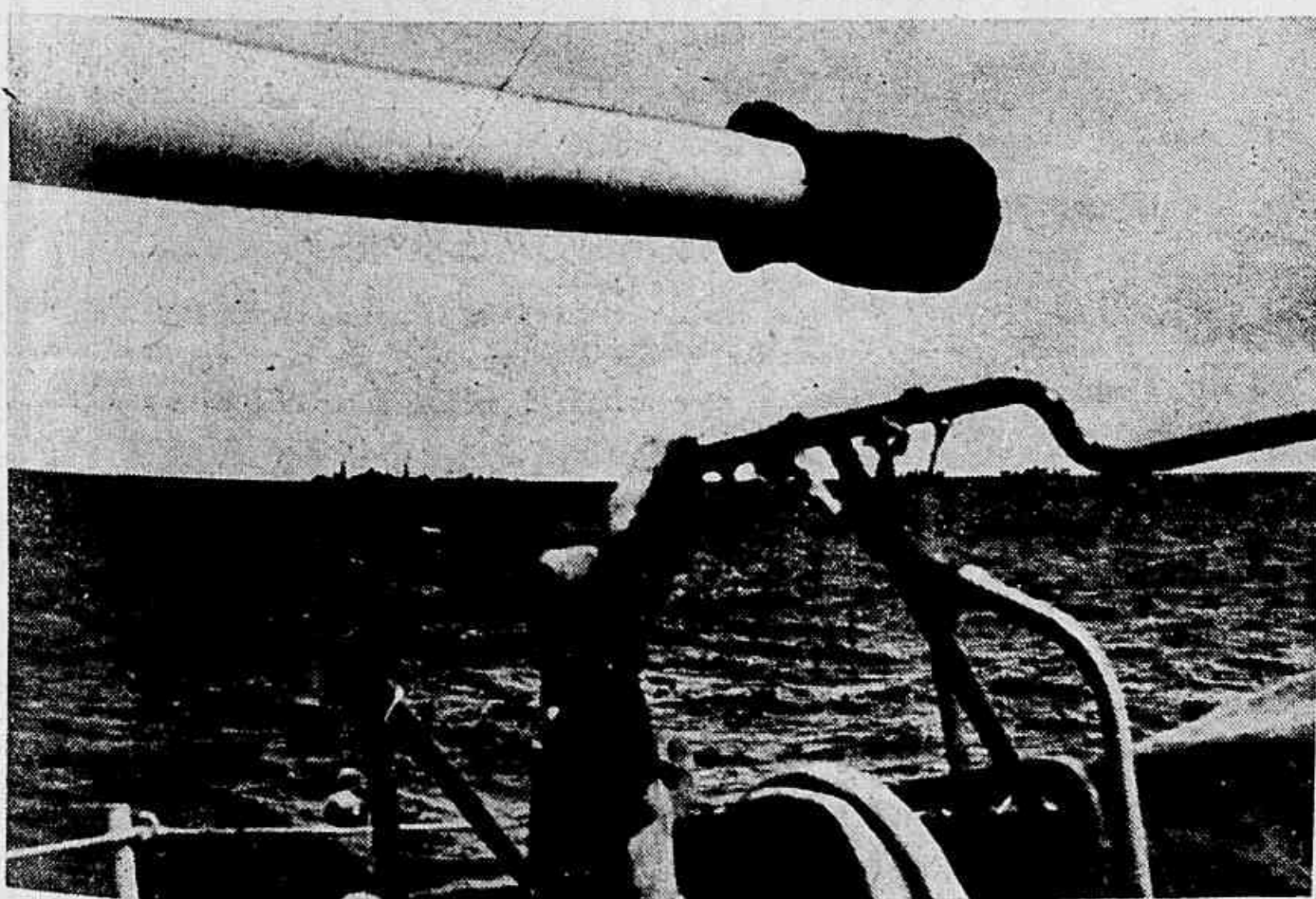
Flagrante, feito quando o contra-torpedeiro "Amazonas" era lançado ao mar.



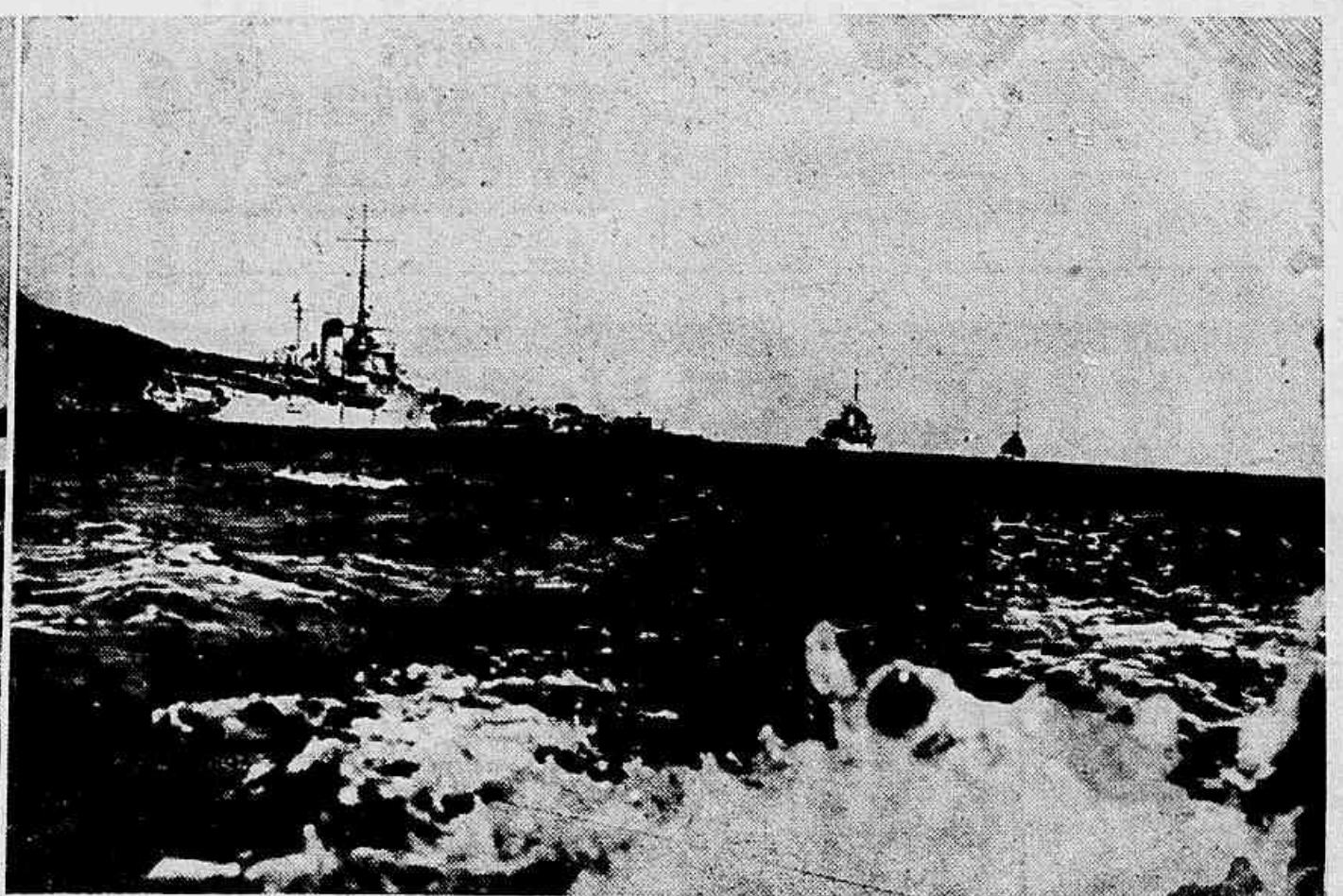
O ex-"Ruth", adquirido na revolução paulista e incorporado à Marinha como navio hidrográfico, agora na flotilha de caças.



O moderno caça "Guaíba" adquirido nos Estados Unidos; contamos com mais sete embarcações do mesmo tipo.



Um comboio protegido em pleno mar; o canhão do caça simboliza essa proteção.



"Caravelas", "Carioca", "Cananéia", "C. bedelo", "Camocim", "Camaquem", navios mineiros da série C. Submeteram-se com êxito duras a provas.

De São Paulo

O CENTENARIO DE PAULA SOUZA

Transcorreu no dia 6 do corrente mais um aniversário do nascimento de Antonio Francisco de Paula Souza, engenheiro, ministro da Viação e do Exterior no governo de Floriano Peixoto, professor, fundador e diretor da Escola Normal e da Escola Politécnica de São Paulo.

Nasceu em Itu, a 6 de dezembro de 1843. Fez seus estudos primários em São Paulo e Petrópolis. Aos 12 anos de idade, seguiu para Zurich, onde iniciou o curso de engenharia, concluindo-o em Carlsruhe, em 1867. Alistou-se nas fileiras de Garibaldi e marchou para a Itália. Em chegando a Como, porém, viu a campanha encerrada com a prisão do grande general democrata. Tratou de regressar ao Brasil e aqui, novamente, foi convidado por Saldanha Marinho a organizar e dirigir a Repartição de Obras Públicas da então Província de São Paulo, permanecendo no cargo até a queda do Partido Liberal. Era já republicano. Nessa ocasião, divulgou o seu manifesto "A República Federal no Brasil".

Mais tarde, viajou para os Estados Unidos. O vapor naufragou nas Antilhas. Salvo, Paula Souza prosseguiu e fixou residência no referido país. Trabalhou lá como operário porta-mira, aproveitando as horas de folga para lecionar matemáticas. Contratou-se como desenhista e alcançou as funções de chefe de escritório da "Rod Island and St. Louis". Durante esse tempo, manteve ativa correspondência com Americo de Cam-

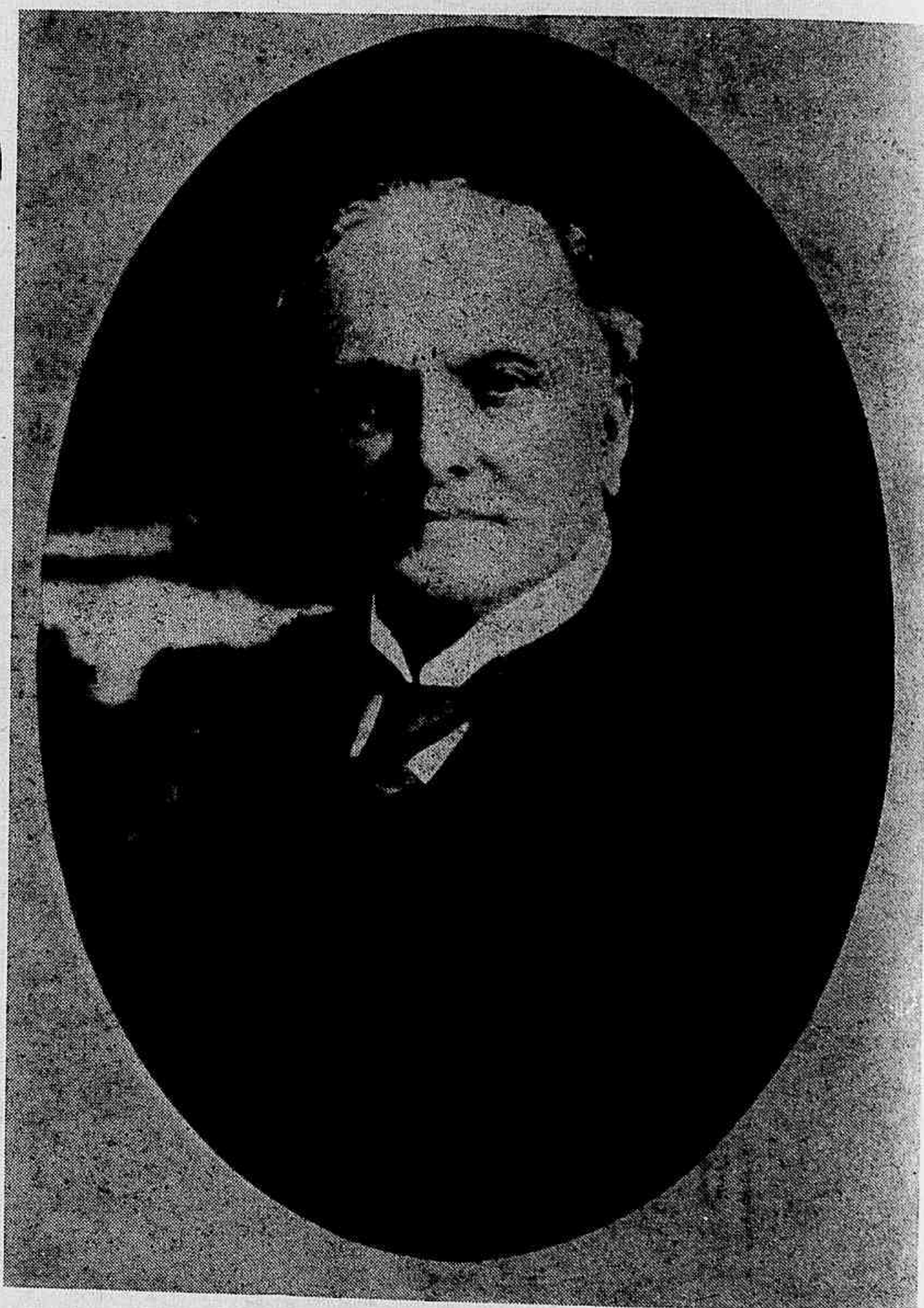
pos e Luiz Gama propagandistas da Abolição e da República nos meios paulistas. Dos Estados Unidos embarcou para a Alemanha, onde se casou com a senhora Ada Herwegh. Retornou ao Brasil afim de elaborar projetos para a construção da Estrada de Ferro Ituana. Foi um dos presentes á famosa Convenção Republicana de Itu, de cuja Mesa foi o secretário e cuja "Declaração" assinou.

Serviu como árbitro na questão entre a Companhia Paulista de Estrada de Ferro e os empreiteiros da linha até Campinas, bem como trabalhou como chefe de seção de estudos e construção do trecho de Tatú a Rio Claro. Terminado o serviço, exerceu a profissão de engenheiro em Campinas, e introduziu o uso das linhas "Decauville" no Brasil. Escreveu e publicou um ensaio longo sobre linhas de bitola estreita.

Em 1883, a convite do então barão do Pinhal, assumiu o cargo de engenheiro-chefe da Estrada de Ferro Rio Clarense e, com o uso do taqueómetro, terminou a exploração e o projeto de 105 quilômetros de estradas de ferro, em três meses.

Em 1888, foi inspetor geral da Companhia Ituana, reorganizando-a.

Proclamada a República, Prudente de Moraes chamou-o a reformar e dirigir a Superintendência de Obras Públicas de São Paulo. Nesse cargo, desenvolveu o saneamento das cidades paulistas e lançou as fundações da Escola Normal de São Paulo. Deixou as funções em 1891, para incumbir-se dos estudos e da construção da Estrada de Ferro de Uberaba a Coxim. Foi então eleito deputado estadual e presidente da Câmara em 1892. Apresentou, entre outros, o projeto de criação do Instituto Politécnico, trabalho de 9 de abril desse ano.



Antonio Francisco de Paula Souza

Em 1893, o marechal Floriano Peixoto confiava-lhe as pastas do Exterior e da Viação, mas Paula Souza demorou-se pouco tempo no governo. De novo em São Paulo, o governo estadual dava-lhe a tarefa de organizar a defesa da zona sujeita a invasão dos federalistas.

De volta de Itararé, já na presidência de Bernardino de Campos, era nomeado diretor da Escola Politécnica. Simultaneamente, assumia a direção do Ginásio do Estado.

Homem de inteligência e cultura, com uma extraordinária capacidade de ação tinha a visão objetiva dos problemas nacionais e pôde, por isso mesmo, prestar notáveis serviços ao país. Morreu a 13 de abril de 1917, aos 74 anos de idade, e durante 24 anos seguidos lecionou a cadeira de Resistência de Materiais na Escola Politécnica, que fundou e dirigiu. Ainda em vida, viu que os seus colegas, amigos e discípulos colocavam o seu busto numa das salas da mencionada Escola.

Antonio Francisco de Paula Souza era filho do conselheiro Antonio Francisco de Paula Souza, que ocupou posição eminente no regime imperial e foi ministro da Agricultura do gabinete marquês de Olinda, e da senhora Rafaela de Paula Souza, filha dos primeiros barões de Piracicaba. A sua senhora, Ada Herwegh era filha do poeta e tribuno George Herwegh.

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succaterra de MAPPIN STORES D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS
Pepeis
BANKETS

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

ESPORTE ILUSTRADO

É A ÚNICA REVISTA ESSENCIALMENTE ESPORTIVA QUE SE PUBLICA NO BRASIL

Para qualquer fricção...

Use de AMPHORATILA uma porção. AMPHORATILA põe fim às dores reumáticas, nas costas, nos músculos, no peito, nas juntas, e nos casos de caimbras, contusões, torceduras e anginas.



NO TEATRO DA MODA

POR
LUCIENNE DE PARIS

Pedimos às gentis leitoras licença para uma tradução integral do interessante artigo de Linda Leath:

A mantilha se impõe, dizem os modistos, mas Brenda Marshall declara: "Agrade-me muito mais um amplo chale de georgette" e Howard Shoup aguça a inteligência e lhe confecciona um traje branco encantador, que ela pode levar com seu chale cortado em forma circular servindo também para cobrir-lhe a cabeça, quando entra de volta num templo, ou para abrigar-lhe o pescoço quando sai do teatro. Nesse traje há detalhes de surpreendente novidade, tais como os pespontos da saia e as peças laterais, que se unem para seguir a linha das cadeiras. Como é um conjunto para saídas à noite Brenda pode levá-lo decotado — para um baile — ou com um bolero, para um jantar. Um rico cinturão metálico recamado de pedraria é o único adorno do vestido.

Lucille Fairbanks confessa acreditar que alguma de suas ancestrais deva ter trabalhado num circo, pois a ela encantam as lantejoulas e tudo que seja reluzente e exagerado, sendo esta a causa de haver mandado fazer para seu enxoval alguns vestidos bordados e outros integralmente cobertos de adornos originalíssimos como aquele idealizado por Orry Kelly, que leva todo o corpete adornado de lindo arabesco de trança de ouro. O traje é verde-mar, de crepe fino e suave. O corpete é folgado no busto, mas sumamente justo desde a linha da cintura que destaca o belo corpo de Lucille, outra que não se deixa vencer pelo gosto dos modistos, mantendo sua independência de escolha e pondo somente o que lhe fica melhor, tanto em estilo como em colorido. "Sei por experiência que não nos devemos orientar pelas idéias alheias, pois estive sacrificada por uma porção de tempo a não usar esse precioso tom que conhecemos por "magenta", porque os expertos diziam que não me ficava bem essa cor... até que um dia comprei uma capa e fiquei encantada: seu reflexo dava vida a meu rosto e, em vez de parecer uma pálida musa romântica, me converti numa colorida rosa de Abril..."

Já vêem, minhas amigas, as estrelas têm suas idéias e seus caprichos.

Olivia de Havilland, sem dúvida a mais romântica creatura de Hollywood e, na atualidade, está encantada com a voga dos "snoods" e a das mantilhas; não obstante ela, como as outras, quer realçar sua individualidade livremente e, em vez de apresentar mantilhas douradas que tanto agradam a Bette Davis, compra finíssimos chales de Chantilly e quando os leva parece que seu lindo rosto está envolto em uma espuma de marfim ou em sombras discretas, pois os únicos tons que agradam a Olivia para seus chales são marfim e cinza. Uma vez por outra aparece em negro.

E já que nos referimos a Bette Davis, queremos apresentar o seu caso pois, é a mais individualista de todas as estrelas. Para as cenas do seu sensacional drama tinha que vestir um traje de verão. O figurinista insistia que o vestido devia ser de matéria transparente, mas Bette Davis recusou porque não lhe agradam musselinas ou batistas e optou então pela broderie sobre um gênero mercerizado de algodão e de seda com missangas e fio de perola. Escolheu, também, um modelo inteiro que se ajusta à cintura por meio de pences.

Estas são apenas algumas provas da independência das estrelas. Desde séculos a mulher, com paciência, tem convencido os homens, mas nos Estados Unidos não precisam ter agora esse enorme trabalho por uma razão muito simples: manifestam seus desejos sem rodeios e a moda, como tudo, gira ao compasso de seus caprichos.

Eis porque Ida Lupino, da "Warner", nesta maravilhosa foto parece querer expressar: "Sim, o mundo, é nosso e gira segundo o nosso desejo. Pergunte àqueles que nos amam e que estão lutando na Ásia, se não contrariamos até mesmo uma das leis fundamentais de Kepler, aquela que diz o seguinte: "Matéria atrai matéria na razão direta das "massas" e na inversa dos quadrados das distâncias?"

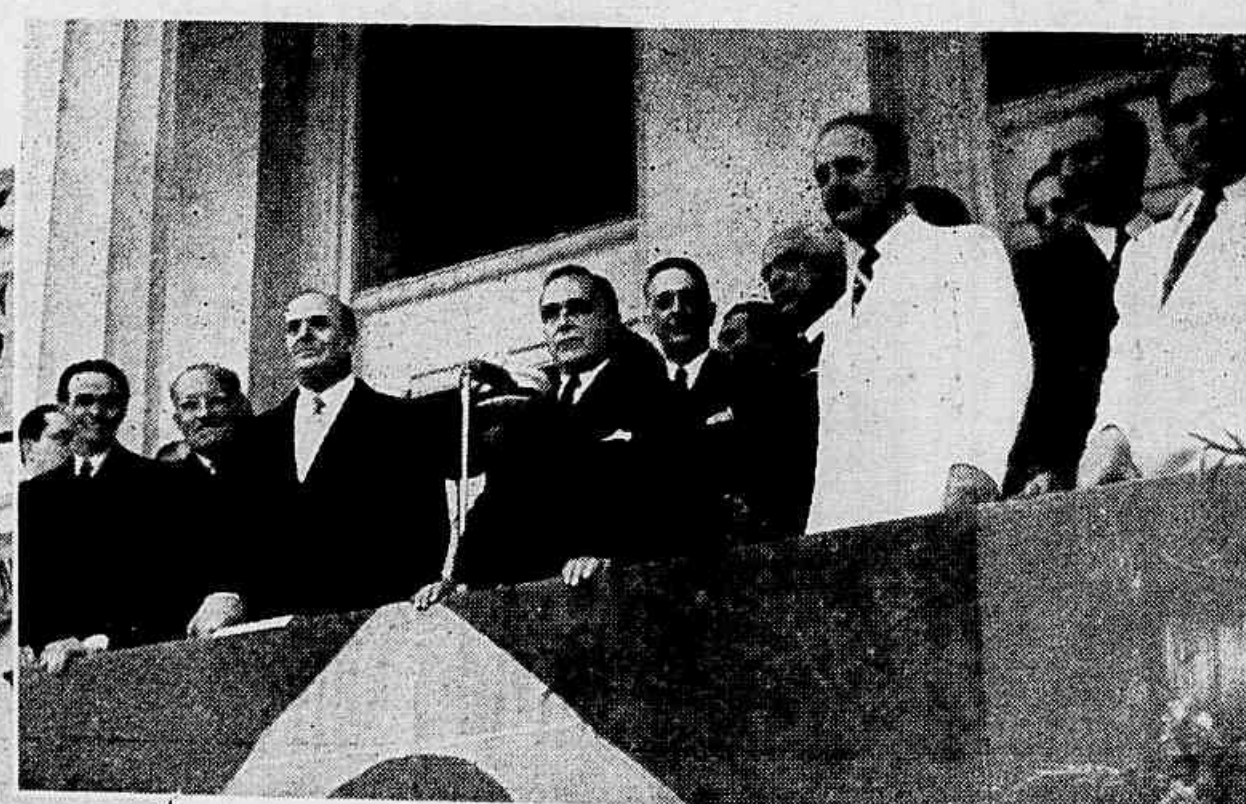
10 DE NOVEMBRO NA
CENTRAL DO BRASIL

A memoravel

A grandiosa concentração promovida pela Central do Brasil, a 10 de Novembro, ofereceu um espetáculo de rara beleza e imponência. Teve início o memorável acontecimento com um almoço monstro oferecido aos funcionários da estrada pela sua diretoria, que reuniu cerca de 7.000 ferroviários. Essa enorme massa, que se acomodou em torno de quase três quilômetros de mesas, sob o arvoredo do Campo de Santana, irmanou-se alegremente, confundindo-se chefes e subordinados em estreita camaradagem, num belo exemplo de compreensão e boa vontade que tão bem impressionou aos que o presenciaram.

A feijoada brasileira era servida entre as maiores demonstrações de júbilo dos comensais, reinando em todo o desenrolar do agape a mais perfeita cordialidade. A grande cozinha de campanha, composta de dez baterias e trabalhada por mais de vinte cosinheiros, que em prestava ao ambiente





uma nota pitoresca, estava colocada no centro da area, de onde se irradiavam as mesas.

Artistas do nosso "broadcasting" fizeram-se ouvir em interessantes numeros, tendo uma banda de musica tocado durante a reuniao.

Terminado o agape, que foi, sem duvida, uma belissima festa de confraternizacao, da qual a nossa reportagem fotografica colheu os magnificos flagrantes que ilustram estas paginas, a grande massa proletaria deslocou-se para a Esplanada do Castelo, desfilando em homenagem ao Presidente da Republica, conduzindo disticos e cartazes alusivos a data, ao Chefe do Governo, e a vitoria das Nações Unidas.

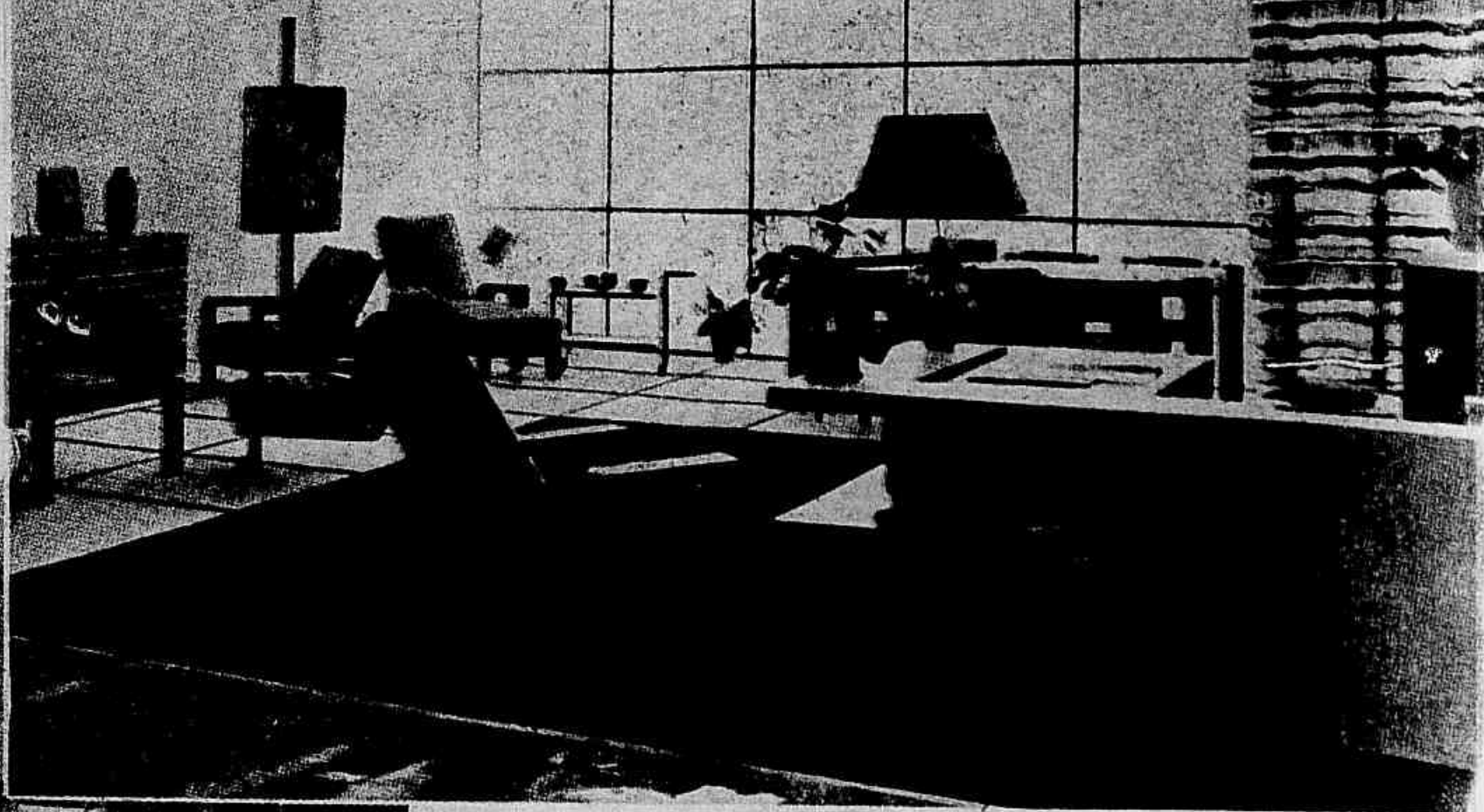
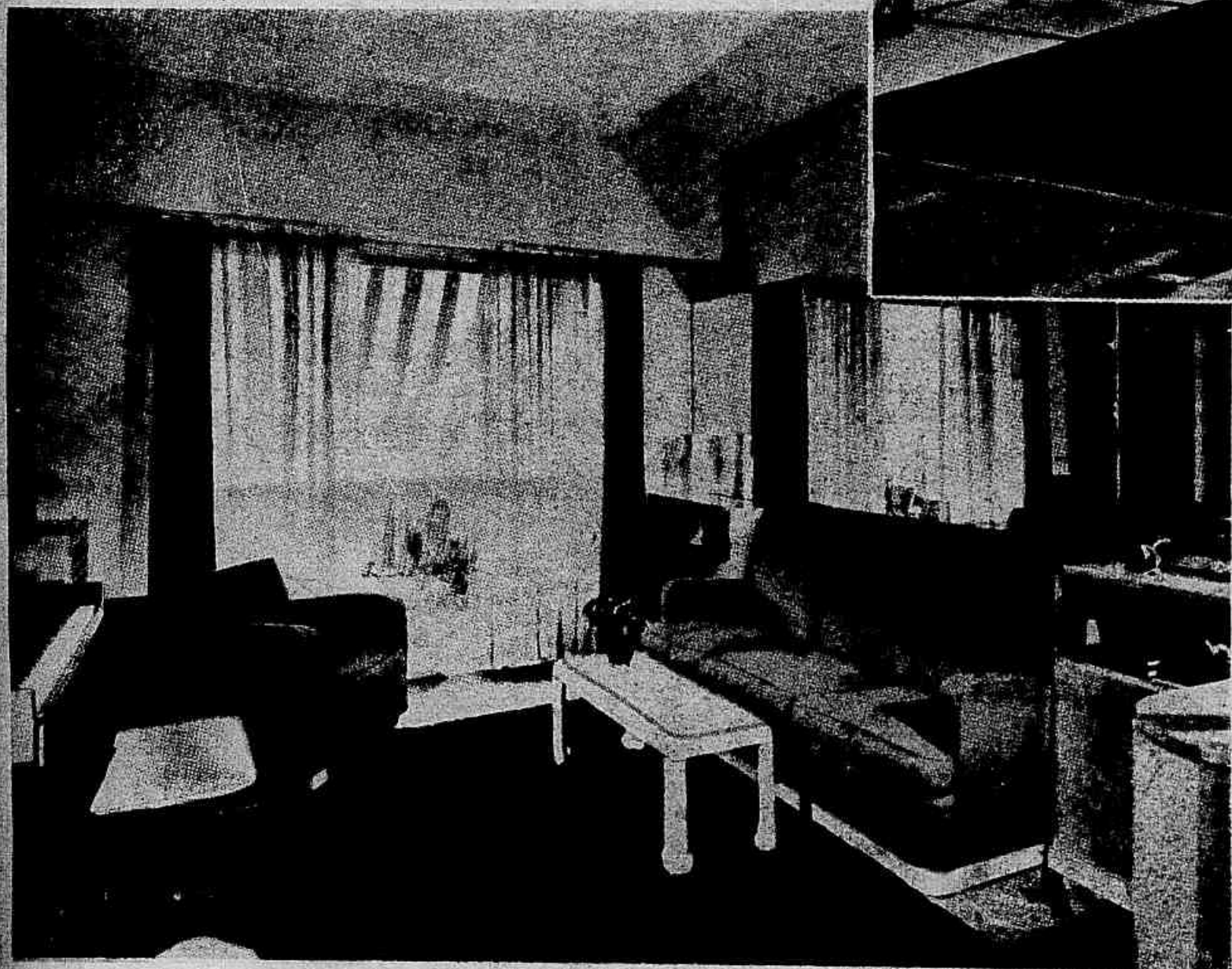
Na fotografia acima vê-se o Presidente da Republica assistindo ao desfile (foto à esquerda) dos ferroviarios da Central.

(Continúa na pág. 35)



O Lar

A SALA DE MUSICA E O "ATELIER"



NAS antigas casas de categoria era frequente ver incluída nos planos uma grande sala ou salão destinado a ouvir musica. Hoje, com a difusão dos modernos aparelhos de transmissão mecânica, é muito maior esta necessidade; mas, em troca, é menor o espaço disponível.

Evidentemente resulta que o fator mais importante neste ambiente é uma boa acústica; os materiais duros, como o mármore, o estucado, a pedra, etc., produzem uma confusão que conspira contra a perfeita audição do trecho que se transmite. Essa deficiência se corrige com a aplicação, sobre tetos rasos e paredes, de materiais acusticos especiais que se encontram no mercado, ou pelo amplo emprego de tapetes e cortinados que melhoram, consideravelmente, as condições do ambiente. Quando porém se trata de ateliers de pintura e escultura o mais importante é a iluminação natural; a mais perfeita é a disposição de grandes janelas com o objetivo de proporcionar uma luz suave.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

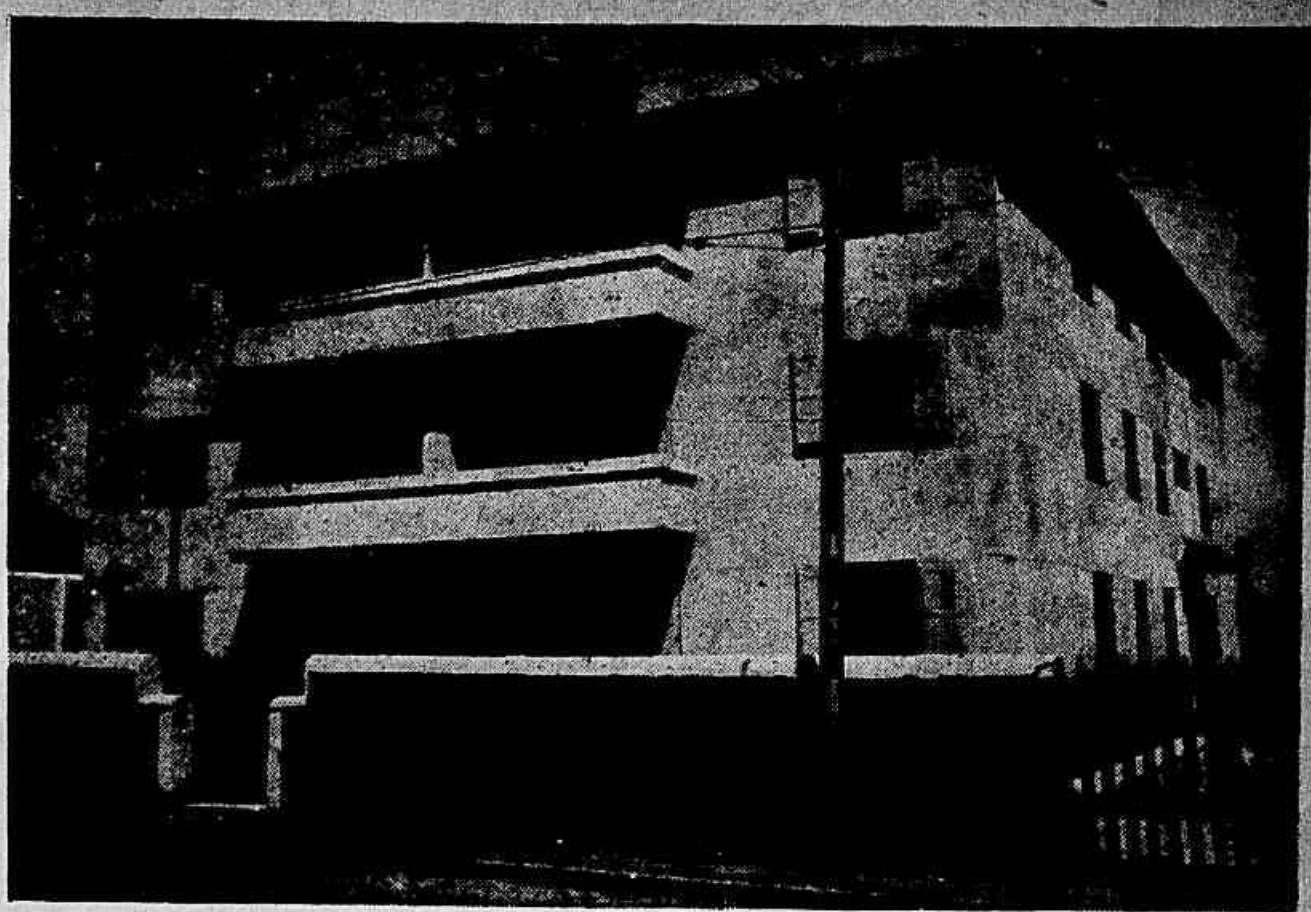
UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

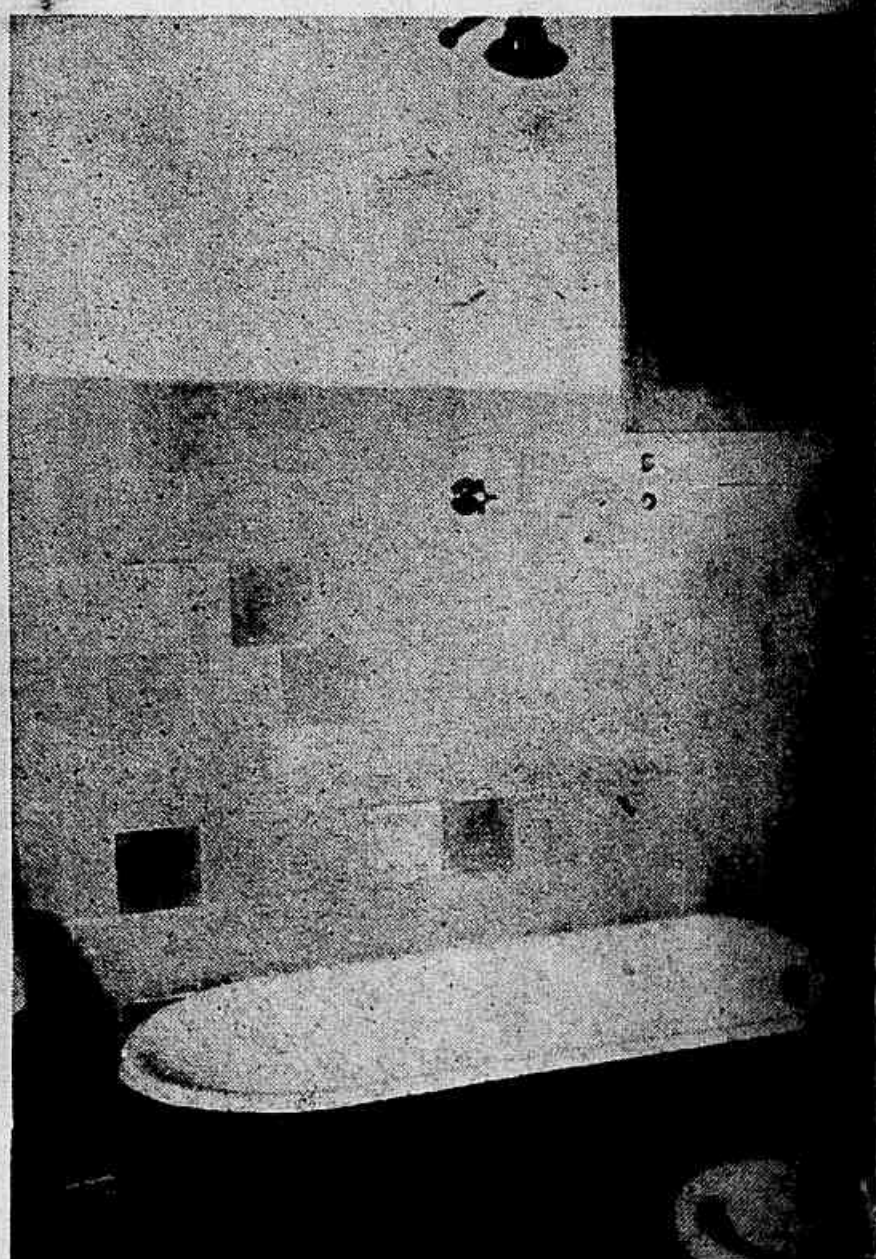
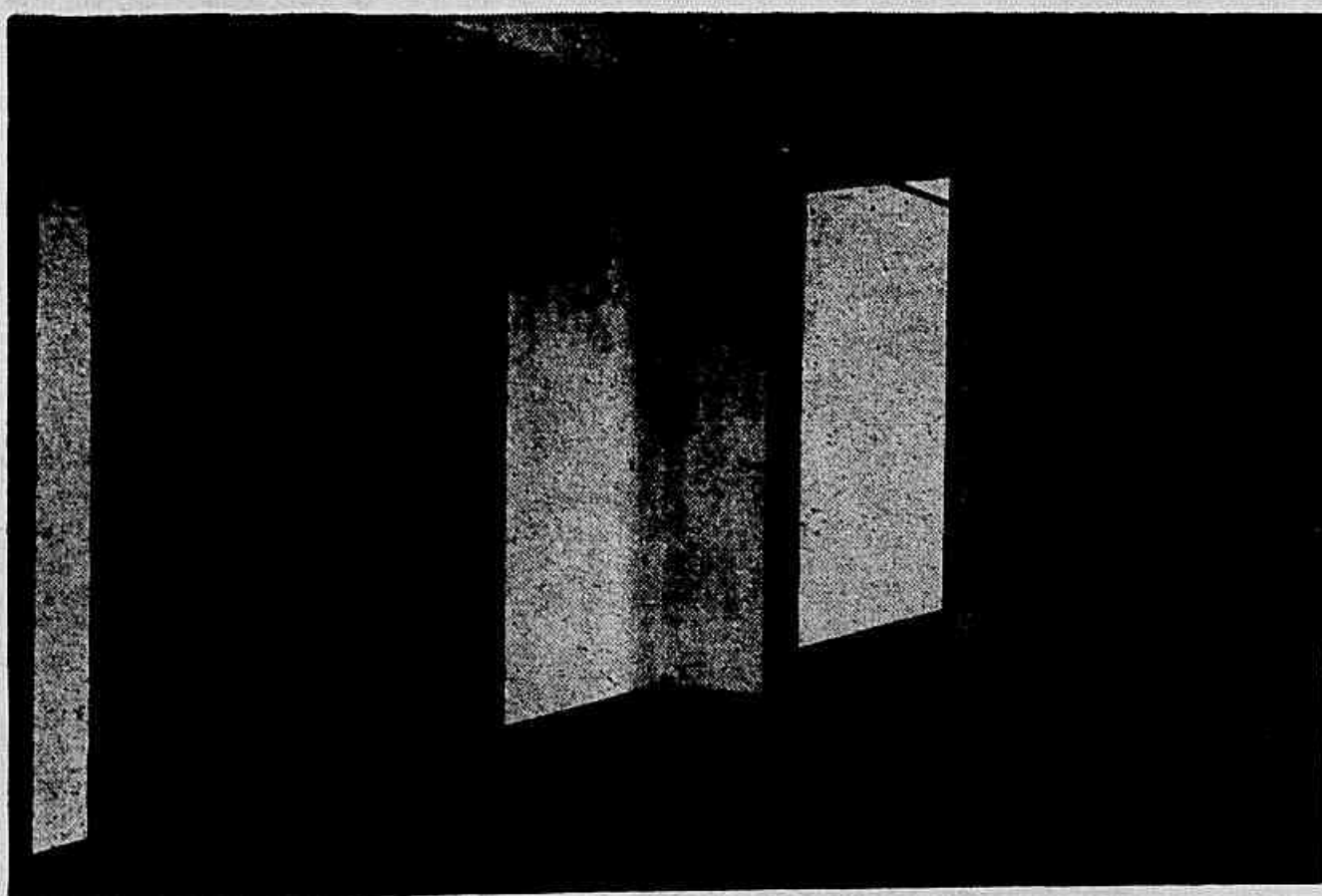
10 DE NOVEMBRO NA
CENTRAL DO BRASIL



HABITAÇÃO CONDIGNA PARA O OPERÁRIO

Nº dia 10 de Novembro a Central do Brasil fez inaugurar, no Engenho de Der.tro. um magnifico grupo de casas para os seus operarios do serviço de locomoção, o que lhes proporcionará moradia higienica e confortavel, a baixo preço. O lote inaugurado compõe-se de residencias estilo apartamento, de tamanho uniforme, constando de sala e dois quartos (bastante amplos), ta-queados, cozinha com fogão a gaz, ba-

nheiro com instalação sanitaria com-pleta, área com tanque, etc., custando ao inquilino o modico aluguel de Cr\$ 138,00 mensais. Essa é mais uma lou-vavel realização da Central do Brasil no terreno da assistencia social, com que vem beneficiando o seu funcionalis-mo. Nesta pagina os leitores poderão apreciar, no todo e pormenorizada mente, as casas recém-inauguradas pela nossa principal ferrovia para os seus operarios.





Para dar á sua pele o melhor tratamento, não descure de todos os preceitos higiênicos. Não se deve usar os dedos, para passar o creme; aconselha-se, para isso, o uso de uma espátula.

Não disfarce seus defeitos

Se a sua pele é muito delicada, é aconselhável usar um adstringente, em lugar de água, para tirar o creme, passando-o no rosto com o auxílio de um algodão.

A beleza da pele em Hollywood — como em qualquer parte — é de grande importância porque não há maquiagem que esconda os seus defeitos. Essa verdade também deve ser aplicada à mulher, na vida particular; na profissão ou no recinto do seu lar. Por que tentar encobrir os defeitos da pele, quando é tão fácil evita-los?

Uma das melhores maneiras de empoar o rosto é passar o pó com o auxílio de um pouco de algodão e não com a esponja. Esta prática é a regra n. 1 para conservar a maciez da pele.

São estes os conselhos de Dorothy Maloney, estrela da RKO. (Fotos da Inter-Americana).

O rosto não deve ser coberto e nem ter nada sobre ele que prejudique os póros de absorver livremente o ar. Aconselha-se, também, as mulheres a amarrarem os cabelos, antes de deitar-se.



Tom Joe no Polo Norte

Conto humorístico do escritor francês GABRIEL DE LAUTREC

— Mas... ao Polo Norte, Tom Joe?

— E que tem isso? Por que não havia eu de ir ao Polo Norte, como toda a gente? Ora, eu lhe conto: Aqui há alguns anos, passei de repente a interessar-me dum modo extraordinário pela astronomia. Oh, é uma ciência encantadora! Como, porém, sempre adotei a regra de começar as coisas pelo princípio e tendo ouvido dizer que a astronomia era a ciência dos astros, refleti, bem logicamente, creio eu, que, como primeiro astro a observar e estudar, devia escolher a Terra, tanto mais que a tinha aqui à mão...

— Ou antes: debaixo dos pés.

— Perfeitamente. Depois de conhecer a Terra, ocupar-me-ia da Lua e sucessivamente dos outros astros pela ordem cronológica, isto é: da idade de cada um, ou pela ordem das dimensões — isso eu mais tarde resolveria. Entrei, pois, a estudar os axes, os paralaxes, os zodíacos, os equadores e toda essa trapalhada. Um dia, li num almanaque que o Meridiano passava por Paris. Resolvi visitá-lo à sua próxima passagem e para isso fui tomar informações no Departamento das Longitudes, pois me haviam dito que o Meridiano vinha a ser, afinal, uma longitude. E assim eu esperava, aproveitando a ocasião, travar relações com outras longitudes e até, sendo possível, com algumas latitudes, caso o departamento destas não ficasse muito longe. Chegado, porém, ao estabelecimento astronômico e tendo exposto o fim da minha visita ao porteiro da repartição, este funcionário, que provavelmente estava bêbedo, começou por desatar a rir e depois me declarou que era raríssimo aparecerem por ali os meridianos. O de Paris, por exemplo, havia muito tempo não era visto naquela casa. Constatava vagamente que ele andava por certos bairros suspeitos, em companhia de pessoas de má nota. O boato, porém, não tivera confirmação de fonte autorizada. Nada se podia dizer ao certo quanto ao destino ou paradeiro do Meridiano de Paris. Tanto assim que, em desespero de causa, o tinham substituído pelo de Greenwich. Tentei falar com este último. Mas então o porteiro me perguntou se, ao entrar, eu não cruzara, na escada, com um senhor de porte correto, cara rapada, roupa de xadrez e cheirando violentamente a whisky. Pois era justamente o de Greenwich! Nessa altura, a mim mesmo me perguntei se o porteiro não estivera a caçoar comigo, se não seria aquilo que vocês, em França, chamam um humorista... Detesto esses indivíduos!

— E com razão, Tom Joe. Não há gente peor.

— Enfim, fosse como fosse, resolvi, sem procurar mais pessoa alguma, partir para o Polo Norte. Estávamos em Agosto, fazia um tempo belíssimo. Além das roupas de meia estação, um sextante, um astrolábio, et cætera, comprei um termómetro dos maiores: dois metros e meio de comprimento. Algumas semanas depois chegava ao Spitzberg. Era o ponto terminal da estrada de ferro. Aluguei trinta cães, dois trenós e seis Esquimós. Tinha marcado bem exatamente no mapa o lugar onde se devia encontrar o Polo; e, graças às indicações do astrolábio, para lá me encaminhei em linha reta. Não me alongarei contando os incidentes da viagem, tanto mais que não ofereceram grande interesse. Basta dizer que, um dia, nos esquecemos de comprar peixe e não foi possível encontrar, entre as bagagens e petrechos da excursão, as latas de conservas. Fomos por isso obrigados a comer um dos Esquimós...

— E que tal o gosto? Bom?

— Menos mau. Assim uma coisa entre o bacalhau e o lombo de porco... Chegámos finalmente ao Polo. Ou antes: ao lugar onde devia estar o Polo. Devia, mas não estava. O que havia era uma imensa planície de gelo sem a menor particularidade astronômica. Verifiquei os meus cálculos. Perfeitamente exatos. Era ali, e não noutro lugar, que devia estar o Polo. De repente, quando perguntava aos meus botões o que aquilo queria dizer, avistei a certa distância um marco em que haviam posto um letreiro. Aproximei-me... e qual não foi o meu espanto ao deparar este aviso, em inglês: "Durante o período de mais calor, o Polo estará em férias". Era falta de sorte, não? E que me restava fazer? Desandar caminho resignadamente — tanto mais que os Esquimós olhavam uns para os outros, com ares finórios, e positivamente se divertindo à minha custa. Obtive deles, em todo o caso, que ficassemos por ali alguns dias, fazendo observações astronômicas. Aproveitei o ensejo para visitar as imediações — sempre com a esperança de deitar a mão ao Polo. Nesse sentido, porém, nada feito. O Polo se escondia obstinadamente, intransigentemente. Em compensação descobrimos uma grotta dissimulada entre enormes edulvais e que certamente não fôra visitada desde a era pré-histórica. Disso, logo ao entrar, tive a prova. Encontrei uma coleção de animais antediluvianos, a mais notável, sem dúvida, que já se ofereceu a olhos humanos. Lá estavam, admiravelmente conservados, seis mamutes — conhece, não? — elefantes gigantes, com defesas de muitos metros de comprimento... Havia dinotérios em quantidade, cerca de dez plesiosáurios e uma soberba moratória.

— Moratória, Tom Joe?

— Moratória autêntica, sem lhe faltar talvez uma só pena! Está claro que mandei acondicionar todo esse tesouro arqueológico e o enviei para o museu de Chicago. É uma coleção única no gênero; e lá está, em vitrinas suntuosas, com a indicação: "Oferta do Sr. Tom Joe". Ora, isto bastaria para me compensar do mau êxito da expedição em relação ao Polo propriamente dito. Mas ainda tivemos outra felicidade bem rara na história e até na geografia: registámos um fenómeno, talvez o mais curioso da minha carreira arqueológica.

— E qual foi ele, Tom Joe?

— À entrada da grotta, no meio dos gelos do Polo, um manancial de água quente.

— Quente, diz você?

— Quentíssima. Fervendo em cachão. Tanto assim que, enquanto por ali estivemos, os meus homens cozinham as refeições sem precisarem de acender fogo.

Uma primeira refeição **SUPER** para uma boa saúde!



Para iniciar o dia com bastante energia e vitalidade sirva-se todas as manhãs de um prato da deliciosa aveia Quaker Oats.

A Aveia Quaker Oats é um cereal de grão integral, abundante em elementos exigidos pela natureza para ter força e saúde.

A aveia Quaker Oats é rica do principal elemento contra a fadiga, a vitamina Thiamina (vitamina B1), essencial para uma boa digestão e equilíbrio dos nervos.

A aveia Quaker Oats é também rica em minerais, hidrocarbonatos e proteínas. Seja qual for o seu trabalho conte sempre com aveia Quaker

Oats para nutrir-se convenientemente e para começar bem o dia.

As crianças se desenvolvem bem com a aveia Quaker Oats

As mães conhecem o valor de um prato de Quaker Oats para as crianças na fase do crescimento. Quaker Oats ajuda a conservá-las de boa saúde e proporciona as energias de que elas necessitam para estudar e brincar. Sirva aos seus filhos um prato de aveia Quaker Oats, todos os dias, como primeira refeição.



"Super" nutritiva, "Super" deliciosa e "Super" econômica também

A aveia Quaker Oats é mais econômica que quasi todos os outros cereais — mais benéfica também. A aveia Quaker Oats de cozimento rápido é preparada em 2 e 1/2 minutos. Dê Quaker Oats a toda a família. Compre uma lata hoje mesmo.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker — a original e legítima — identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



JOCKEY CLUB MUNDANO



A cronica esportiva assinalou domingo ultimo a realizacão de mais uma brilhante tarde turfistica no Hipodromo da Gavea, com um programa que se desenrolou ante o mais vivo entusiasmo da grandiosa assistencia que lotava as dependencias do prado do Jockey Club Brasileiro. O fotografo da REVISTA DA SEMANA, presente àquele "meeting", colheu, na "pelouse", os aspectos que reproduzimos nesta pagina.

Não cometa esse erro!

Dra. SILVIA ROGER

A gorda, bondosa e ranzinza enfermeira Matthews, que me viu nascer e hoje tornou-se uma auxiliar insubstituível, abriu a porta do consultório e disse, meio desconfiada:

— Doutora (ela usa esse título pró forma, no consultório ou no hospital): Doutora: na sala de espera está um senhor que...

— Sarah! exclamei interrompendo-a: você sabe muito bem que não são horas de consulta e que me restam apenas alguns minutos para terminar o artigo do "Boletim"; preciso ainda tabelar os índices cefálicos e isso não é coisa que se consiga com mágicas.

— Olhe Silvia, zangou crescendo ameaçadora para mim, olhe; o senhor que está aí chama-se professor Paul Gut, ouviu? E você...

— Paul Gutierrez? Disse Paul Gut? Que espera então? Mande-o entrar, Sarah, imediatamente.

Enquanto Miss Matthews obedecia, recuei alguns anos e lembrei o encantamento que me possuía ao ouvir as conferências do prof. Paul sobre literatura hispano-americana; jamais conheci alguém falando tão harmoniosamente. As palavras chegavam numa combinação perfeita expressando sentimentos e observações profundos a respeito dos homens, das coisas, da ciência e da vida. Gut não era um belo homem. Havia nele, porém, tanta masculinidade, tanta compreensão, e principalmente um conhecimento tão grande da paisagem humana que ninguém resistia ao encanto da sua personalidade. Costumava falar dos pampas e emprestava à extensa planície patagônica uma beleza extraordinária. Com ele aprendi belos sonetos de Lope de Vega, a psicologia dos cavaleiros de Espanha através da "Silva" dos cancioneros e encontrei eternos motivos no D. Quixote de Cervantes. E agora depois de uma longa ausência estávamos juntos outra vez. Não mudara quase; apenas as têmporas apresentavam-se grisalhas e havia um quê de triste na expressão do seu olhar.

— Ha quanto tempo, Professor, nos não víamos... Ha dois anos, quando fui procurá-lo na Universidade, soube que o senhor regressara à sua Pátria.

— E' verdade. E retornei, não sei para que.

— Por que, Professor? Aconteceu algo na Universidade?

— Aconteceu, Silvia, precisamente no dia em que conheci Elsie Ingram.

— Elsie? Mas então, Professor...

— Causa muito antiga, muito mais do que imagina. O velho, sempre novo e irônico Stendhal escreveu um capítulo sobre a necessidade da confiança quando se ama. Durante meses, depois de certo que me encontrava perdidamente enamorado de Elsie, quiz procurá-la. V. mais que qualquer de meus velhos amigos me parecia digna de uma revelação tal. Além disso Elsie demonstrava (porque ninguém pode ter certeza dos sentimentos dela) querê-la muito. De sua parte, sei que V. como toda gente a adorava.

— E adoro-a ainda, tanto quanto a admiro, apesar da facilidade com que ela nos esquece. Elsie! E' extremamente engraçado como se fazia amar. Creio que ela própria ignora porque a querem tanto. Talvez seu magnetismo residisse no sorriso com que acolhe a todos; pela intensidade com que parecia querer a toda gente e que era sincera; talvez pelos seus gestos de abandono confiante; pela sua inquietação; por sua inteligência e sensibilidade; ou porque fosse, algumas vezes, inconscientemente cruel.

— Definiu bem, Silvia: Elsie é inconscientemente cruel e volúvel. Aliás ela o confessava. Uma tarde em que saímos juntos, ela fitando uma estrela — creio que era Vesper — disse-me naquele tom de voz suave e arrastado que constitui um dos seus encantos:

— Creio que herdei o coração de algum antepassado cigano; porque me sinto nômade nessas questões sentimentais. Talvez não consiga amar como todo o mundo por ser muito exigente. Procuro alguém perfeitamente belo de alma e corpo. No meu íntimo, entretanto, alguma coisa diz que se algum dia encontrasse essa pessoa excepcional havia de buscar-lhe um defeito e, caso não o encontrasse, ficaria decepcionada e a abandonaria em pouco tempo. Ah! nunca me fixarei a culpa alguma exceto a essa inquietude embriagadora de perscrutar a alma dos seres que me rodeiam a ver se encontro nelas justamente aquilo que não possuem. E acredite, Professor, justamente porque não amo particularmente o indivíduo, é que posso querer tanto à humanidade, em geral. Em extensão não conheço quem tenha amado tanto como, em profundidade, quem amasse tão pouco."

Sob o crepúsculo, seus olhos negros tinham radiações estranhas. As mãos finas, de dedos longos e fusiformes caíam como mortas ao longo do corpo. Jogara a cabeça levemente para trás e me parecia tão bonita e tão distante que de repente tive vontade de estreitá-la em meus braços para dizer-lhe: "Volta, querida, não te ausentes tanto... Não te ausentes tanto porque eu também te amo..."

E percebi, assustado, que a armadura medieval de que me revestira durante tanto tempo pensando que meu extremo interesse por Elsie fosse de caráter puramente intelectual — porque ela desperdiçava regamente seu talento — ruíra. De nada me valera a ideia preconcebida da minha invulnerabilidade porque eu, como os outros, também a adorava. Queria-a apaixonadamente a ponto de confessar-lhe mais tarde: "Ah! nunca pensei que a adolescência voltasse; e voltasse com todas as ilusões e ciúmedas pueris". Sim porque eu tinha como ainda tenho ciúmes de Elsie. Dos sorrisos com que acolhia a todos, do tempo que conversava com outros professores e amigos porque eu desejava ser, pelo menos, o centro de seu interesse cultural. Mas, até nos setores da cultura, Elsie é volúvel; observe:

Há pouco obtive prêmios no salão de Belas Artes e agora lançou um romance de sucesso.

— E ela percebeu o que se passava?

— Elsie é supinamente inteligente. Percebeu-o e creio talvez até o tivesse desejado.

— Por que?

— Para observar minhas reações da mesma maneira como o médico observa as cobaias. Amanhã ou depois escreverá um romance e rir-se-á docemente porque só ela saberá que o que todos julgam uma ficção é real.

— E... e madame Gut?

— E' uma esposa exemplar, bonita e elegante. Na mocidade foi uma das mulheres lindas que conheci. Pertencia a família tradicional e foi educada como "menina rica". Casei muito cedo mas nunca houve entre nós — e talvez a culpa seja minha, até certo ponto — uma comunhão espiritual. Falta nela o que sobra em Elsie — para minha tortura — essa inquietude creadora, essa capacidade de renovar-se a cada hora. Elsie declarou-me, um dia, que sua atitude em face das situações assemelhava-se à concepção filosófica de Heráclito: "nada é; tudo pode vir - a - ser...". Entretanto fez tudo para que eu a esquecesse porque não queria causar à minha família a mínima contrariedade. Presava demasiado minha esposa e amava com ternura o meu filhinho. Por isso para que a olvidasse completamente magoava-me todas as vezes que lhe era possível com uma indiferença atroz. Meu filho percebeu-o. E certa manhã perguntou-me subitamente:

— Papai, você gosta muito "dela", não é?

— Sim, meu filho, por que?

— Eu também gosto. E' tão bonita e sabe brincar tão bem. Não conheço ninguém mais divertido. Olhe, gostaria que mamãe fosse assim.

— Não diga isso. Mamãe é muito boa.

— Sim, mas você diz que Elsie não é apenas boa: é extraordinária!

Decidi então que deveria regressar ao meu país. Escrevi ao ministro e durante dois anos tentei esquecê-la. Agora, voltando encontrei-a casada. Numa festa oferecida em sua honra, enquanto dançávamos perguntei-lhe, surpresa: "Então o coração nômade criou raízes?"

— Casei-me, infelizmente. Pensei que uma atração de momento fosse um amor definitivo. O pior é que ele me ama ternamente, é bom para mim, e não tenho coragem de abandoná-lo. Está fazendo um importante trabalho para o governo e se o deixar agora vai ser uma catástrofe. Não deveria ter-me casado. Lembra-se? Um dia afirmei que meu



...e percebi horrorizado que a armadura medieval, de que me revestira durante tanto tempo, ruíra..." — (Foto Warner).

coração era nômade. Não poderia eternizar nenhum sentimento. Tenho certeza, hoje nunca me será possível querer a mais ninguém porque amo apaixonadamente uma creatura.

— Quem?

— A mim mesma.

Tentei afastar-me mas o encantamento voltou. Mais forte ainda. Com uma intensidade desesperada. E é por isso que me vou. Desta vez partirei definitivamente. Se eu lhe fizesse a corte, ou Elsie cederia — do que poderia advir uma decepção — ou não cederia, o que ampliaria, ao infinito, meu sofrimento.

Para mim — como bem o definiu um francês de espírito: "au fond, l'amour n'est que la solitude à deux" enquanto para Elsie — me parece — esse sentimento se afigura como "un voyage mystérieux, un peu fantaisiste, pour lequel on s'embarque, un jour, en emportant dans ses bagages sa vie, ses rêves, son avenir et le reste. Ce voyage durera jusqu'au moment où l'on se retrouvera au point de départ, quand on constatera qu'au fond on n'a fait qu'une petite excursion autour d'un rêve qu'on a perdu en route."

Outro dia, Silvia, notei nos olhos de Elsie uma expressão nova, quase uma expressão de aquiescência. A tentação é grande, mas desisto.

— Isso demonstra apenas solidez de caráter.

— Sim, na concepção de Stendhal, lembra-se?

— Não.

— "Ter solidez de caráter, diz ele, é ter sofrido o efeito dos outros sobre si mesmo; portanto são necessários os outros".

— E Elsie, sem dúvida, sintetiza um universo.

— Pelo menos o meu UNIVERSO.

PROVEITOS A SEREM EXTRAIDOS DESSE CASO :

Aos homens na circunstância do prof. Gut: Evite que a falsa concepção do puro interesse intelectual possa levá-lo a grande intimidade com uma creatura singularmente dotada de atração física e espiritual. Pessoas de imaginação ardente, impetuosas e repentina que conduzem imediatamente à ação (declara Stendhal) provocam, em geral, paixões duradouras a que são incapazes de corresponder. Nesse caso, a estratégia é a única indicada por Napoleão: "a fuga". Mas nas hipóteses de correspondência lembrem-se das sábias conclusões de Leopold Stern:

"Que de femmes dont nous avons d'abord désiré la possession pour une heure, et que nous avons aimées ensuite toute la vie! Et que d'autres, auxquelles nous avons souhaité de consacrer notre vie, et que nous avons quittes après une heure!"

A'S CREATURAS NA SITUAÇÃO DE ELSIE: Não casem. E' melhor para vocês e para eles. Se ele for um homem superior perceberá em breve seu alheamento. Se não for, você não o aguentará uma semana.

A'S ESPOSAS NO CASO DE MADAME GUT: Procurem se interessar pela vida de seu marido. leiam muito, aumentem sua cultura para alimentar conversações interessantes. Renovem-se porque, como queria Lavoisier, da natureza nada se cria, nada se perde, e tudo se transforma.

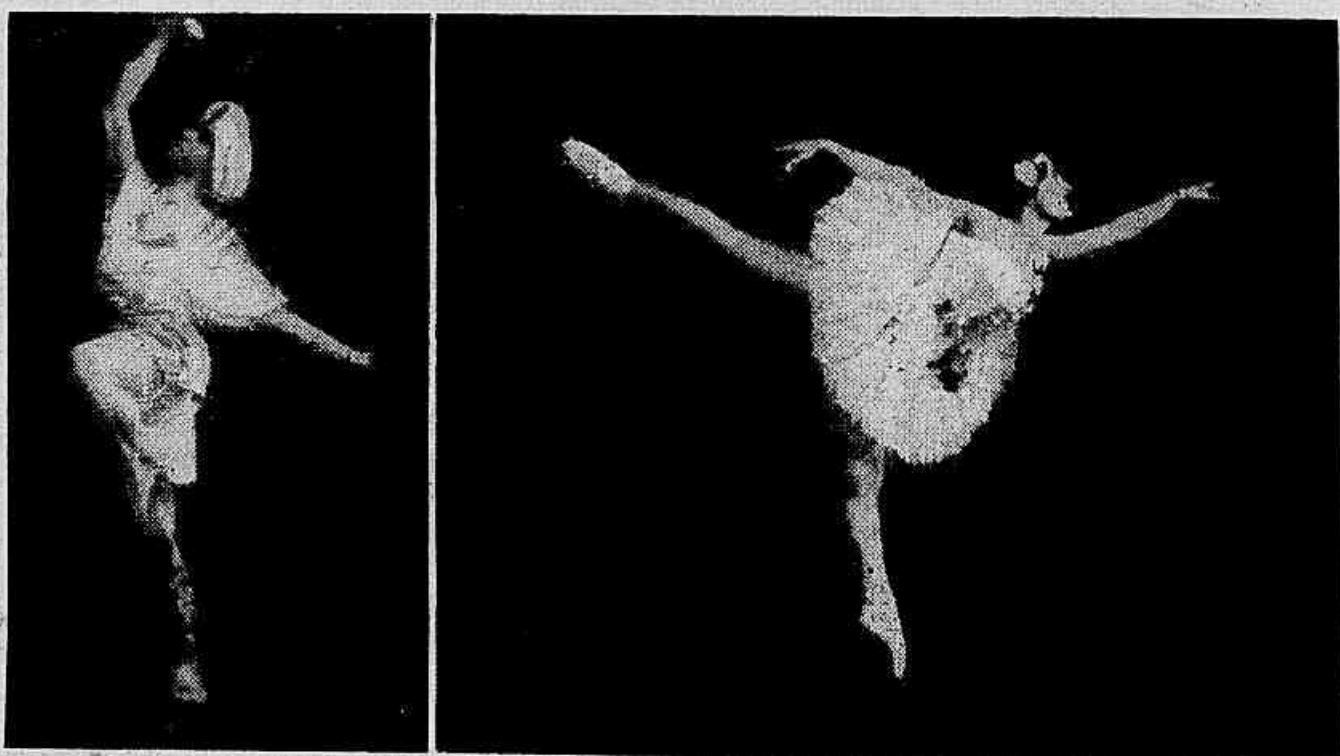
E essa lei tanto pode referir-se à físico-química como às questões conjugais.



IVETA RIBEIRO — Flagrante apanhado por ocasião do encerramento da ultima exposição de pintura levada a efeito nesta capital pela Sra. Iveta Ribeiro.



DR. CLOVIS MONTEIRO — Realizou-se no dia 6 de novembro ultimo, no Colegio Pedro II, a entrega solene do busto em bronze do Dr. Clovis Monteiro, áquele conhecido educador, que dirige atualmente o referido educandário. A homenagem realizou-se por iniciativa de um grupo de amigos do ilustre professor, que assim lhe demonstraram o reconhecimento das suas raras virtudes de pedagogo. Aberta a sessão pelo Prof. Jorge Sunner, falou o professor Nile Casses que, em brilhante síntese, traçou o perfil moral do homenageado. O Dr. Clovis Monteiro agradeceu aquela demonstração de simpatia em aplaudida oração. Durante a solenidade o conjunto orfeonico do Colegio Pedro II executou o hino "Nosso Diretor". São desta festa de homenagem as fotos que aqui reproduzimos.



BAILADOS NO MUNICIPAL — Realizar-se-á amanhã, no Teatro Municipal, o espetáculo de bailados, organizado anualmente pelos mestres-coreografos Pierre Michailowski e Vera Grabincka com o concurso de suas 100 melhores discipulas do Botafogo F. R., Tijuca T. C. e Clube Ginastico Português. A renda reverterá em beneficio dos espetáculos gratuitos do Teatro da Criança. Do programa constarão os bailados: "Lago Encantado", de Debussy, por um conjunto de 60 crianças; "Grande Paschoa Russa", de Moussorgsky e Tchaikowsky, pelos mestres e conjunto de 60 bailarinas. "Hino ao Sol", de Lorenzo Fernandes, pelos mestres e conjunto coreografico. Será ainda levado á cena "Divertissement", conjunto de dansas classicas, folcloricas, expressionistas, estilizadas, etc.



ENLACE PINTO - BITTENCOURT — A cronica registrou, em 27 de novembro ultimo, o enlace do Dr. João Guilherme Lameira Bittencourt, secretario geral do Governo do Pará, com a Srta. Maria Urania de Araujo Pinto, filha do Sr. José Felipe de Araujo Pinto, inspetor da Alfandega de Pelotas, e de D. Ludovina de Araujo Pinto. No civil serviram como testemunhas: do noivo o interventor Magalhães Barata, representado pelo Cel. Mario Barata, e a Srta. Cléa Bittencourt, representada pela Sra. Belino Bittencourt; da noiva o casal Alexandre Castro Filho. O ato religioso realizou-se na igreja de N. S. da Paz, em Ipanema, assistido por elementos da alta sociedade carioca e membros da colonia paraense, e oficiado por D. Jayme Camara, arcebispo do Rio de Janeiro, servindo como paraninfos o casal Maviavel Prudencio de Souza pela noiva, e o Sr. Araujo Pinto e senhora pelo noivo. Em baixo, os noivos assinando o registro e em cima os nubentes entre padrinhos e convidados.

FIGURAS E FATOS

ANIVERSARIOS DA SEMANA

11 — Sra. D. Elza Pitombo, Sra. D. Laura de Lacerda Ribeiro Dias. Senhores Dr. João Batista Lusardo, Dr. Léo de Alencar; general Dermeval Peixoto; Dr. Alceu de Amoroso Lima; Sr. Osvaldo Lopes de Castro; menino Luiz Eduardo Maciel do Nascimento.

12 — Exma. Sra. D. Darcy Sarmanho Vargas; Sra. Olga Ferreira; Sta. Dulce Marilda; Osvaldélia Rebelo Peganha; Snr. general Pedro Aurelio de Góes Monteiro; Sr. Ivan Dias Braga; Dr. Alfredo Conrado de Niemeyer.

13 — Sra. Hercília Cordeiro de Paiva; poetisa Hildete Favila; Sra. Emerenciana Esteves das Dores; Sr. professor Oscar Fontenele; major Carneiro de Mendonça; Sr. Mozar da Gama; Dr. Bento de Barros Pimentel; comandante Carlos Paraguassú de Sá.

14 — Sra. D. Risoleta Moura Bandeira; senhorinha Neuza Ramos; Se-

nhores Dr. Odylo Costa Filho, Dr. Mario Brant, Dr. José de Gervais.

15 — Sra. D. Alzira Souto; Sra. D. Ivete Afonso de Carvalho, Sra. D. Helena Gomes da Silva.

Sr. Desembargador Burle de Figueiredo; Dr. Augusto Pinto Lima, Dr. Mario de Oliveira Rego, Sr. Otavio Fernandes Gofredo, Dr. J. Caribé da Rocha.

16 — Sra. D. Maria da Conceição Gaspar; Sta. Osvaldina Vieira. Senhores: Dr. F. T. da Cunha Mello, desembargador Dr. Mario Caiado de Castro, almirante Raymundo de Mello Braga de Mendonça, comandante Alipio Costalat, Dr. Vieira de Mello.

17 — Sta. Clarita Niskier, Sta. Zurita Galvão Peixoto. Senhores: professor Dr. Afranio Peixoto, Dr. Henrique Figueiredo Vasconcelos, general Mauricio Cardoso; coronel Angelo Mendes de Moraes; jornalista Gilberto Figueiredo Pimentel.



EXPOSIÇÃO PAULO GARGARIN — Realizou-se no dia 1 do corrente a abertura da exposição de pintura de Sr. Paulo Gargarin. Ao salão nobre do Palace Hotel, onde é a mostra, compareceram elementos destacados de nossos meios artisticos e sociaes. Estão expostos, ao todo, setenta e seis quadros. Esta fotografia foi colhida momentos após a inauguração referida.



JACY REGO BARROS — Flagrante colhido no dia 27 de novembro p. findo, na Escola Nacional de Musica, nesta capital, quando o escritor Jacy Rego Barros pronunciava sua conferencia a proposito do tema "O Frevo Pernambucano". O conferencista foi muito aplaudido, após desenvolver o assunto com brilho e conhecimento invulgares.

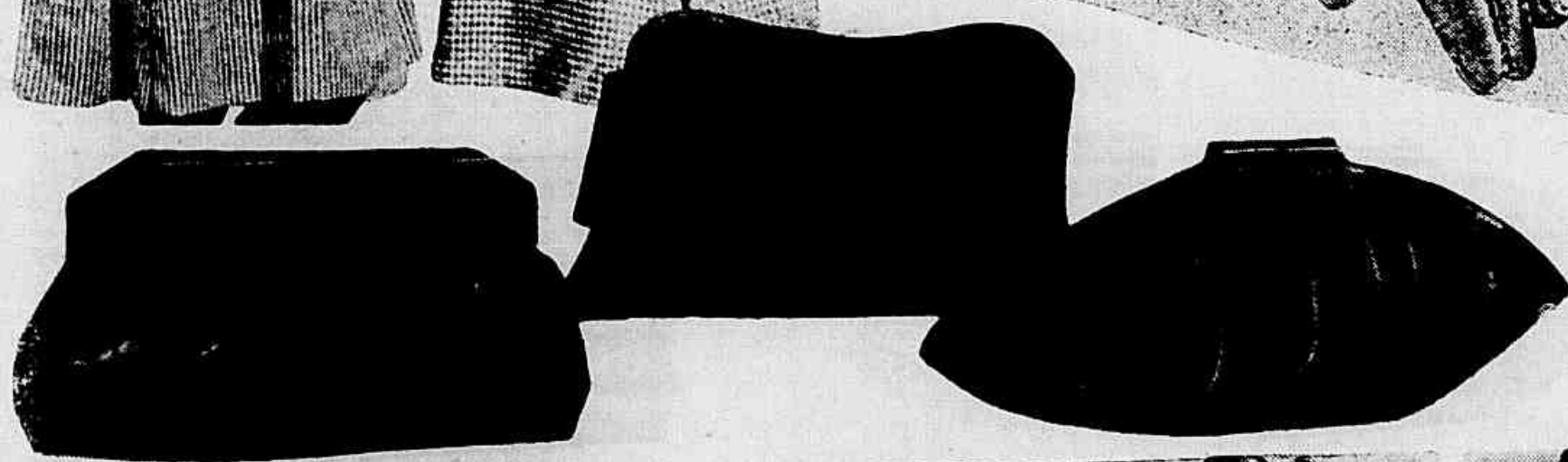
CORRESPONDENCIA

Para o enxoval de Clara Maria

UBERABA — MINAS

"Conforme me pediu aí vai um pouquinho de tudo: combinações, "liseuse" em rayon estampado, e "robe de chambre" — ambos de Collin's — U. S. A. — e vestidinhos ligeiros que podem ser confeccionados em linho, algodão estampado e seda, além de modelos recentíssimos de bolsas e luvas.

Gostou?"

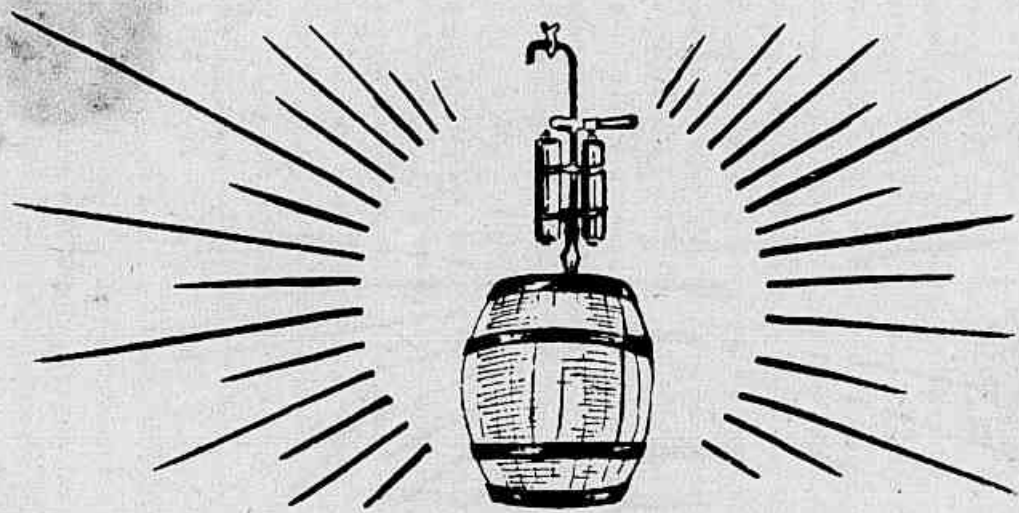


ANIVERSARIO? O fereça CHOPP!



...e terá alegria em casa!

O chopp ANTARCTICA é e será
sempre a bebida predileta nas festas,
por suas qualidades de frescura e leveza.



NÃO SENDO DE BARRIL, NÃO É CHOPP!

UM PRODUTO
ANTARCTICA

A.302

Continua al

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

ULTIMO LANCE

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 19)

Vermelho!

E o ouro começou a avultar defronte d'ele.

Vermelho ainda!

E as moedas iam formando já um cômodo de ouro defronte daquela figura estática, da qual só se viam distintamente as duas mãos, muito brancas, ligeiramente veias de azul puro.

Ainda vermelho!

E a figura imperturbável parecia agora de todo petrificada. E as duas mãos brancas pareciam fitar escarninhamente os outros jogadores, rindo por entre os dedos fixos.

A imobilidade e a fortuna do singular parceiro começavam a impressionar a todos. Vermelho!

E já os olhares dos homens e das mulheres não se podiam despregar daquele misterioso companheiro de vício, cuja fisionomia nenhum d'elles conhecia ainda, absorvido como até então estivera cada qual no próprio jogo.

Vermelho! Vermelho!

E o monte de ouro ia crescendo, crescendo, defronte daquelas duas mãos que pareciam cada vez mais brancas, mais escarninhas, e mais ferradas ao rosto do jogador imóvel. Vermelho! Vermelho! Vermelho!

E as moedas alargavam a zona inteira, escorrendo por entre os cotovelos do jogador de pedra, e caíam-lhe pelas pernas inalteráveis, e rolavam tinindo pelo chão.

Vermelho! E os jogadores esqueciam-se do próprio jogo para só atentar no jogo do singular conviva; à espera todos que aquelas duas mãos de mármore se afastassem, que aquela escarninha máscara caísse, revelando alguém.

E a cada golpe uma nova riqueza vinha dobrar a riqueza acumulada defronte do sinistro mascarado de mármore. Em vão, ao lado d'ele, uma formosa criatura, com ares de rainha e olhos de *soubrette*, aquecia-lhe havia meia hora a perna esquerda com a sua perna direita; em vão, por detrás da sua cadeira, formara-se um palpitante grupo de mulheres, que riam forte e lhe discutiam a fortuna, apostando, a cada novo golpe da sorte, se o original jogador sustentaria ou não o lance por inteiro.

E já quando o vermelho era ainda uma vez anunciado pelo trêmulo banqueiro, partia de toda a sala uma explosiva exclamação de pavor.

Era preciso tocar a cada instante o tímpano, pedindo atenção e silêncio.

Mas os comentários reproduziam-se, fervendo em torno da estátua feliz. Uns protestavam contra a loucura daquela pertinácia, pedindo para seu castigo um número negro; outros se entusiasmavam com ela e soltavam bravos de aplauso; outros ainda calculavam o ouro acumulado, somando os lances.

E o banqueiro, cada vez mais pálido, tomava com a mão trêmula a bola fatídica, e, a tremer, fazia-a girar na gamela dos números, e, a tremer, anunciava ofegante o número vencedor, que era sempre vermelho.

Cada número vinha acompanhado de um côro de pragas e gargalhadas.

Até que, num desalento do capitão vencido, o banqueiro, dando ainda o último vermelho, anunciou com uma voz de naufrago sem esperanças:

— Banca... à glória!

Mas, nem assim, o imperturbável jogador misterioso fizera o menor gesto; ao passo que em redor d'ele se acotovelavam os viciosos de ambos os sexos e de todas as nações, formando uma rumorosa e irrequieta muralha, ansiosa de curiosidade.

Chamaram-no de todos os lados, em todas as línguas e em todos os tons.

Ele se não moveu.

Tocaram-lhe no ombro; tocaram-lhe na cabeça.

Nada!

Sacudiram-lhe o corpo.

A estátua continuou imóvel.

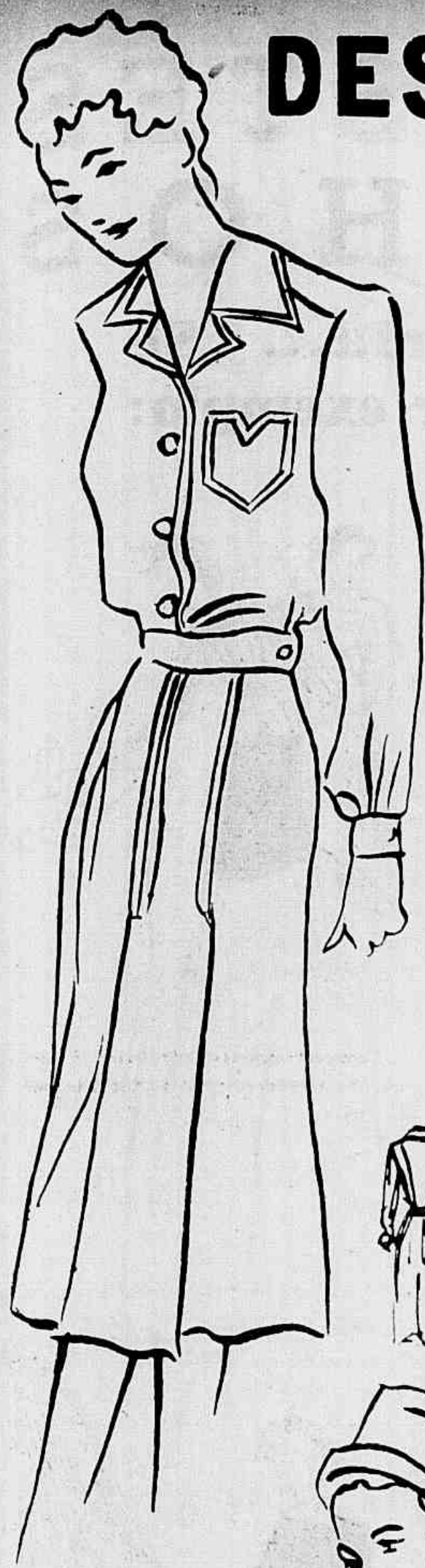
Então, dois homens, tomando cada um uma das mãos do fidalgo, arrancaram-lhas do rosto, enquanto um terceiro lhe levantava a cabeça.

E um só grito de horror partiu dentre toda aquela gente.

Quem à gloria levava a banca e ali estava imóvel a jogar com eles durante a noite, provocado pelas mulheres e invejado pelos homens, era um cadáver frio, de olhos escancarados, a boca semiaberta, e com duas lágrimas compridas escorrendo pela algidez das faces contraídas.

Largaram-no espavoridos; e o morto tombou com a cabeça sobre a mesa, colando o rosto e as mãos de mármore sobre o seu ouro, como se o quisesse defender da cobiça dos outros jogadores sobreviventes, que já discutiam aos gritos a legitimidade daquela posse.

DESFILE DE MODELOS



Se você fosse perguntar
a Schiaparelli
a Valentine
a Germaine Bainville
ou a Linda Leath:
"O que vamos usar
nessa nova estação?"
Certamente responderiam:
"Durante o Verão,
este verão de guerra,
haverá liberdade
para todos os gostos:
saias simples
ou pregueadas,
blusas lisas
ou estampadas;
"jabots" graciosos,
bordados multi-coloridos
e muitos botões.
Costume de seda
de "piqué" e algodão,
e vestidos leves
de "leise" e "rayon".
Baseado nisso,
e para você,
Goulart desenhou
esses lindos modelos.



UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Schiaparelli

**CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
**BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE**

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

MOBILIÁRIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E POSTOS EM AMPLOS MOSTRUÁRIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza n.º 100/10, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afiar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.



GUARDE ESTES CONSELHOS

Cousas que V. não faria... Se soubesse como irritam. Por exemplo:



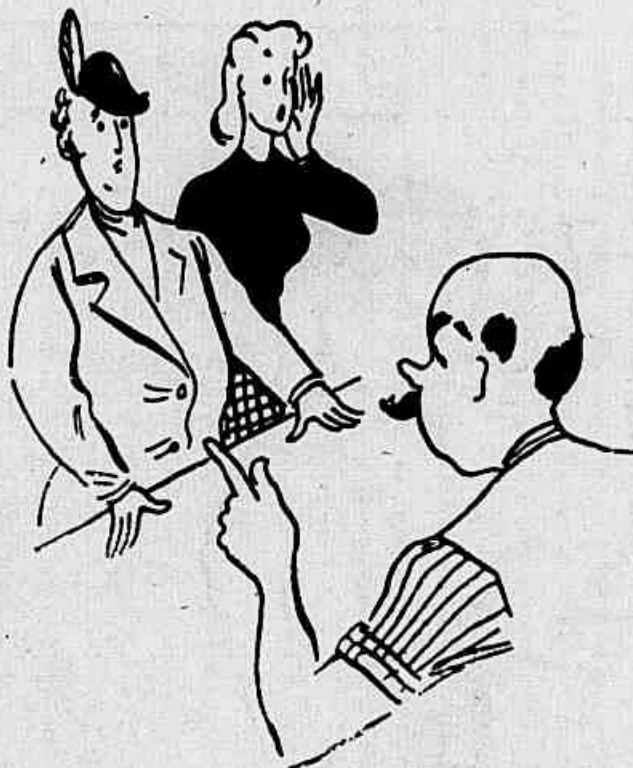
Vestir conjuntos caríssimos incluindo os pequenos chapéus — muitas vezes completamente ridículos — e meias de seda para comparecer a reuniões de mulheres uniformizadas que vão tratar de assuntos de guerra.



Contar sempre "coisinhas" do Serviço de Informação trazidas por seu marido, por seus irmãos ou amigos pela simples vaidade de ser uma pessoa cuja informação é preciosa.



Comprar cremes e produtos de beleza, superfluos, em vez de adquirir coisas úteis.



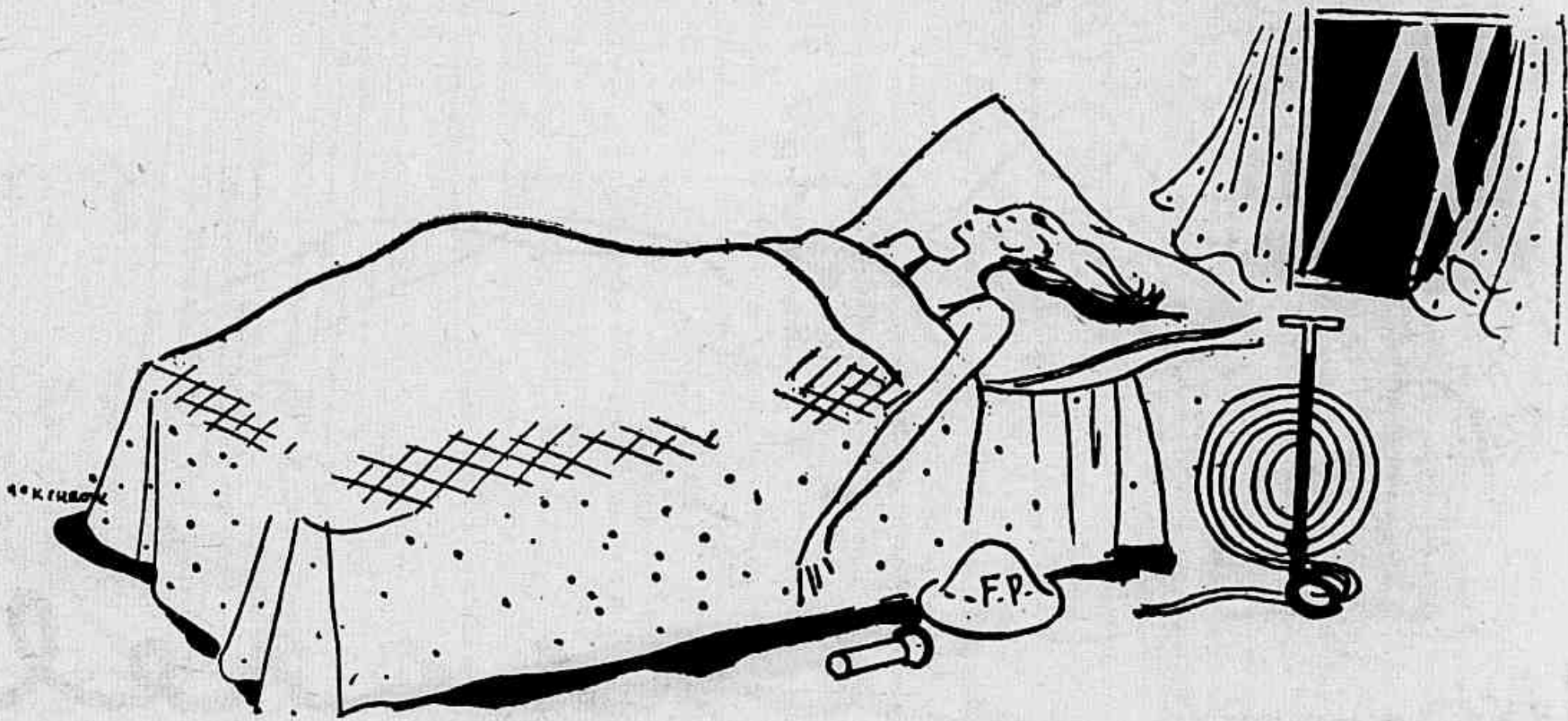
Despender um tempo precioso rondando os grandes armazens e casas de modas com expressões de lobo mau, não para comprar mas sim para ver o que as "amigas" compram.



Permitir que transpareça em pleno tempo de guerra — o seu grande sucesso entre os homens como se fosse vantagem ser uma "femme fatale".



Comprar extra 30 metros de fazenda para o verão seguinte "na hipótese de se casar com John".



Jactar-se assim: "Dormi até o fim do Alerta, querido, embora devesse estar acordada sob o fogo, porque estivera numa festa a noite anterior." Lembre-se que essa sorte de confissão pode apenas desencorajar o homem que, num "front" distante, não tem sequer um minuto para pensar em festas.



Natal

FESTAS DAS CRIANÇAS!

Faça presente aos seus filhinhos das maravilhosas criações da encantadora SECÇÃO INFANTIL da

NOSSA DAME DE PARIS

A casa que mais barato vende em todo o Rio de Janeiro -- Ouvidor, 182

A sua empregada foi embora? Não importa. Porque...



Para começar faça a lista dos pratos da semana e dos ingredientes que deverá comprar para confeccioná-los. Não esqueça as frutas e as conservas, que facilitam muito o trabalho da cozinha.



Para limpar objetos de prata, cristal ou vidro, use água quente saponificada com um pouquinho de amônia, fórmula que poderá ser utilizada para tirar as manchas de um chão envernizado.



Ao sair para as compras coloque, numa bacia contendo água, a roupa que deverá lavar naquele dia. As manchas e a sujeira sairão depois, muito mais facilmente, na hora de ensaboar.



Reserve a tarde de sexta-feira para cozinhar a maior quantidade de alimentos possível para o "week end". Pães, pudins e bolos podem ser completamente preparados. Quanto à carne e aos vegetais podem ser preparados em parte.



No que se relaciona ao mobiliário deve ser limpo com intervalos regulares, principalmente a superfície das mesas. Você poderá fazê-lo usando uma camurça embebida em água tépida misturada a uma boa dose de vinagre.



Enquanto estiver terminando o jantar — no caso de ter dois ou mais convidados — prepare uma espécie de "buffet" com sorvetes, ponche, etc. afim de que os mesmos possam servir-se.



Organize o trabalho de família de maneira que seus filhinhos sintam prazer em ajudá-la nos serviços mais leves, como enxugar os talheres ou polir as torneiras do banheiro.



Após seu trabalho na cozinha, limpe a mesa de mármore ou de superfície branca com água e sal ou com qualquer líquido específico no caso.



Limpe os espelhos com um papel de seda bem dobrado e obterá um resultado surpreendente em poucos segundos.

Inflamação dos Rins, BEXIGA E URETRA

AS CAPSULAS BALSAMICAS CRUZ VERDE com batem a dor e a inflamação, seja qual for a origem da doença. Em tubos com 12 capsulas.

Um coração e uma seta

(Continuação da pág. 15)

tanto ela estava fazendo justamente o que ele lhe havia pedido: que fosse valente e sensata. Estava sentada do outro lado de sua secretária, tão jovem, tão adorável — e tão desolada! O rosto lindo, lívido e sereno, toda alegria e animação apagadas, mantinha-se rigidamente, enquanto o coração dele se derramava sobre ela.

— Mas Hugh, quem poderia tê-lo assassinado? — perguntou ela afinal. — Ele era dessa espécie de homens que não tem um inimigo no mundo.

— Eu sei — disse o comandante Warren. — Não posso desconfiar de quem seja o assassino. Não há um indício. O furacão abafou o barulho do tiro. — Deitou um pouco de conhaque — Beba, Nancy.

Ela obedeceu com uma docilidade mecânica.

— Você sabe que eu sou louco por você, Nancy, e que embora fique sempre no sétimo céu, quando você está a bordo, me sinto também no auge da infelicidade porque sei que não há a menor esperança.

Já haviam discutido isso muitas vezes antes. Ela concordou com um aceno.

— Portanto, tudo o que eu disser será apenas porque eu sinto que devo dizer.

— Naturalmente!

— Nancy, embora você só se tivesse encontrado com Peter a bordo, ele já estava apaixonado por você, não estava?

— Estava.

— E você por ele?

— Eu o apreciava muito, Hugh. Mais do que a maior parte dos homens que eu tenho conhecido, penso. Mas, apreciar e amar não são a mesma coisa. Eu penso que sou mais inteligente do que pareço. Não sou uma pequena que "fica apaixonada" por todo homem simpático que olha para mim.

— Eu sei disso. Mas aqui é que bate a tecla. Você é a filha do falecido George D'Arcy Graystone, noutras palavras uma das pequenas mais ricas do mundo. Há pelo menos três homens viajando no *Saronia* que não estariam viajando se você não estivesse a bordo. Qualquer deles daria a mão direita para casar com você.

Uma expressão de horror cruzou o rosto da moça.

— Hugh, você não está sugerindo...?

— Não, minha cara. O que estou fazendo é antecipar o que Scotland Yard vai sugerir. Aqui há três homens cujos nomes andaram ligados ao seu, no passado, cuja carreira, você quase poderia dizer, tem sido tentar casar com você. De repente, aparece um cavalo negro, e em poucos dias se torna quase um favorito no *betting*, pois você não fez segredo de sua preferência, fez?

— Nem faço nenhum segredo de minha preferência por você.

O comandante Warren deu uma risadinha. — Eu sou aceito como parte do cenário, quando você viaja no *Saronia*.

— Mas ninguém que esteja no seu juízo vai pensar que David ou Spencer ou o Conde fossem cometer um assassinato por minha causa.

— Tem sido cometidos assassinatos por muito menos. Você e seus milhões podem ser considerados pela lei como um motivo suficiente para quase tudo. E eu receio que você de qualquer modo se veja comprometida. Além de suas iniciais, que podem ter algum significado, há isto. — Tirou o baton duma gaveta e o passou a ela. — E' seu, não é?

— Naturalmente que é.

— Quando foi que você o viu a última vez, Nancy?

— Como é que eu poderia saber? Eu tenho meia dúzia iguais. São feitos especialmente para mim, em Paris. Nem ao menos senti falta deste.

— E' uma pena. Eu gostaria que você o tivesse reclamado como perdido. Você não o teria dado a Peter para guardar ou para uma coisa semelhante?

— Não, tenho a certeza.

— O pior é que o garçon o apanhou e todos viram. O dr. Mc Gregor é uma das poucas pessoas vivas que não

adoram você. Ainda mais, ele é escocês e teimoso como são os escoceses. Ele fará questão que este indício seja apresentado. Você sabe, foi achado junto do cadáver, e o coração e a seta foram desenhados com ele.

Com um calafrio ela empurrou para longe o baton com a sua alucinante ponta vermelha igual a uma língua estirada.

— Eu preciso dizer a você que não sei de nada?

— Meu bem! — o comandante Warren pousou a mão morena sobre a pequena mão branca que estava fria como gelo.

— Mas, como foi que isto foi parar lá?

— Quem é que sabe? Mas você compreende que, sob um ponto de vista policial, isto liga seu nome ainda mais à tragédia. E você sendo quem é tornará tudo muito pior. A imprensa cairá no seu rasto, como uma matilha de lobos.

— Oh! — disse ela eliminando isso tudo — Eu não tenho importância. E' Peter que importa. Peter assassinado... e por quem?

O comandante Warren conhecia o mar e seu navio. O tempo amainara pelo meio dia e o assassinato era o único tópico de conversa a bordo do *Saronia*.

Passageiros, emergindo um tanto estropeados depois do temporal da noite anterior, acharam imediato refrigério nas surpreendentes notícias transmitidas de pessoa a pessoa em cada encontro, sem mesmo haver tempo para convencionais cumprimentos ou comentários da tempestade.

— Já ouviu dizer? Houve um assassinato!

— Um assassinato? Não!

— Sim. E bem no seu convés. Aquele jovem, Peter Vernon.

— O que! Joguei ping-pong com ele. Não posso acreditar.

— Eu também não podia acreditar. Mas é a verdade. Todo o mundo sabe. Ele foi encontrado morto com o traje de jantar, e na parte mais estranha da camisa tinha desenhado um coração e uma seta e as iniciais de Nancy Graystone. Quem quer que tenha cometido o crime usou o baton e o abandonou junto do cadáver.

— Não diga!

Os cochichos correram pelos passadiços, pelo grande hall, pelo solário, pelo ginásio, por todos os cantos do navio — até mesmo pela *nursery*, onde as amas das crianças falavam ao mesmo tempo, observadas pelos olhos arregalados dos garotos. A tristeza espalhara-se pelo feliz *Saronia* e uma excitação mórbida campeava.

— E' uma delícia pensar — disse o coronel Brown, bebendo seu *gin-and-bitters* — que entre nossos amáveis companheiros há um assassino.

Essa idéia calara em muitos espíritos. Velhas damas tremiam e enrolavam suas mantas mais intimamente em torno dos corpos; olhares dardejavam suspeitas veladas; os espíritos e as línguas de caluniadores diletantes andavam ocupados. Barreiras sociais caíam por terra e pessoas que mal se ouvira falarem antes tornavam-se loquazes.

Miss Forbes, por exemplo. Era uma mulher pequena, esgalgada, que parecia ter muito mais do que seus trinta e cinco anos. Se algum dia ela fora jovem e bonita, o que era possível, seus encantos haviam murchado rapidamente, deixando-a seca e tesa como uma bengala. Sob o impulso da excitação geral, os olhos brilhavam-lhe como os de um gato, no rosto pálido, e, embora ela tivesse tido pouca coisa de interesse geral a dizer anteriormente, enovelada na sua concha, agora se dirigia sem constrangimento ao grupo no salão.

— Foi um pressentimento — disse miss Forbes. — Eu me senti perturbada desde o princípio da viagem, e absolutamente não me surpreendi ao saber que a pequena Graystone estava envolvida no caso.

— Eu nunca falei com ela.

— Você nunca terá essa oportunidade. Você não é homem.

— Porém ela tem um ar sempre adorável.

— E' coisa bem fácil para ela, com todo o dinheiro ganho com o suor de operários mal pagos. Todos os homens a bordo correm atrás dela, como se se tratasse da própria Venus. Realmente, eu tenho tido nojo! E o comandante é o pior do bando. Acompanha-a como um perseguidor, e não sabe dar às pessoas respeitáveis uma palavra sequer. A gente pensaria que isto é seu fato particular. Os passageiros decentes merecem muita consideração! E a maneira com que se metem na mesa dele! Um dia destes o comandante tentará devorá-la. E todos gritando às gargalhadas e bebendo champanhe! Eu costumava pensar que o *Saronia* era um bom navio para se viajar, mas nesta

viagem mudei de opinião. Não fui capaz de apreciar uma só refeição.

— Ora, deixe disso! Sempre me pareceu que todos se sentiam muito felizes aqui.

— Pois não! Eu apenas sentia não estar metida na froça.

— Lastimo — disse miss Forbes — que não possa compartilhar sua opinião, e agora que um belo jovem está morto suponho que eles estejam mais animados do que nunca.

Todavia, dez minutos depois, miss Forbes estava entrevistando o comissário que, com assassinato ou sem assassinato, continuava a expandir-se rubramente nos seus domínios como um pedaço de bife.

— Agora vai haver um lugar vago na mesa do comandante, Mr. Harker. Poderia eu sentar-me nela?

Até mesmo o homem radiante teve um intempestivo espanto.

— A senhora? — disse ele, e não poderia parecer mais assombrado se ela tivesse confessado ser o assassino.

— E por que não, faça favor? — explodiu miss Forbes. — Sou alguma leprosa? Atravessei o Atlântico no *Saronia* dez vezes e nunca mereci essa delicadeza, provavelmente porque não sou uma mulher imoral que fuma, que bebe e não pensa noutra coisa senão em agarrar os homens.

Mr. Harker fez força para readquirir suas cores rosadas, pois se sentia completamente nú, sem elas.

— Ora, ora, Miss Forbes! — fez com ar brincalhão.

— Eu vou conseguir esse lugar?

— Se eu fosse a senhora, miss Forbes, não quereria semelhante coisa, mas se a senhora insiste vou falar com o comandante. Apenas não conte com coisa alguma. Com toda esta preocupação e tudo o mais, pode ser um bocado difícil.

— Eu pensava — disse miss Forbes — que ele podia

Que é isto, meu amigo? Sente-se cansado, fraco, não está bem disposto?

O que lhe falta é um bom tônico reconstituente

FOSFANISE-SE... NUTROFOSFANISE-SE
tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito.
NUTROFOSFAN nutre, enriquece o sangue,
revigora o organismo, FORTIFICA.
NUTROFOSFAN
é produto dos Laboratórios "VERIS" Rio

ter recuperado o senso e verificado os perigos das companhias levianas com que ele tão evidentemente se compraz. E afastou-se, erecta, mas tremendo.

— Puxa! — disse Mr. Harker — e, esquecendo a postura, pôs-se a coçar o cocuruto da calva rebrilhante.

Embora tivesse esperado os mexericos, o comandante Warren estava furioso com a rapidez e com as minúcias com que as notícias se espalhavam. Os passageiros eram crianças que deveriam ser distraídas com cartas e outros jogos e às quais se devia dar comida e bebida e estimular a fazer exercício até que o navio pudesse devolvê-las ao mundo a que pertenciam. Complicações eram contraindicadas.

E no entanto cada um dos que se haviam reunido no camarote 117 negava ter dito uma palavra a respeito.

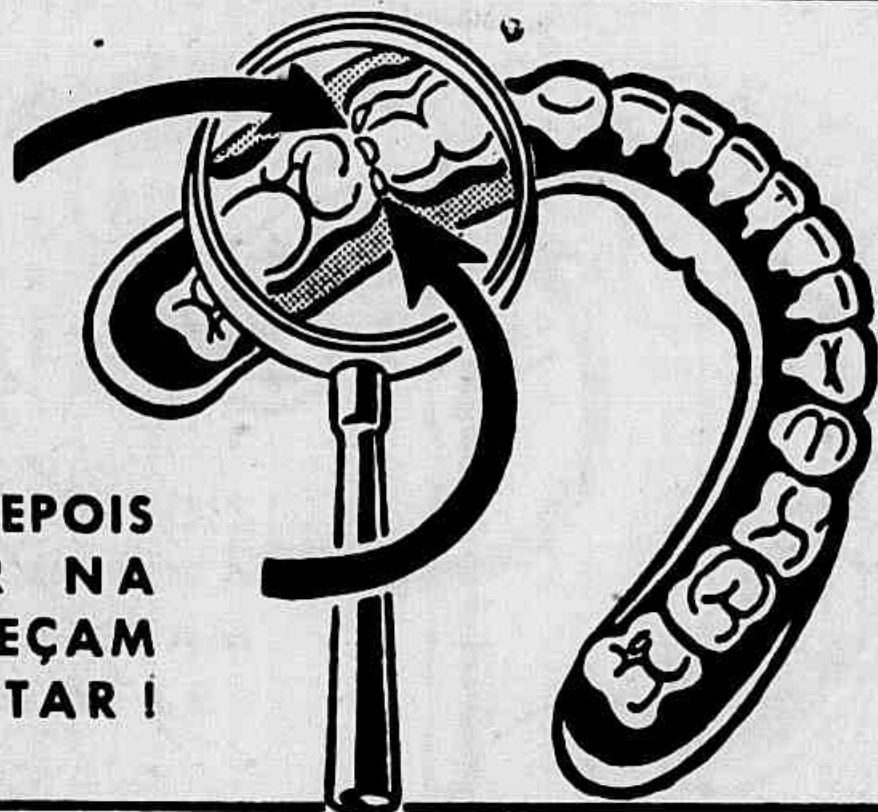
Suas entrevistas com os amigos admiradores de Nancy não adiantaram nenhum esclarecimento. Os três eram camaradas agradáveis, com uma crônica impecável, e todos tão certos da inocência um do outro como da sua própria. Lamentavam a morte trágica de Vernon e estavam profundamente perturbados por causa de Nancy. O que haviam feito na noite anterior era perfeitamente normal e relataram tudo com franqueza. O comandante, com um certo julgamento dos homens, admitiu que nenhum do trio sabia de nada.

— Mas eu não sou Scotland Yard — avisou. — Vocês três tinham a melhor das razões para desejarem ver o rival fora de campo. Receio que vocês vão passar um mau quarto de hora em Plymouth.

O comissário correu os olhos benignamente pelo salão cheio; mas isso era mais um ponto de auto-disciplina do que um reflexo de seus pensamentos íntimos. Ele comparilhava do orgulho do comandante pelo renome de ventura

CUIDADO!
Aqui
atacam os
micróbios!

2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam **2 horas após as refeições**. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

do Saronia e as coisas haviam mudado. Qualquer morte no mar abate o delicado equilíbrio do sistema social, e um assassinato é uma catástrofe.

Em muitas mesas, ao clarão de luzes indiretas, havia murmúrios e os jantares eram constrangidos e sem animação. A orquestra evitava música "quente". Até mesmo os garçons entregavam-se às suas obrigações como se estivessem funcionando numa cerimônia fúnebre, em vez de estarem servindo os pratos mais agradáveis do mundo.

Mr. Harker indagava de si mesmo se miss Forbes ainda queria sentar-se à mesa do comandante. Por simples formalidade havia transmitido o pedido.

— Tubarões sofredores, não... ela, não — tinha dito o comandante. — Vou deixar o lugar vago. Não... isso apenas serve para lembrar mais o que aconteceu e estragar o apetite dos outros. Ponha nele o coronel Brown.

O coronel detestara aceitar a promoção, mas tinha o sentido do dever, e portanto ocupou a cadeira do morto como se fosse uma fortaleza que tivesse de ser mantida. Era estranho ver-lhe a cara vermelha, no lugar onde deveria estar o rosto de Vernon.

Em atenção ao comandante, os que ocupavam a mesa principal tentavam manter-se como nas noites anteriores, quando eram animados e barulhentos em excesso. Mas era impossível e impróprio recapturar aquele tom. Garrafas de gargalo dourado não traziam animação. De fato, o champanhe era servido em pensativo silêncio, como se fosse um concurso de provadores de vinhos.

Miss Forbes, no seu canto, não tinha motivos para queixas em nome do decoro.

Assim as nuvens não se dissipavam. Essa travessia do Saronia era um embrulho dos diabos e nada podia amenizá-la.

Naturalmente, embora simpatizando com miss Graystone e não tendo nada a sugerir contra ela, todos se afastavam da rica herdeira. Era apenas por discreção. E ela, por sua vez, evitava o mais possível as companhias.

O comandante Warren jamais fizera uma viagem tão miserável, e no entanto, a última noite foi tocada por uma alegria tão viva que ele não podia acreditar.

— Escute, Velho Fiel — dizia Nancy, ao passearem os dois pela ponte inferior. — Eu não estava apaixonada por Peter. Creio que sei qual é o homem de quem gosto realmente, e é tempo de deixar de ser centro de tempestades. Agora, não, ainda não, mas efetivamente e no devido tempo, estou certa de que darei uma excelente esposa de marinheiro — e não é que esteja falando por um abalo sentimental.

O Saronia tocava Plimouth, mas os passageiros foram informados de que não seria permitido nenhum desembarque antes de atingirem Southampton. O telégrafo sem fio andara ativo. Quando os oficiais do porto se retiraram nas suas lanchas, os que tinham vindo na sua companhia permaneceram a bordo. Os passageiros confundiam-se, agastados mas ainda relutantes em deixarem a cena do crime sem saberem a solução.

Se era que ia haver alguma solução.

O primeiro choque de horror tinha passado e a identidade do assassino ocupava mais as atenções do que o destino da vítima. No salão de fumar lembraram que podia ser uma idéia fazer a lista de todos os passageiros e correr um **sweepstake**, como faziam diariamente no jogo das milhas percorridas.

Era excitante pensar que um daqueles nomes pudesse ser o vencedor.

O mesmo pensamento ocupava o inspetor chefe, Grimwood.

— Seria mais fácil manter os suspeitos sob o nosso controle, mas não é possível — resmungava ele. — Não poderemos vigiá-los depois de chegarmos a Southampton. — Parecia preocupado e cansado, pois tivera uma vida

agitada e sem maiores vantagens. — O senhor ainda está diminuindo a velocidade?

— Sim — disse o comandante Warren laconicamente. — Magoava-o pensar que seu navio estivesse regressando ao porto natal, como se houvesse feito, ele próprio, alguma coisa indevida e não tivesse ânimo de enfrentar o fim da viagem.

— Fora de miss Graystone, que outro motivo há? — Grimwood perguntava desesperadamente.

Uma pancada na porta. O quarto oficial e um marinheiro estavam de guarda do lado de fora, para afastar visitantes indesejáveis.

— Quem é.

Mr. Green apareceu, com ar de dúvida.

— Miss Forbes, sir.

O comandante tamborilou com os dedos na secretária. — Diabo, eu não lhe disse...

— Diz ela, sir, que tem informações importantíssimas para dar ao detetive.

— Bobagens! Mande embora essa velha coroca.

— Espere, seria melhor vê-la — interveiu o inspetor. — Eu estou me agarrando em qualquer palha.

Miss Forbes foi introduzida, empertigada, rígida, a boca vincada em linha reta.

— Se pode realmente ajudar-nos, miss Forbes, sente-se. Mas não temos tempo para ouvir mexericos.

— Nome por extenso, faça favor — disse o inspetor.

— Julia Forbes. — Ela estava apoiada no espaldar duma cadeira, os olhos brilhantes e estranhos.

— Vamos, miss Forbes, se faz favor. Eu sou um homem ocupado.

— Ela é a culpada.

O comandante Warren deu um pulo na cadeira.

— Quem? — perguntou o inspetor, curvando-se tão sofregamente para diante que a cabeça se aninhava entre os ombros robustos.

(Continúa na pag. 50)

AGUA DE
COLONIA

Regina

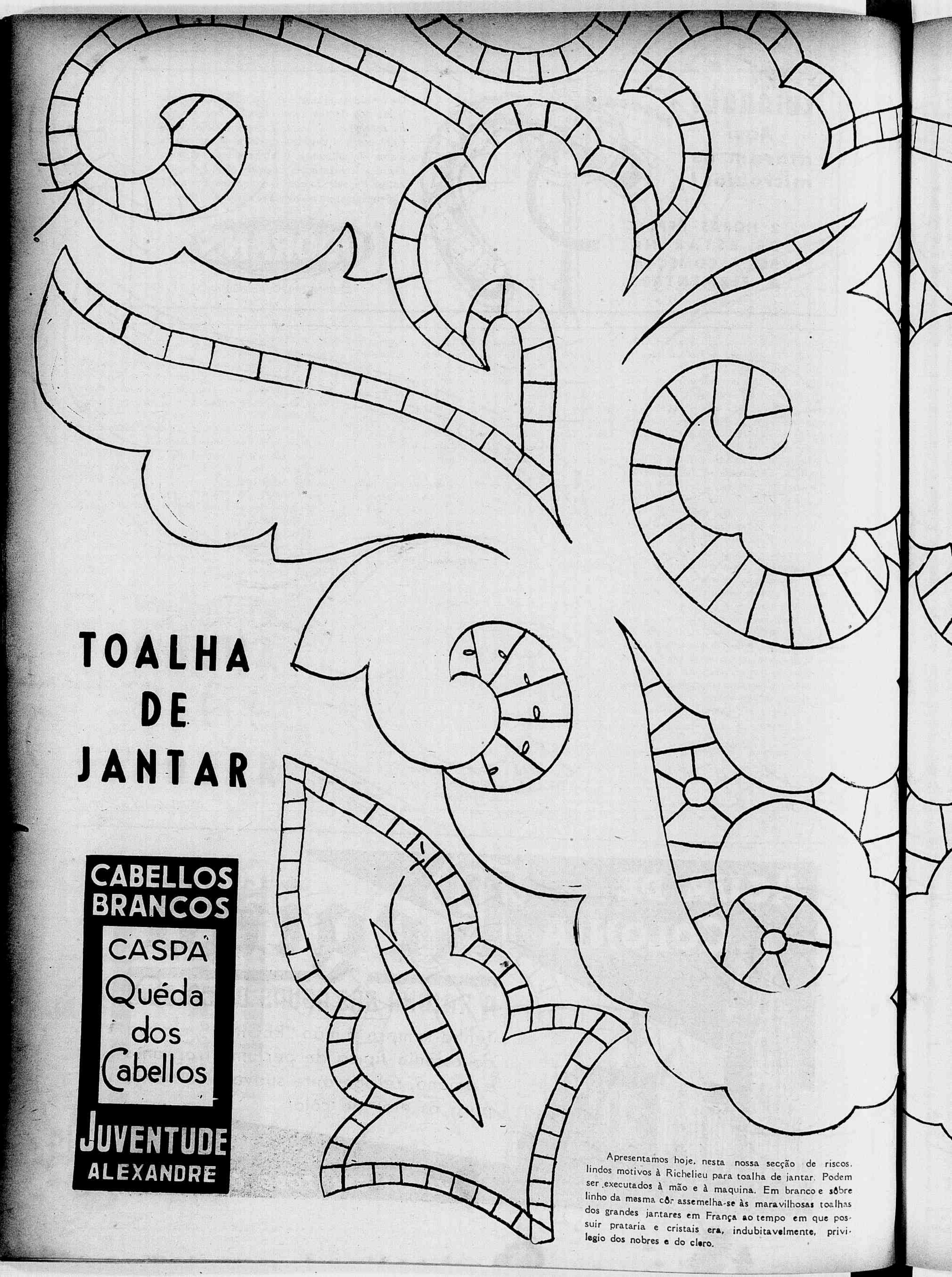
A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.



T. TARQUINO

A' VENDA EM TODO O BRASIL



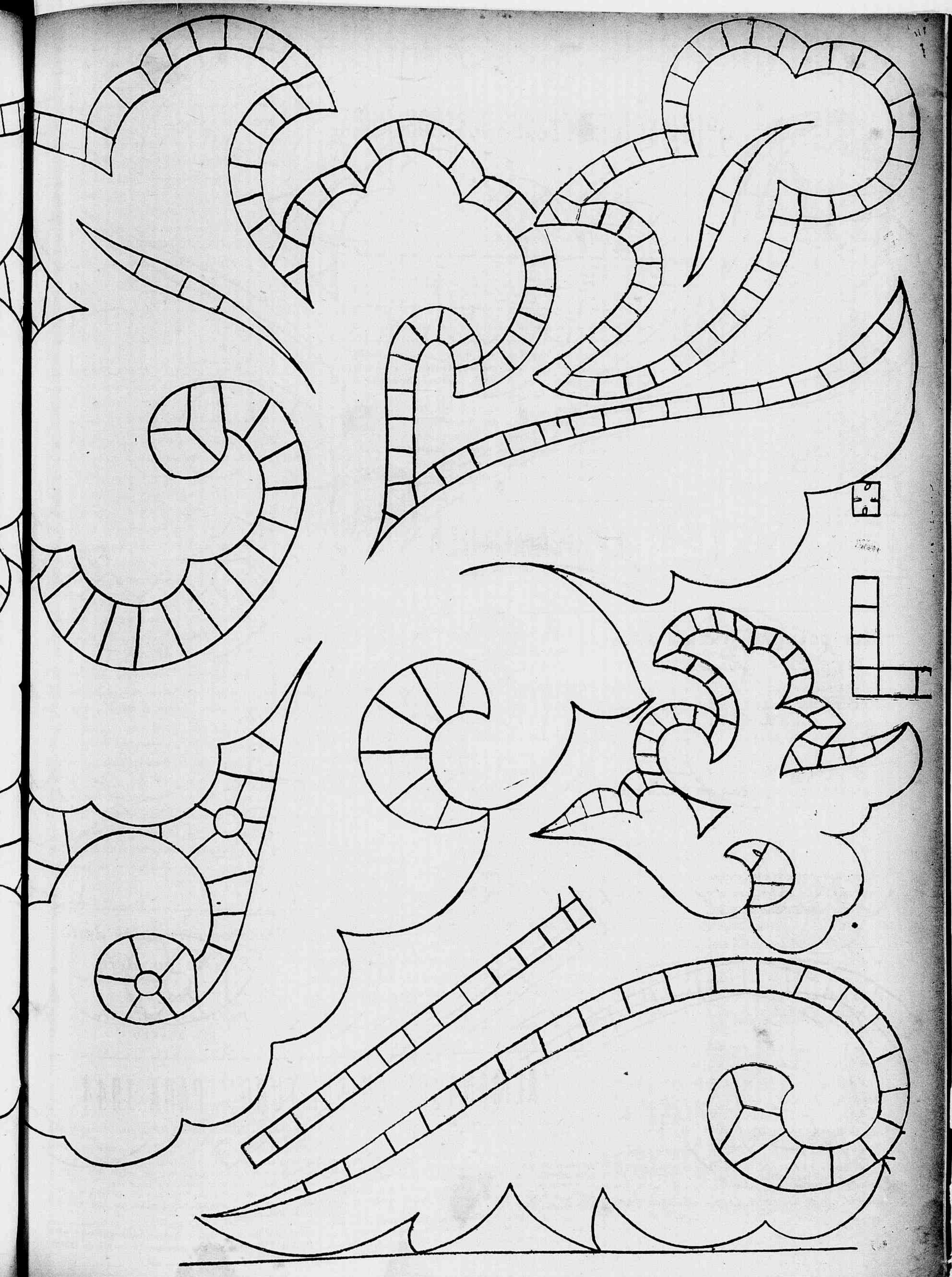
TOALHA DE JANTAR

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Apresentamos hoje, nesta nossa secção de riscos, lindos motivos à Richelieu para toalha de jantar. Podem ser executados à mão e à máquina. Em branco e sobre linho da mesma cor assemelha-se às maravilhosas toalhas dos grandes jantares em França ao tempo em que possuir prataria e cristais era, indubitavelmente, privilégio dos nobres e do clero.





Será o sr. uma dessas pessoas que...



NUMA REUNIAO SOCIAL
... torna-se um eremita, indelicado pelo afastamento e pelo pessimismo de sua rara conversa...

NUM PIC-NIC
... é o que menos se dedica com o exercício, com o ar puro, com a tagarelice gentil de lindas garotas...

NO TRABALHO
... está sempre indisposto e cansado, ao passo que outros produzem muito mais sem qualquer esforço?

Se o Sr. é uma dessas pessoas, está doente. Talvez o Sr. nem sequer sinta uma dor, porque isso é má digestão, e a má digestão nem sempre é dolorosa. Mas produz uma sensação de cansaço, um constante mau humor, uma misantropia inexplicável, gases, flatulência e uma série de outros sintomas que o tornam menos querido entre os amigos e menos eficiente para vencer na vida. Entretanto, o caso é simples porque contra a má digestão e seus sintomas, nada mais decisivo existe que **PEPTOCAMOMILLA** (macela, pepsina, gengiana e outros elementos de poderoso efeito)

MODO DE USAR PEPTOCAMOMILLA

Para ação rápida: 1 colher das de sopa, diluída em 1 cálice d'água. Como preventivo diário: 1 ou 2 colheres das de chá diluídas em água.

ELIXIR PEPTOCAMOMILLA

UM PRODUTO DO LABORATÓRIO CRUZ VERDE



Um coração e uma seta

(Conclusão da pag. 47)

— Aquela pequena libertina, a pequena Graystone.

Os dois homens caíram sentados, piscando os olhos para ela, e houve um silêncio, pesado e vazio, que o bater das máquinas não perturbava. Miss Forbes ficou muito direita, as mãos no regaço, a cara sem expressão, exceto pelo brilho dos olhos.

O inspetor engoliu a surpresa com um trago. — Isto é muito sério, miss Forbes. A senhora está dizendo que miss Graystone matou Peter Vernon?

— Estou dizendo. De acordo com os meus princípios, com os princípios de qualquer mulher honrada, a força é muito pouco para uma criatura como aquela. Os homens devem ser loucos... completamente loucos... para ficarem fascinados por ela. Se eu pudesse...

— Um momento, um momento — interrompeu-a violentamente o inspetor, enquanto o comandante continuava a olhar fixamente, em muda consternação. — Não temos nada com o que a senhora pense. Nosso único interesse é saber o que a leva a fazer esta acusação terrível. Vá direto ao assunto. A senhora quer dizer que ela deu um tiro nele?

— Eu não digo que a mão dela efetivamente segurasse o revólver, mas digo que sob um ponto de vista moral ela o matou, mesmo se ele tivesse dado o tiro em si mesmo.

— Ah! — respirou o comandante Warren. — Mas como a senhora sabe disso?

— E que fim levou o revólver? — lembrou o inspetor.

— Aconteceu que eu ia passando pelo corredor, tarde da noite. Ao passar pela cabine dele, ouvi um estampido. Empurrei a porta que estava aberta e o vi morto. Então apanhei o revólver e fui para meu camarote.

O comandante estourou uma praga.

— Por que a senhora não me disse isto antes e evitou toda essa complicação?

— Não me perguntaram. Eu viajei neste navio dez vezes e nenhum de seus oficiais se dignou dirigir-me uma palavra delicada. Eu nunca fui convidada a sentar-me na sua mesa, o que era um direito. Não vi razão para ajudar a ninguém, antes da polícia chegar. A polícia, como boa cidadã, é que estou contando minha história.

Outra pancada soou na porta, e, embora não houvesse resposta, o médico da polícia entrou, seguido pelo dr. Mc Gregor.

— Desculpe-me um momento, inspetor — disse ele. — Tenho alguma coisa que talvez o ajude, mas se o senhor estiver ocupado, lhe darei os detalhes depois. Fizemos a autópsia. Se aquela bala não o tivesse morto, ele morreria dentro de seis meses de qualquer forma. O coração era uma coisa louca.

O inspetor Grimwood esfregou as mãos.

— Sim, doutor, eu sei — disse ele, animadamente — acabamos de saber que foi suicídio. — Os mortos algumas vezes dão um bocadinho de trabalho, e este parecia ser um surpreendente exemplo do fato. Mas, agora, em segundos, a carga lhe fôra arrancada dos ombros.

Miss Forbes abriu a bolsa.

— Aqui está o revólver com as iniciais dele no cabo. Está tal qual eu o achei. Também havia este bilhete, Grimwood lho arrancou da mão.

“Prezado comandante — leu ele. — Quando tiverem a autópsia, Nancy compreenderá porque achei melhor sair do caminho antes de me afundar mais e acabar talvez comprometendo-a. O que o meu coração disser não é adequado ao amor. E no entanto... no entanto... é somente amor que há por Nancy. Posso escrever isto agora calmamente. Nunca entretanto poderia dizer a ela. Desculpe-me todo o incômodo que lhe vou causar. Desejo-lhe a sorte que não tive. Se o voto der certo, tome conta dela, Peter Vernon.”

Por muito tempo o círculo de homens olhou para miss Forbes sem vê-la, e depois os olhos do comandante se aclararam. Pôs-se de pé num relance e marchou para ela, como uma terrificante figura de fúria e de desespero.

— Diabo velho sem entranhas — disse ele, a voz carregada rolando no fundo da garganta. — Eu lhe torceria o pescoço com prazer. Você achou o baton de Nancy e o guardou à espera duma oportunidade. Usou-o para fazer as iniciais dela e o coração na camisa dele. Você tinha resolvido que ela devia ficar comprometida. Queria vê-la sofrer e passar vergonha. E foi você que espalhou toda a história pelo navio. Você...! — Não pôde continuar. Não havia palavras que bastassem. Parou arquejante, os punhos cerrados.

— Por que haveria de continuar lampeira a pequena libertina? — perguntou miss Forbes. — Ela craveu uma seta no coração dele e o fez matar-se.

Uma espécie de fragil fio de força que nada parecia capaz de romper mantivera-a esse tempo todo, mas de repente abriu-se numa torrente de lágrimas. Não havia esperança alguma! Como poderia dizer ao bonito Hugh Warren que o amava desde o primeiro dia da viagem que fizera com ele, que o amava desesperadamente, com toda a contida paixão de seu temperamento? Como poderia fazê-lo compreender que por sua culpa todo aquele amor maravilhoso azedara em ódio? Como poderia abrir-lhe os adorados olhos cegos para a riqueza que recusara por causa da pequena Jezebel? Como poderia explicar-lhe que quasi bastaria ter-se sentado, uma vez ao menos, na sua mesa?

Numeros atrasados desta Revista no Acre

pedir a
Diogenes Oliveira
RIO BRANCO

“ALMANAQUE EU SEI TUDO” PARA 1944

Circulará em todo país na segunda quinzena deste mês a grande edição do “ALMANAQUE EU SEI TUDO” para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos,

terá no “ALMANAQUE EU SEI TUDO” um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o “Livro dos mil assuntos”, não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.**



GUERRA SEM QUARTEL AO MAIS CRUEL DOS INVASORES!

A humanidade está combatendo hoje, com determinação e êxito, um inimigo com o qual não pode haver nenhuma parlamentação — nenhum armistício. Este inimigo ataca não somente no campo de batalha, como também no lar. O soldado, o operário, a mãe e a criança inocente, todos são igualmente vítimas do seu ataque. Este inimigo chama-se ENFERMIDADE e os seus nomes são muitos — tifo, malária, disenteria, cólera, difteria. A guerra é a sua aliada e a ignorância a sua serva.

Os soldados da ciência estão obtendo grandes vitórias nesta frente de batalha silenciosa. A habilidade, as pesquisas, o aparelhamento moderno de laboratório e métodos aperfeiçoados de tratamento estão salvando vidas sem conta.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Selo da Casa Squibb — um nome de confiança.

Soldados que antes teriam sucumbido às febres e infecções ou teriam morrido em consequência de ferimentos, agora se restabelecem e voltam aos seus postos. E nos lares a saúde é protegida, sendo cada vez menor o índice de mortalidade.

Estreitamente ligado a estes grandes progressos da ciência médica se encontra o nome Squibb. Há mais de 85 anos que esta grande Casa vem se dedicando ao serviço da humanidade e todo produto que traz o seu nome merece inteira confiança — seja um dentífrico, um produto vitamínico, um preparado medicinal para o lar ou um soro ou vacina para o hospital. Quando comprar, veja se o produto tem o Selo da Casa Squibb — pois Squibb é um nome de confiança.

E. R. SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ